MUSEU DE ARTE DO RIO

# UM MUSEU DE GRANDES NOVIDADES

RELATÓRIO DE GESTÃO QUADRIENAL
**2024 | 2023 | 2022 | 2021**

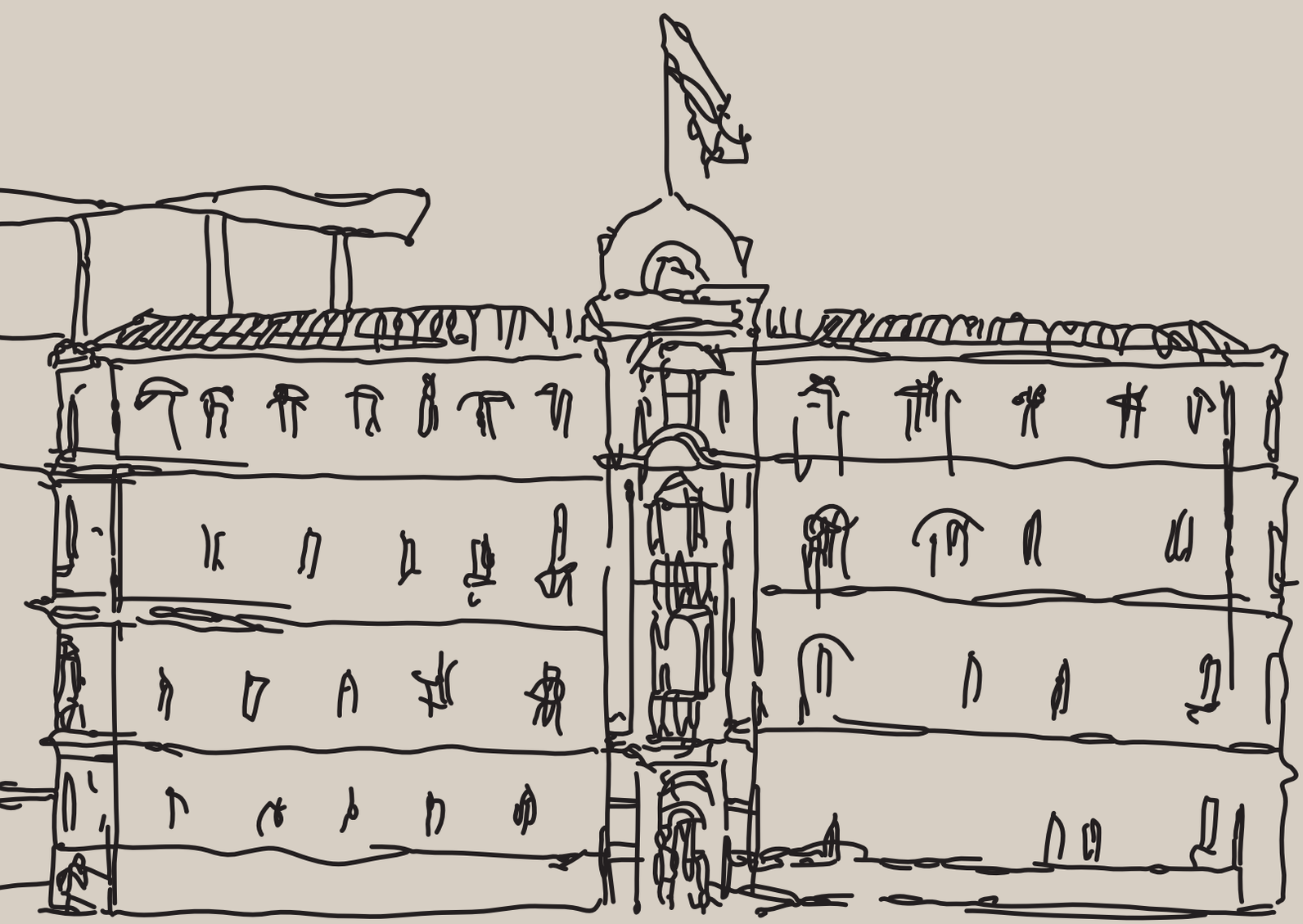


FOTO: THALES LEITE

RELATÓRIO DE GESTÃO QUADRIENAL

**2024 | 2023 | 2022 | 2021**

MUSEU DE ARTE DO RIO

UM MUSEU DA PREFEITURA DO RIO

PREFEITURA RIO | Cultura

GESTÃO

OEI

FICHA CATALOGRÁFICA RELATÓRIO DE GESTÃO CDU 069:7(81-21)(047):005.93

M986 UM MUSEU DE GRANDES NOVIDADES: relatório de gestão quadrienal 2024 | 2023 | 2022 | 2021
Organizador: Marcelo Henrique Andrade
Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2025.

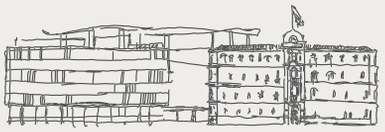
172 p.: il. color; 22x30cm

ISBN 978-85-60226-18-4

1. Gestão - Cultura. 2. Museu de Arte – Rio de Janeiro. 3. Relatório de Gestão. I.Andrade, Marcelo Henrique II. Museu de Arte do Rio. III. Organização dos Estados Ibero-americanos.

CDU 069:7(81-21)(047):005.93

BIBLIOTECÁRIA: KAREN MERLIM – CRB-7 /7101



# SUMÁRIO


21 EXPOSIÇÕES
23 EXPOSIÇÕES 2024
24 RIO CARNAVAL
25 ABOLICIONISTAS BRASILEIRAS
27 BLOCO DO PRAZER
28 NHE'E PORÃ: MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÃO
29 PAMURI PATI - MUNDO DE TRANSFORMAÇÃO
30 TÊTA - LIDIA LISBOA
31 RENUNCIAR/MOBI
32 IMAGEM E SEMELHANÇA
33 BRÍGIDA BALTAR: PONTUAÇÕES
34 IDEIAS RADICAIS SOBRE O AMOR: PANMELA CASTRO
35 ELISA MARTINS
36 ATLÂNTICO FLORESTA
37 ZIMAR
38 PRIMO DA CRUZ
39 ARTRIO

41 EXPOSIÇÕES 2023
42 UM GRITO DE OUSADIA E LIBERDADE
46 TODOS IGUAIS, TODOS DIFERENTES? - PIERRE VERGER
47 A CONSTRUÇÃO DO MAR E A PEQUENA ÁFRICA
48 LUZ NO CAMINHO - LEOA
49 O BASTARDO, O RETRATO DO BRASIL É PRETO
50 REVENGUÊ: EXPOSIÇÃO CENA
50 DE YHURI CRUZ
51 CÉSAR BAHIA: UMA POÉTICA DO RECOMEÇO
52 ÒNÀ IRIN: CAMINHO DE FERRO
53 JAIME LAURIANO: AQUI É O FIM DO MUNDO
55 CAROLINA MARIA DE JESUS: UM BRASIL PARA OS BRASILEIROS
57 NARRATIVAS EM PROCESSO: LIVROS DE ARTISTA NA COLEÇÃO ITAÚ CULTURAL
58 CONFLUÊNCIAS: ENTRE RUAS, ESCOLAS E MUSEUS
59 BRASIL FUTURO, AS FORMAS DA DEMOCRACIA.
60 OCUPAÇÃO BORI: O FILME + COLEÇÃO DO MAR - AYRSON HERÁCLITO
61 LAROYÊ, GRANDE RIO
62 GIRA DA POESIA: 15 ANOS DE SLAM NO BRASIL
63 ARTRIO

65 EXPOSIÇÕES 2022
67 UM DEFEITO DE COR
69 J. BORGES: O MESTRE DA XILOGRAVURA
70 PIXINGUINHA
71 OLHARES E RELEITURAS
72 ELEONORE KOCH
73 COLEÇÃO MAR E A ENCICLOPÉDIA NEGRA
74 GIRA - JARBAS LOPES
75 BEIRUTE: CAMINHO DOS OLHARES - DIA MRAD
76 RAMIFICAR
77 LATARIA ESPACIAL
78 REVIRAR
79 34ª BIENAL DE SÃO PAULO FAZ ESCURO MAS EU CANTO
80 AGNALDO MANUEL DOS SANTOS
81 TER HISTÓRIAS E TERRITÓRIOS
82 CLARA NUNES
83 MARGENS, LUDOVIC CAREME
84 IMPRESSÕES À BEIRA MAR
85 ARTRIO

87 EXPOSIÇÕES 2021
89 CRONICAS CARIOCAS
91 PAULO WERNECK: MURAIS PARA O RIO
92 BANCA DE JORNAIS NELSON LEIRNER
93 IMAGENS QUE NÃO SE CONFORMAM
94 RUA! NOS PILOTIS
95 YORÙBÁIANO

96 BANDEIRAS

100 UM MAR ITINERANTE
101 OCUPAÇÃO CAROLINA MARIA DE JESUS: UM BRASIL PARA OS BRASILEIROS
102 YORÙBÁIANO, DE AYRSON HERÁCLITO:
103 UM DEFEITO DE COR EM SALVADOR
104 EXPOSIÇÃO MEU LUGAR LEVA PROJETO ITINERANTE DO MAR A NOVOS ESPAÇOS
105 ÒNÁ ÌRÍN: CAMINHO DE FERRO", NÁDIA TAQUARY
106 O MAR DESAGUOU EM PORTUGAL
107 O MAR NA ONU

109 MAR DE MÚSICA

113 UMA ESCOLA QUE É UM MUSEU, UM MUSEU QUE É UMA ESCOLA

125 ACERVO

133 MAR NA MÍDIA

149 UM MAR DE GENTE

153 A ESTRATÉGIA DE PARCERIAS NA GESTÃO DO MAR PELA OEI (2020–2024)

163 OEI E A IMPORTÂNCIA DA COOPERAÇÃO TÉCNICA NA GESTÃO DO MAR

165 AGRADECIMENTO INSTITUCIONAL E NOVO CICLO DO MAR

166 FICHA TÉCNICA

FOTO: BEATRIZ GIMENES

Inaugurado em 2013, o Museu de Arte do Rio é um fenômeno: passados 12 anos desde a abertura de suas portas, o MAR parece fazer parte do dia-a-dia do Rio de Janeiro desde sempre. Essa relação de amor com o carioca pode ser explicada não apenas pelo arrojo de sua arquitetura, que une o contemporâneo ao histórico, mas acima de tudo pela sensação de pertencimento que desperta, num espaço em que a arte reflete as filigranas, a delicadeza, a força e a sensibilidade da cidade e de seus habitantes.

A pluralidade do MAR fica evidente ao relembrarmos tudo que foi realizado em 2024. Exposições que resgataram as estéticas periféricas, a pujança da arte indígena, as releituras do modernismo. Em comum a todas elas: o convite ao questionamento e a novas reflexões.

A mais perfeita tradução da alma carioca, o MAR também realizou a exposição Rio Carnaval recebendo, durante a reunião do G20 os delegados das vinte maiores economias do mundo. O espaço, que sempre se pautou pela pluralidade, foi palco importante para o diálogo democrático e livre entre diversos grupos de engajamento.

O MAR reflete a força e a riqueza imensurável da cultura do Rio e seu legado, com todas as suas contradições, belezas e virtudes, ampliando fronteiras entre arte e vida. Que cada visitante encontre, em seus espaços e exposições, não apenas a história da cidade, mas fragmentos de sua própria trajetória. Que a arte continue a ser uma chave para reconhecer a si mesmo e ao mundo ao seu redor.

**SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA**
**CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

FOTO: THALES LEITE

A Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) tem a satisfação de gerir o Museu de Arte do Rio (MAR), consolidando seu papel vital no cenário cultural ibero-americano. Inaugurado em 2013, o MAR vai além de celebrar a arte: é um símbolo de reconhecimento e valorização de histórias culturais e sociais, especialmente daquelas oriundas de comunidades historicamente marginalizadas.

Nestes mais de dez anos, o MAR se transformou em um epicentro de ideias e expressões artísticas, onde diversidade e inclusão são práticas cotidianas. A OEI e o MAR trabalham juntos para promover o diálogo e a compreensão mútua, enaltecendo a riqueza da diversidade cultural da região. Essa parceria reflete nosso compromisso em valorizar a cultura como um patrimônio público global, enfatizando seu papel essencial na promoção dos direitos humanos e no desenvolvimento sustentável.

No MAR, com seu enfoque na arte e história brasileiras, acontecem reflexões profundas sobre o passado, presente e futuro. Ao lado dele, a OEI promove a arte e a cultura como fundamentos para a educação e o desenvolvimento, essenciais na construção de sociedades mais justas, equitativas e inclusivas. A gestão do MAR está alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 das Nações Unidas, vendo a cultura como um pilar para a tolerância, respeito mútuo e ética global. O museu, sob nossa administração, tornou-se uma referência para outros espaços culturais, demonstrando o poder transformador da arte e da cultura.

A OEI também se dedica a integrar a cultura e a educação na região, estimulando a criatividade e formando um público cultural crítico – algo vital para uma sociedade que valoriza sua diversidade. Com orgulho e humildade, continuamos nosso trabalho no MAR, promovendo a rica diversidade cultural brasileira e ibero-americana. Estamos apenas no início de uma jornada empolgante, onde arte e cultura são vistas como fundamentais para o desenvolvimento humano, diálogo social e um mundo melhor para todos.

**MARIANO JABONERO**

Secretário-Geral da Organização de Estados Ibero-Americanos
para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI)

FOTO: WESLEY SABINO

A cultura tem o poder de transformar realidades, conectar comunidades e dar voz a narrativas que, por muito tempo, foram marginalizadas. Com esse propósito, a Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) assumiu a gestão do Museu de Arte do Rio (MAR), consolidando um modelo de atuação que alia arte, memória e educação como ferramentas importantes no diálogo com a sociedade.

Nos últimos quatro anos, o MAR expandiu suas fronteiras conceituais, procurando fortalecer sua missão como um espaço de pertencimento e formação cidadã. A programação do museu priorizou propostas curatoriais ousadas, que deram protagonismo a novas linguagens, artistas de diversas origens e reflexões sobre identidade, território e ancestralidade.

A Escola do Olhar, por sua vez, fortaleceu sua vocação como laboratório de ideias e experimentação pedagógica. Acreditamos que museus não são apenas espaços de contemplação, mas plataformas para a construção coletiva do conhecimento. Nesse período, desenvolvemos programas formativos que integraram a comunidade, conectando educadores, pesquisadores, vizinhos e artistas em torno de projetos que contribuem para a função social do MAR.

A cidade do Rio de Janeiro, com sua história marcada por contrastes e resistências, foi um eixo fundamental das ações desenvolvidas no museu. A região portuária, onde o MAR está localizado, é um território de memória viva, e o compromisso da OEI foi fortalecer as conexões entre arte e território, destacando narrativas muitas vezes silenciadas.

Nossa gestão também priorizou um modelo de governança inovador, baseado na construção de parcerias estratégicas, ampliação do diálogo com instituições culturais e fortalecimento de políticas de acessibilidade e inclusão. Esses esforços resultaram na consolidação do MAR como um espaço que reflete a complexidade e a riqueza da diversidade cultural brasileira.

O impacto dessa trajetória pode ser medido não apenas pelos números de visitantes ou exposições realizadas, mas pela forma como o museu se tornou um catalisador de transformações. Cada vez mais, o MAR é um espaço de pertencimento e de resistência cultural, reafirmando seu compromisso com a democratização do acesso à arte e a valorização das expressões culturais periféricas.

Este relatório quadrienal sintetiza os avanços alcançados, os desafios enfrentados e as perspectivas para os próximos anos. Seguimos comprometidos em manter o MAR como referência de inovação e diálogo, promovendo um museu cada vez mais plural, acessível e conectado com as dinâmicas culturais e sociais do nosso tempo.

**RAPHAEL CALLOU**
Diretor-Geral de Cultura OEI

FOTO: THALES LEITE

Desde a sua fundação, há 75 anos, a Organização de Estados Ibero-Americanos (OEI) tem se dedicado a promover a arte e a cultura como elementos fundamentais para a educação e o desenvolvimento. Em 2021, por meio da parceria com a Prefeitura do Rio, tivemos a honra de marcar mais uma significativa etapa nessa história, quando a OEI passou a gerir o Museu de Arte do Rio (MAR), tão necessário na cena cultural do Rio de Janeiro e do Brasil.

Nascido a partir do compromisso de preservar e valorizar a história da cidade do Rio de Janeiro, e mais especificamente, de sua zona portuária, também conhecida como "Pequena África", o MAR se destaca como uma ode à nossa brasilidade e à cultura do Rio, sendo muitas vezes chamado de "o mais carioca dos museus". Por meio de suas diversas atividades e exibições artísticas, esse importante instrumento cultural abraça a comunidade e seu entorno, como um verdadeiro espaço democrático de trocas e afirmação.

Nestes quatro anos de gestão da OEI, pudemos observar com alegria o Museu se destacar cada vez mais como um espaço de visibilidade e inclusão, graças a sua perspectiva de unir cultura e educação de forma integrada. Concebido juntamente com a Escola do Olhar, uma iniciativa pioneira em sua proposta museológica, o MAR desenvolve um programa educativo de destaque, capaz de inspirar ações tanto no Brasil como no exterior, atuando como polo de pesquisa, produção e disseminação de conhecimento.

Para a OEI, que considera o setor cultural como um eixo estratégico para o desenvolvimento sustentável na ibero-americana, participar da história do MAR representa um verdadeiro privilégio e uma janela para a região. Nossa trajetória de quatro anos foi construída por inúmeras vozes, expressões, ritmos e cores, que também sintetizam nossa experiência multicultural, e nos inspiram ainda mais a seguir trabalhando para fomentar a produção cultural e promover a diversidade, fazendo a cooperação acontecer.

**RODRIGO ROSSI**

Diretor e Chefe da Organização de Estados Ibero-Americanos (OEI) no Brasil.

FOTO: WESLEY SABINO

Nestes quatro anos, buscamos implementar uma gestão inovadora, comprometida com a ampliação do acesso à cultura e a valorização da diversidade. Um dos principais desafios foi estruturar uma estratégia de comunicação mais arrojada e inovadora, capaz de ampliar a presença do museu na cidade e no mundo. Apostamos na democratização da informação e na representatividade, reforçando o papel do MAR como um espaço vivo de diálogo e formação.

O compromisso com a educação também foi um pilar essencial dessa gestão. Não nos limitamos às ações educativas dentro do museu; expandimos nossa atuação para a formação de gestores culturais, mediadores, professores e jovens que desejam atuar no setor. Criamos programas que dialogam diretamente com a cidade, conectando cultura e educação de maneira transformadora.

Nossa capacidade de realização foi amplamente testada e demonstrada ao longo desses anos. Desde 2021, realizamos inúmeras exposições e itinerâncias, levando a arte para além dos muros do museu e consolidando nosso compromisso com a democratização do acesso à cultura. Demos voz a diversos artistas e ocupamos territórios diversos, promovendo exposições gratuitas não apenas no MAR, mas também em lugares como Madureira, Guapimirim, Duque de Caxias e outras regiões periféricas.

Demos também passos largos na internacionalização do museu, estabelecendo pontes com instituições internacionais, ampliando a troca de conhecimento e fortalecendo nossa visibilidade global. Esse movimento foi essencial para consolidar o MAR como um espaço de referência e aprendizado para outros museus e centros culturais.

Por fim, a diversidade de nossa programação foi um dos grandes trunfos dessa gestão. Estabelecemos inúmeras parcerias que possibilitaram a realização de eventos, exposições, formações e experiências culturais diversas, consolidando o MAR como um polo de cultura dinâmico, plural e conectado com as demandas da sociedade.

Ao encerrar este ciclo de quatro anos à frente da direção executiva do Museu de Arte do Rio (MAR), expresso minha profunda gratidão a toda a equipe que, com dedicação e compromisso, contribuiu para os resultados que apresentamos. Ao Conselho do MAR, à Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro (SMC) e à equipe da Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI), meu sincero agradecimento pelo suporte e colaboração ao longo dessa jornada.

Deixo este ciclo com a certeza de que avançamos significativamente na missão de tornar o Museu de Arte do Rio um espaço cada vez mais acessível, representativo e transformador. Que o futuro do MAR continue sendo pautado por esses valores, fortalecendo sua presença e relevância na cena cultural do Brasil e do mundo.

Com afeto e coragem,

**SANDRA SÉRGIO**
Diretora Executiva do MAR
Coordenadora de Projetos Especiais da OEI no Brasil.

FOTO: THALES LEITE

Desde o nascimento do Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR) em 2013, sua concepção esteve pautada por uma estrutura inovadora. O local histórico escolhido, a arquitetura arrojada, a operação simultânea de um espaço museológico, concomitante a um centro de educação, e a reunião de importante acervo de obras e documentos, não poderiam ser implementados sem um esforço coletivo. Concebido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro como aparelho cultural ancora da grande parceria público privada urbana implantada, sua execução sempre envolveu a participação privada em suas diversas etapas. Diversas instituições renomadas, em especial a Fundação Roberto Marinho, contribuíram para seu desenho final.

Apesar dos compromissos públicos firmados de apoio financeiro e suporte operacional, a Prefeitura e a Secretaria de Cultura, órgão ao qual o MAR está associado, sempre advogaram que a instituição precisava combinar sua vocação original a uma eficiente capacidade gerencial. Para tal elaborou-se robusto arcabouço legal, e de governança, que permitiu que a gestão estivesse a cabo de um elaborado tripé administrativo. Além da contínua atuação das equipes de executivo municipal, a gestão sempre esteve a cabo de organizações sociais interessadas, escolhidas com critérios rigorosos de experiência, além de um conselho consultivo municipal, o CONMAR, formado por representantes de membros da sociedade civil. Se para as organizações sociais sempre coube a responsabilidade maior da gestão administrativa, financeira e de planejamento, ao conselho ficou reservado a função de articular e mediar com os diversos entes envolvidos.

Nesse contexto vale ressaltar o papel da Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI), que no último triênio tem desempenhado importante papel na consecução dos objetivos traçados.

Destaca-se aqui, entre outras atividades, seu papel na atração de quadros e gestão de recursos humanos, no aperfeiçoamento dos controles operacionais, no desenvolvimento dos programas educativos e cultural, no ativo programa de exposições, na segurança, na ampliação e manutenção do acervo, na captação de recursos financeiros de patrocinadores privados, na maior integração com a população do entorno do museu, nos programas de acessibilidade universal, além da apresentação, discussão e implementação do novo plano museológico 2022/2026.

A opção adotada pelo município do Rio de Janeiro incentivando instrumentos de gestão privada exigiu coragem e superou desafios. Apesar do necessário papel do Estado no apoio à instituições museológicas, aqui e no mundo, no Rio de Janeiro e no Brasil, dada a exaustão das finanças públicas, imaginar que somente fundos públicos sustentem atividades culturais é correr o risco de sucateamentos ou fechamentos de instituições essenciais.

A cooperação institucional entre fomentadores privados e públicos, em parceiras que se mostrem estáveis, planejadas e com compromissos mútuos é o caminho mais óbvio para a superação dos muitos obstáculos presentes. O MAR tem sido a prova de que isso é possível.

**LUIZ CHRYSOSTOMO DE OLIVEIRA FILHO**
Presidente do Conselho Municipal do Museu de Arte do Rio de Janeiro

FOTO: THALES LEITE

Inaugurado em março de 2013 como um espaço dedicado à arte e à cultura visual, o Museu de Arte do Rio tem como principal objetivo a convergência entre educação e arte. Hoje, o MAR é mais do que um museu, é uma escola; e mais do que uma escola, é um museu. Entre os principais objetivos do MAR priorizamos as narrativas plurais, abrimos caminhos para o novo, desbravamos intersecções desconhecidas e popularizamos o acesso à arte, sempre focando nos processos educativos e culturais. Ao longo dos últimos doze anos, o MAR tem recebido mais de 4,8 milhões de visitantes, tornando-se uma referência para todos os públicos que apreciam arte e cultura nacional e internacionalmente.

Atualmente, o Museu de Arte do Rio é um dispositivo questionador do modo tradicional de exibição de obras de arte. Poder oportunizar esse acesso aos visitantes que percorrem nosso espaço é uma forma de abrir as possibilidades de subverter o lugar da produção artística e fazer reverberar no público uma poética singular e diversa, que tanto celebramos e promovemos.

Em nossas exposições priorizamos as produções brasileiras que perpassam questões da contemporaneidade, dialogando sobre ancestralidade, gênero, território, raça e as diversas narrativas que nos propomos a escutar e ampliar. Pertencemos ao território da Pequena África, e nos relacionamos abertamente com a comunidade ao nosso redor, somos um espaço de troca e de afirmação. Por isso, apresentar neste relatório o trabalho de quatro anos da Organização de Estados Ibero-Americanos à frente da gestão do MAR é reconhecer os importantes passos na celebração da diversidade cultural do nosso país. Esta publicação é o resultado de um genuíno projeto coletivo baseado em princípios norteadores onde aprofundamos o respeito aos valores democráticos, aos direitos humanos, à diversidade, à igualdade e à acessibilidade.

**ALEXANDRO LIMA**

Coordenador-geral de administração do MAR - Até julho de 2024

FOTO: WESLEY SABINO

# EXPOSIÇÕES

A variedade de estilos, estéticas linguagens e, sobretudo, temas nas exposições realizadas pelo Museu de Arte do Rio (MAR) nos últimos quatro anos reflete, intrinsecamente, o compromisso da Organização de Estados Ibero-americanos (OEI) em garantir que o MAR cumpra sua missão de se integrar à esfera pública, estendendo pontes por todo o País a partir da cidade do Rio de Janeiro. Mais que um espaço expositivo, o MAR busca ser agente ativo do processo de compreensão da contemporaneidade. Nesse período, o MAR dividiu com o público o trauma da pandemia mundial, tendo que interromper, retomar parcialmente e depois, em 2022, totalmente, suas atividades e compromissos com o público.

## EM 11 ANOS

130
EXPOSIÇÕES REALIZADAS

## NOS 4 ANOS DE GESTÃO DA OEI

64
EXPOSIÇÕES REALIZADAS

FOTO: CRIS LUCENA

# EXPOSIÇÕES 2024

O ano de 2024 foi marcado pelo programa Mulheres no MAR, com exposições de cinco importantes artistas brasileiras: Lidia Lisboa, Panmela Castro, Daiara Tukano, Brigida Baltar e Elisa Martins. Poucas vezes tantas artistas mulheres ocuparam simultaneamente instituições culturais no Rio de Janeiro, algumas com obras comissionadas especialmente para as mostras.

A primeira exposição coletiva do ano já indicava a tônica de 2024: em parceria com o Instituto Artistas Latinas, Abolicionistas Brasileiras apresentou 16 obras de oito artistas contemporâneas, inspiradas em mulheres fundamentais na luta pela abolição da escravidão no Brasil, ainda negligenciadas pela história oficial.

Foram realizadas oito mostras no Pavilhão de Exposições, duas na Biblioteca e três no Foyer, incluindo parcerias com o Museu da Língua Portuguesa (Nhê Porã), a Galeria Milan (Pamuri Pati e Teta, de Lidia Lisboa) e a Galeria Nara Roesler (Brígida Baltar). Devido ao sucesso, Funk - Um Grito de Ousadia e Liberdade foi prorrogada para 2025. O ano também trouxe uma exposição sobre o Carnaval como patrimônio fundamental da vida social carioca.

**15 EXPOSIÇÕES**
REALIZADAS AO LONGO DO ANO

**593.382**
VISITANTES EM 2024

FOTO: BEATRIZ GIMENES

# RIO CARNAVAL

FEVEREIRO A MARÇO DE 2024
Curadoria: Daniela Maia

O Rio Carnaval celebrou o primeiro carnaval após a pandemia de Covid-19 com uma exposição no MAR (Museu de Arte do Rio), sob curadoria do cenógrafo Gringo Cardia e do historiador Luiz Antônio Simas. A mostra, inaugurada na véspera da reunião do G-20, ocupou dois andares do museu, exibindo 80 telas de diversos tamanhos, desde peças menores até projeções gigantes que cobriam paredes inteiras. O material foi selecionado a partir de um acervo com mais de 800 fotos e horas de vídeos, capturados por fotógrafos como Fábio Ghivelder, João Farkas, Igor Souto, Leonardo Ramadinha e o artista visual Vik Muniz.

Antes de serem expostas, as imagens integraram o projeto “LIVRO ARTE”, um livro bilíngue (português-inglês) idealizado por Daniela Maia, secretária de Turismo do Rio. A exposição retratou o desfile das escolas de samba do Grupo Especial de 2022, na Marquês de Sapucaí, destacando não só os momentos grandiosos, mas também os bastidores, com imagens de passistas, porta-bandeiras, baianas, costureiros, artesãos e outros profissionais essenciais, muitas vezes invisíveis na cobertura midiática tradicional.

FOTO: CRIS LUCENA

# ABOLICIONISTAS BRASILEIRAS

MARÇO A JUNHO DE 2024
Curadoria: Ana Carla Soler

A coletiva, realizada em parceria com o Instituto Artistas Latinas, trouxe 16 obras de oito brasileiras contemporâneas, inspiradas nas vidas de mulheres que tiveram destaque e liderança na luta e resistência no processo de abolição da escravização no Brasil. Sediada na biblioteca do MAR, contou com a participação das artistas Guilhermina Augusti, Renata Felinto, Sheyla Ayo, Stefany Lima, Mariana Maia, Roberta Holiday, Thais Iroko e Thaís Basílio.

Na mostra, o protagonismo feminino negro durante a luta contra a escravização no Brasil foi representado em personalidades como Adelina, Anastácia, Aqualtune, Esperança Garcia, Luiza Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis e Maria Tomásia Figueira Lima.

“A assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, é a edificação de uma nação concebida sobre as feridas do trabalho forçado do maior número de pessoas negras e indígenas escravizadas no mundo. Essas mulheres, além de conquistarem a própria liberdade, foram força motriz para a libertação de milhões de pessoas”, comenta a curadora Ana Carla Soler.

FOTO: CRIS LUCENA

# bloco do prazer

ABRIL A AGOSTO DE 2024

Curadoria: Marcelo Campos, Amanda Bonan, Thayná Trindade, Amanda Rezende, Jean Carlos Azuos e Bitú Cassundé.

Inspirada nos versos de Fausto Nilo e Moraes Moreira, imortalizados por Gal Costa em 1982, a exposição celebrou momentos de alegria, transe e desejo em 11 núcleos com mais de 350 obras de 90 artistas brasileiros, incluindo pinturas, esculturas, fotos e vídeos.

"Traçamos instâncias que conectam a dimensão política, social e cultural de corporeidades em festa, no coletivo ou no individual", afirmou o curador Bitú Cassundé, então gerente de patrimônio e memória do Centro Cultural do Cariri.

Dividida em dois momentos, a mostra abordava, na primeira sala, festas tradicionais, populares e religiosas; e, na segunda, o corpo e o prazer. "Carnavais, catarse, liberdade do corpo. Trouxemos a música Bloco do Prazer, interpretada por Gal, homenageada por nós e pelos artistas", destacou Marcelo Campos, curador-chefe do MAR.

FOTO: CRIS LUCENA

# NHE'E PORÃ: MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÃO

ABRIL A JULHO DE 2024.
Curadoria: Daiara Tukano e Majoí Gongora

"'Nhe'ẽ Porã: memória e transformação', realizada pelo Museu da Língua Portuguesa e patrocinada pelo Instituto Cultural Vale, trouxe ao Rio de Janeiro uma reflexão sobre as línguas indígenas no Brasil, com obras de 50 profissionais indígenas – pesquisadores, acadêmicos, artistas e comunicadores. Nhe'ẽ (espírito, vida, fala) e Porã (belo, bom) juntas significam 'belas palavras' em tupi.

A exposição, que já passou por Paris e Belém, apresentou objetos etnográficos, arqueológicos, instalações audiovisuais e arte, destacando territórios, memórias e identidades indígenas. A versão carioca incluiu novidades, como cerâmicas Tukano, tembetás Parakaña e botoques Xikrin, além de peças do Museu Nacional dos Povos Indígenas e do MAR.

Com apoio da Unesco e curadoria de Daiara Tukano, a mostra celebrou a Década Internacional das Línguas Indígenas, explorando a conexão entre língua, espírito e visão de mundo: 'Nossas pinturas também são escritas – só que não alfabéticas', explicou a curadora."

FOTO: CRIS LUCENA

# PAMURI PATI - MUNDO DE TRANSFORMAÇÃO

MAIO A SETEMBRO DE 2024
Curadoria: Lilia Moritz Schwarcz

Daiara Tukano é uma artista múltipla, complexa e completa. Faz arte com seu corpo, com as cores que encontra na natureza, com as letras da luta indígena, com seu ativismo, com sua ancestralidade. A beleza e a força do feminino ancestral foram as forças motrizes da primeira exposição individual da artista indígena Daiara Tukano na cidade do Rio de Janeiro. Realizada em parceria com a galeria Millan, de São Paulo, a mostra evidenciou as transformações sociais que podem ser observadas pelas óticas do feminino e do próprio povo indígena. Para ela, isso se dá por uma retomada da "memória ancestral" com a qual a sociedade se reconecta. "Tal qual sinaleiros dos novos tempos, as obras de Daiara Tukano não respeitam fronteiras fáceis: elas trazem o traçado contemporâneo indígena e, assim, sem ser um manifesto, viram tradução e releitura", escreveu a curadora Lilia Moritz Schwarcz.

FOTO: CRIS LUCENA

# TÊTA - LIDIA LISBOA

MAIO A NOVEMBRO DE 2024
Curadoria: Amanda Bonan, Marcelo Campos, Amanda Rezende, Thayná Trindade e Jean Carlos Azuos.

Esculturas e instalações suspensas que, através de tramas e elementos têxteis, apresentaram ao público a força da manufatura na arte contemporânea brasileira. Esse foi o mote das obras criadas pela artista paranaense Lidia Lisbôa, em sua exposição como parte do programa “Mulheres no MAR”. Úteros, tetas, cordões umbilicais e cupinzeiros fazem parte da poética da artista. “Lidia é uma mulher negra que se aproxima do que, poeticamente, se vinculou ao feminino nas artes, principalmente a questão têxtil e a própria pesquisa sobre a argila. Em tudo, é uma muito próxima do fazer manual, mas com o pensamento contemporâneo ampliado”, evidenciou o curador Marcelo Campos.

FOTO: CRIS LUCENA

# RENUNCIAR/MOBI

JUNHO A OUTUBRO DE 2024
Curadoria: Gabriel Gutierrez

A exposição itinerante Renunciar / Mobi apresentou a cidade de São Luís do Maranhão dos anos 70 aos 2000 de uma maneira jamais vista, por meio do trabalho do fotógrafo maranhense Mobi. Com curadoria de Gabriel Gutierrez, diretor do Centro Cultural Vale do Maranhão, a exposição convidava o público a conhecer o Brasil que ficou à margem e apresentou a obra de Mobi em três linhas narrativas: a cidade oficial, berço das transformações urbanas e mobilizações políticas; a cidade marginal, que, embora esquecida, constitui os alicerces para seu funcionamento maior; e as pessoas, agentes que constroem, transformam, assistem e habitam os espaços urbanos.

O acervo utilizado para compor a exposição pertence ao Instituto Federal do Maranhão e foi digitalizado pelo CCVM. Ao todo, 5 mil fotos foram pesquisadas para a seleção final de 300.

# IMAGEM E SEMELHANÇA

JULHO A NOVEMBRO DE 2024
Curadoria: Mélanie Mozzer e Osmar Paulino.

O artista plástico Lucas Finonho é uma das grandes promessas do circuito carioca de arte. Nascido e criado em Duque de Caxias, sua mostra trouxe a história familiar do artista e as experiências vivenciadas no seu cotidiano. Através de doze telas, Finonho compartilha suas reflexões sobre as constantes fragmentações e reconstruções que enfrenta, sendo um jovem preto e gay de periferia.

"Ter minha primeira exposição solo no Museu de Arte do Rio foi, antes de tudo, romper com todas as baixas expectativas que recebo pela minha cor e pelo lugar de onde eu venho. Poder apresentar meu trabalho nessa grande instituição que vem lançando e transformando a vida de diversos artistas, é pra mim o início de uma promissora trajetória de conquistas e grandes responsabilidades", afirmou. A utilização de pedras em suas telas o faz olhar para os vales sedimentares, olhando na natureza a possibilidade de ressignificar as erosões e depressões da vida.

FOTO: WESLEY SABINO

# BRÍGIDA BALTAR: PONTUAÇÕES

SETEMBRO DE 2024 A MARÇO DE 2025
Curadoria: Jocelino Pessoa

Poder capturar o impalpável, perseguir o intangível, subverter o óbvio: essa formas da artista carioca Brígida Baltar (1959-2022) ocupar espaços inesperados, reunindo em sua obra elementos do corpo, da natureza, das paisagens e da própria moradia, nortearam a exposição “Brígida Baltar: pontuações”.

Elaborada especialmente para o Museu de Arte do Rio, a mostra reuniu cerca de 200 obras, 50 inéditas, produzidas por quase três décadas de atuação. Foi a maior exposição institucional dedicada à artista, realizada em parceria com o Instituto Brígida Baltar e a Galeria Nara Roesler. A mostra teve atuação do curador convidado Jocelino Pessoa.

FOTO: CRIS LUCENA

FOTO: CRIS LUCENA

# IDEIAS RADICAIS SOBRE O AMOR: PANMELA CASTRO

AGOSTO A NOVEMBRO DE 2024
Curadoria: Daniela Labra e Maybel Sulamita

A artista carioca Panmela Castro, em sua primeira exposição totalmente participativa em mais de 20 anos de carreira, explorou a necessidade de pertencimento como impulso vital, tema central da psicologia. Com curadoria de Daniela Labra e assistência de Maybel Sulamita, a mostra apresentou 18 trabalhos (10 inéditos), incluindo performances, fotografias, pinturas, esculturas e vídeos, abordando temas como afetividade, solidão, empoderamento e memórias.

Destaques como “Chá das Cinco”, onde o público compartilhava conselhos em bilhetes, e “Vestido Siamês”, que permitia a duas pessoas vestirem juntas um vestido rosa, ilustraram a interação proposta. Obras icônicas, como “Consagrada” (2021), também integraram a exposição, reforçando a crítica de Panmela aos mecanismos de validação no mundo da arte.

Segundo a curadora Daniela Labra, Panmela Castro consolidou-se por unir arte e vida, criando propostas baseadas em acolhimento e escuta.

# ELISA MARTINS

OUTUBRO DE 2024 A FEVEREIRO DE 2025
Curadoria: Felipe Scovino e equipe do MAR

As cores, a objetividade e a originalidade na produção da artista Elisa Martins da Silveira (1912-2001) foram o ponto de partida para contextualizar a produção artística da pintora piauiense. Com a exposição, o Museu de Arte do Rio propõe revisitar a história cultural com um olhar mais inclusivo sobre artistas que foram esquecidos ou negligenciados no circuito institucional. A exposição teve curadoria de Marcelo Campos, Amanda Bonan, Thayná Trindade, Amanda Rezende, Jean Carlos Azuos e Felipe Scovino, curador convidado. A mostra contou com mais de cem obras de Elisa.

FOTO: THALES LEITE

FOTO: CRIS LUCENA

# ATLÂNTICO FLORESTA

NOVEMBRO DE 2024 A FEVEREIRO DE 2025
Curadoria: Marcelo Campos, Amanda Bonan, Amanda Rezende, Thayná Trindade e Jean Carlos Azuos

A exposição colocou em diálogo imagens fabulares da afro-diáspora e das expressões visuais dos povos originários. A histórica relação com o oceano Atlântico e a floresta Amazônica, as causas vinculadas às questões da terra como resistência e protesto e a celebração da cultura dos povos afro-brasileiros e indígenas foram os temas das narrativas que chegaram ao mais carioca dos museus. A mostra foi uma ampliação e desdobramento da exposição “Atlântico Vermelho”, inaugurada em 16 de abril de 2024, em Genebra, na Suíça. Foi a primeira vez que uma exposição ocorreu durante o Fórum Permanente de Afrodescendentes da ONU, considerado o evento mais importante das Nações Unidas sobre a questão étnico-racial.

# ZIMAR

DEZEMBRO DE 2024 A ABRIL DE 2025
Curadoria: Centro Cultural Vale Maranhão

O popular personagem foi destaque na exposição aberta como itinerância do Centro Cultural Vale Maranhão. Brincalhões, irreverentes, assustadores, com suas caretas "horripilantes", os cazumbas são criações de Zimar, nome artístico de Eusimar Meireles Gomes, um artista plástico maranhense que cria caretas de cazumba para o Bumba Meu Boi do Maranhão. O cazumba é uma das personagens mais emblemáticas do folclore maranhense.

FOTO: CRIS LUCENA

FOTO: CRIS LUCENA

# PRIMO DA CRUZ

DEZEMBRO DE 2024 A ABRIL DE 2025
Curadoria: Alexis Zelensky, Armando Antenore, Clarissa Diniz, Felipe Carnaúba e Maxwell Alexandre.

O carioca Cristiano Abreu de Almeida, conhecido como Primo da Cruz (1983-2020), costumava se definir como cria da Rocinha, a maior favela do país. Era o mais velho dos quatro filhos da empregada doméstica Eliane e conviveu pouco com o pai, um segurança que virou pastor evangélico. O forte viés religioso, porém, não o impediu de se envolver logo cedo com a criminalidade. Após oito anos e meio em regime fechado, Primo reencontrou o artista e amigo Maxwell Alexandre, seu antigo vizinho. A partir daí, passou a trabalhar com arte e produzir obras.

Suas pinturas, esculturas, instalações e objetos não raro usam materiais recolhidos pelas ruas. São pedaços de madeira, fragmentos de eletrodomésticos, telhas, panelas, bandejas, antenas parabólicas ou mesmo quadros de autoria desconhecida. Entre pinturas e esculturas, cerca de 50 obras compuseram a exposição.

# ARTRIO

25 A 29 DE SETEMBRO

O Museu de Arte do Rio (MAR) participou da ArtRio 2024, na Marina da Glória, com um recorte de sua coleção sobre São Cosme e Damião, celebrando a dualidade e a vida. A exposição destacou os Ibejis, orixás Erês associados à alegria e à proteção das crianças, simbolizando continuidade e perpetuidade familiar.

A mostra apresentou obras de diversas linguagens, refletindo a inserção de produções artísticas historicamente marginalizadas (indígenas, negras e LGBTQIA+), tema central das exposições do MAR nos últimos três anos. Além da feira, o museu promoveu uma programação paralela, incluindo uma visita mediada à exposição de Brígida Baltar e a participação do gerente de comunicação do MAR, Marcelo Andrade, na mesa “Entrada pela web: comunicação e público online dos museus”, encerrando o painel de debates da ArtRio.

FOTO: WESLEY SABINO

FOTO: WESLEY SABINO

# EXPOSIÇÕES 2023

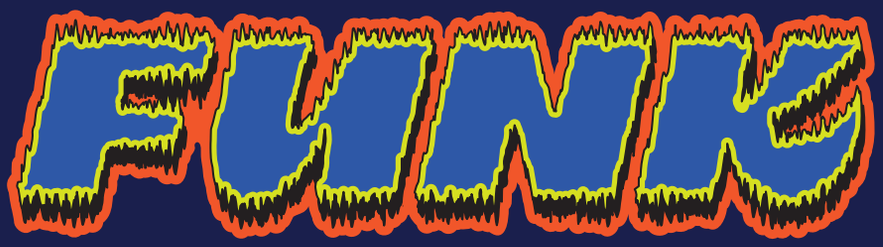
A região da Pequena África, que abrange bairros como Saúde, Gamboa e Zona Portuária, é central para a identidade negra no Rio de Janeiro. Local de chegada de escravizados africanos e lar de gerações de seus descendentes, o nome teria sido cunhado pelo sambista Heitor dos Prazeres.

Desde 2023, o Museu de Arte do Rio (MAR), por meio da Escola do Olhar, intensifica ações com as comunidades da Pequena África. Suas exposições abordam temas urbanos, históricos e comunitários, com destaque para “curadorias compartilhadas”, que incluem especialistas diversos para ampliar vozes e desafiar narrativas hegemônicas, inspirando-se no conceito de “contrapêlo” de Walter Benjamin.

Entre os destaques, a mostra Funk: Um Grito de Ousadia e Liberdade, inaugurada em 2023, explora o impacto cultural do funk no Rio e foi estendida até 2025 devido ao sucesso. Outra exposição marcante foi Maria Carolina de Jesus: Um Brasil para os Brasileiros, apresentando um panorama da autora de Quarto de Despejo, símbolo de resistência e inteligência de um Brasil negro e não submisso.

## 20 EXPOSIÇÕES
REALIZADAS AO LONGO DOA ANO

## 575.693
VISITANTES EM 2023




# UM GRITO DE OUSADIA E LIBERDADE

SETEMBRO DE 2023 A MARÇO DE 2025
Curadoria: Amanda Bonan e Marcelo Campos,
com Taísa Machado, Dom Filó e consultores

Aberta em setembro de 2023, a mostra deveria cumprir um ano em cartaz. O notável sucesso de público e crítica, no entanto, fez com que Funk: Um Grito de Ousadia e Liberdade rompesse as previsões. Atendendo às demandas da audiência, acabou prorrogada até março de 2025. Maior mostra do período, confirmou a vocação do MAR para evidenciar e discutir a cultura contemporânea do Rio de Janeiro, trazendo a cidade, outra vez, para dentro do museu.

A temática articula a história do funk para além da sonoridade, evidenciando a matriz cultural urbana, periférica, a dimensão coreográfica, a organização das comunidades, os desdobramentos estéticos, políticos e econômicos no imaginário constituído em torno do funk.

A abordagem se estendeu à presença do funk nas mais variadas dimensões e práticas culturais, com atenção ao campo das artes visuais contemporâneas, para as quais o movimento é uma referência de visualidade, resistência política, alteridade e forma. Objetos próprios do estilo musical foram combinados a uma profusão audiovisual de sons, vozes e gestos, atravessados por uma iconografia relacionada ao funk: um convite para o público experimentar sua história como uma forma de imaginar e singularizar o Rio de Janeiro.

A exposição foi dividida em 11 núcleos, com mais de 900 itens expográficos. Entre os mais de 100 artistas brasileiros e estrangeiros escalados, nomes como Herbert, Vincent Rosenblatt, Blecaute, Gê Vianna, Manuela Navas, Maxwell Alexandre, Fotogracria, Emerson Rocha, Panmela Castro e Bruno Lyfe. Na expografia criada pelo estúdio Gru.a, o público pôde interagir com instalações, ouvir músicas, dançar e ler textos sobre o universo funkeiro.

Assinado por Marcelo Campos e Amanda Bonan, um dos textos curatoriais evidencia a simbiose entre o funk e a história social do Rio de Janeiro. Um trecho sintético:

FOTO: WESLEY SABINO

FOTO: THALES LEITE

“O Rio de Janeiro, ousadamente, abrigou o associativismo de pessoas negras, residentes no centro e nos subúrbios da cidade, que se organizavam para o lazer em clubes e ginásios. A diversão sempre foi negada aos negros e às negras, pois os afrodescendentes foram marcados somente pelo trabalho. Além disso, em contexto pós-abolicionista, as pessoas negras tiveram, e ainda têm, seu direito de ir e vir interpelado por abordagens policiais racistas e por olhares e comentários que procuram impedir a circulação em determinados ambientes da elite. Com isso, clubes, ginásios e associações atléticas passaram a abrigar as festas negras que começaram com o simples transporte de um equipamento de som para as chamadas festas Hi-Fi e chegaram às grandes estruturas, aos paredões de som da atualidade. Assim, do Soul ao Funk, muitas histórias se desenharam, de empoderamento negro, dos protestos e dos gritos por liberdade incorporados aos cabelos Black Power, aos sapatos pisantes e, sobretudo, ao extraordinário modo de dançar e reinventar a liberdade nas performances do corpo. Sob o comando de grandes equipes de som, como Soul Grand Prix, Cash Box, Furacão 2000, entre outras, a população negra e pobre lotava os bailes de clubes da Zona Norte e do subúrbio da cidade. Foi assim que a influência de James Brown passou a atravessar o movimento Black, que foi essencial na organização da juventude para que enfrentasse as estruturas sociais e a ditadura militar com elegância e atitude.”

FOTO: THALES LEITE

Durante a exposição, o MAR não apenas confirmou sua prerrogativa de desenvolver curadorias compartilhadas com atores importantes dos temas em questão, como o fato de que o funk é, de fato, um tema coletivo e coletivista. Apresentada pelo Instituto Cultural Vale, a curadoria da Equipe MAR contou com Taísa Machado e Dom Filó, dois nomes centrais do funk carioca, e a colaboração de consultores como Deize Tigrona, Celly IDD, Tamiris Coutinho, Glau Tavares, Sir Dema, GG Albuquerque, Marcelo B Groove, Leo Moraes e Zulu TR. A noite da abertura entrou para a história do museu e da Zona Portuária do Rio de Janeiro: com a dança do Afrofunk Rio e a música de Jonathan da Provi, MC Cacau canta MC Marcinho e Trilogia do Santo Amaro, um baile tomou o térreo do MAR.

"Se o ogã não toca, Ògún não dança. Então, quando pensamos em Deus, pensamos em música. No som maciço do tambor, no Congo de Ouro, no choro cantado pelo berimbau, no grave estendido do Miami Bass, nos samples picotados do Gemini PDM 7008, na valentia do atabaque soando os quatro tempos do Maculelê", evidência Taísa Machado, em trecho de outro texto curatorial: "O encontro entre o ancestral e a máquina na frequência cardíaca do coração elevado à máxima potência (...) Tudo é ritmo, e o som da favela é a pulsação da cidade, que dança mesmo quando se recusa a apreciar a música (...) Parado na esquina, batendo na palma da mão, o carioca inventa a cidade, debocha dela, assusta, transforma."

# TODOS IGUAIS, TODOS DIFERENTES? - PIERRE VERGER

FEVEREIRO A MAIO DE 2023.
Curadoria: Alex Bradel

Provocar reflexões sobre a diversidade cultural através da pluralidade dos povos. Essa foi a essência da exposição, realizada em parceria com a Fundação Pierre Verger, “Todos Iguais, Todos Diferentes?”

A mostra apresentou mais de 200 imagens feitas pelo fotógrafo francês Pierre Fatumbi Verger. Imagens capazes de provocar diálogos sobre questões atuais, além de expressar uma das contradições mais indispensáveis para um mundo harmonioso: “Somos todos iguais em sermos diferentes.”

O fotógrafo, etnólogo, antropólogo e pesquisador francês viveu grande parte da sua vida na cidade de Salvador. Seu trabalho, baseado no cotidiano e nas culturas populares, é estudado até hoje. Num cenário global com o ressurgimento de discursos preconceituosos e pela retomada da ideia de supremacia cultural, a mostra utilizou a obra de Verger para mostrar as belezas das diversidades de povos e culturas.

# A CONSTRUÇÃO DO MAR E A PEQUENA ÁFRICA

MARÇO A OUTUBRO DE 2023
Curadoria: Marcelo Campos, Amanda Bonan e equipe

A reforma urbana da zona portuária do Rio, transformada no “Porto Maravilha” para os Jogos Olímpicos, gerou gentrificação, especulação imobiliária e expulsão de moradores. Foi nesse contexto que o MAR abriu suas portas em 2013, diante de protestos com artistas e vizinhos.

Ao longo de dez anos, o museu buscou ressignificar seu papel, aproximando-se da Pequena África e ampliando a visão da cidade para além das imagens oficiais. Essa reflexão guiou a exposição “A Construção do Mar e a Pequena África” (março-outubro/2023), reunindo mais de 100 obras, registros do projeto arquitetônico e manifestações por sua permanência, com trabalhos de Jaime Acioli, Thales Leite, César Barreto, Giselle Beiguelmann, Ayrson Heráclito, entre outros.

FOTO: THALES LEITE

# LUZ NO CAMINHO - LEOA

MARÇO A AGOSTO DE 2023
Curadoria: de Marcelo Campos, Amanda Bonan, Jean Carlos Azuos, Thayná Trindade e Amanda Rezende.

FOTO: THALES LEITE

A mostra Luz no Caminho, primeira exposição individual de Leoa, aos 25 anos, integrou as celebrações de 10 anos do MAR. As pinturas exploram o cotidiano de mulheres negras e as paisagens do subúrbio carioca, inspiradas na vivência da artista em Bangu. Usando o cinza como cor central, Leoa reflete sobre a força e subjetividade de sua realidade social.

"Ser do subúrbio me colocou em um espaço de pesquisa onde o cinza conecta todas as minhas obras", explica a artista. Segundo a curadoria, seu trabalho reflete um movimento crescente de jovens na pintura figurativa, explorando ancestralidade, cotidiano e percepções do mundo. "Leoa é uma grande expoente nesse universo", destaca Amanda Bonan.

# O BASTARDO, O RETRATO DO BRASIL É PRETO

MARÇO A MAIO DE 2023

Curadoria: Marcelo Campos e Lilian Schwarcz

FOTO: THALES LEITE

A mostra O Retrato do Brasil é Preto celebrou personagens negros, célebres ou anônimos, no repertório visual de O Bastardo, artista carioca nascido em Mesquita. Parte das comemorações de 10 anos do MAR, a exposição foi sua primeira individual no museu e apresentou mais de 50 pinturas divididas em quatro núcleos: Pretos de Grife, Assinaturas Pretas, Narrativas Pretas e Sobre os Começos.

Com inspiração na arte de rua e técnica do grafite, as obras destacam as vivências e referências do artista, afirmando a importância dos traços negros e das trajetórias de superação. “Todo retrato é um autorretrato, mas também uma somatória da comunidade”, explica O Bastardo.

A curadora Lilian Schwarcz ressalta a escolha do nome artístico, que remete à experiência de mães solos, como a do próprio artista, e carrega um sentido de afirmação com o artigo “O” à frente.

# REVENGUÊ: EXPOSIÇÃO CENA DE YHURI CRUZ

ABRIL A OUTUBRO DE 2023

Curadoria: Marcelo Campos, Amanda Bonan, Jean Carlos Azuos, Amanda Rezende e Thayná Trindade

Uma exposição imersiva que aborda a vingança da vida e a política da presença. Essa foi "Revenguê: uma exposição-cena", mostra individual do artista visual, escritor e dramaturgo Yhuri Cruz. Inspirada numa ficção desenvolvida por ele nos últimos anos, apresentou um "novo planeta e suas reverberações naqueles que o conhecem".

Dividida em quatro núcleos, a mostra trouxe, em alguns momentos, a performance de Yhuri e de outros seis artistas. "(...) O transe e a desmemória interessam em Revenguê. Por um lado, deixar de lembrar personifica um sintoma apoteótico que pode acometer a qualquer pessoa. Mas, aqui, vemos associações com a possibilidade de superar um fim. Não ter fim. Desejar viver. Pã, a personagem, deseja viver muito e em tudo (...)", diz o texto curatorial, sobre a exposição de cenografia lúdica e impressionante: o espaço estático ativado por teatralidades como um grande lago vermelho vívido encenado.

FOTO: CRIS LUCENA

# CÉSAR BAHIA: UMA POÉTICA DO RECOMEÇO

ABRIL A OUTUBRO DE 2023
Curadoria: Marcelo Campos, Amanda Bonan, Thayná Trindade, Amanda Rezende e Jean Carlos Azuos.

Artista baiano, residente de Fazenda Coutos, subúrbio ferroviário de Salvador, César Bahia possui tradição artística: nasceu em uma família de escultores. Com o pai, aprendeu boa parte da técnica do corte, entalhe, o uso do formão e da marreta. Herdou a habilidade para esculpir madeiras e transformá-la em obras notáveis como máscaras, imagens e objetos referentes ao Candomblé. A sua coleção integra o Acervo da Laje, também de Salvador, e reúne uma variedade de formas e cores a partir da produção manual do artista.

É o próprio César quem seleciona as madeiras, sua matéria prima, nas matas de seu território. Mais de 200 obras do artista, produzidas entre 2010 e 2023, foram expostas na exposição “Uma poética do Recomeço”, levando o público a refletir sobre seus interesses e a sua forte ligação com a cultura afro-brasileira. O texto curatorial informa: “Uma característica inovadora do trabalho de César Bahia é a policromia que associa deusas e deuses a suas insígnias e fatos míticos. A presença da negritude, por exemplo, se reafirma quando o artista substitui o bege das madeiras pelo preto entintado por cima da pele”.

FOTO: CRIS LUCENA

FOTO: THALES LEITE

# ÒNÀ IRIN: CAMINHO DE FERRO

OUTUBRO DE 2022 A ABRIL DE 2023
Curadoria: Ayrson Heráclito

Com uma pesquisa que perpassa a força e a beleza da joalheria afro-brasileira e das questões da ancestralidade, a artista baiana Nádia Taquary inaugurou sua primeira exposição individual no Museu de Arte do Rio. A mostra "Òna Irin: caminho de ferro" investigou e ampliou a tradição das joias de crioula em esculturas, objetos-esculturas, instalações e videoinstalação. Sobre ela, diz o curador Heráclito:

"A artista Nádia Taquary iniciou sua trajetória em artes visuais no ano de 2010 com investigações sobre a joalheria afro-brasileira (arbitrariamente conhecida como "jóias de crioula"). Naquela fase, o objetivo era apresentar a simbologia das "pencas de balangandãs", usadas como pecúlio, que se desdobrava em estratégia de liberdade para negras escravizadas e libertas na Bahia do século XVIII e XIX. Com o passar do tempo, a sua pesquisa sobre a temática afro-brasileira se aprofundou, expandiu as escalas, experimentou outros materiais e se disseminou por novos suportes, como as instalações e esculturas, em uma busca por compreender os signos sagrados do universo afro-brasileiro."

# JAIME LAURIANO: AQUI É O FIM DO MUNDO

ABRIL A OUTUBRO DE 2023
Curadoria: Marcelo Campos e Amanda Bonan

O passado do Brasil e seus questionamentos sobre os contextos políticos, sociais e culturais foram apresentados por Jaime Lauriano na exposição “Aqui é o Fim do Mundo”. No MAR, o artista-historiador exibiu cerca de 40 obras – entre esculturas, vídeos, desenhos e intervenções – que revisitam símbolos e mitos do imaginário brasileiro.

Explorando signos do nacionalismo, Lauriano observa a colonialidade presente em ícones como a bandeira e a pedra portuguesa, realizando intervenções e propondo novas relações. “Ele ressignifica heróis e símbolos históricos, trazendo narrativas muitas vezes silenciadas”, explica Marcelo Campos, curador-chefe do MAR.

Na instalação “Afirmação do valor do homem brasileiro”, o artista sobrepôs símbolos do candomblé a jornais e revistas dos anos 1970, que propagavam a farsa do Milagre Brasileiro durante a ditadura Médici.

FOTO: WESLEY SABINO

# Carolina Maria de Jesus

## UM BRASIL PARA OS BRASILEIROS

JUNHO A OUTUBRO DE 2023

Curadoria: Hélio Menezes e Raquel Barreto, com assistência de Phelipe Rezende.

Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros é resultado do esforço para destacar a grandeza da escritora e apresentar a autora como convém: mulher negra e artista emancipada, símbolo de resistência e de luta política e cultural para o país. A mostra foi dedicada à trajetória e à produção literária da autora mineira que se tornou internacionalmente conhecida com a publicação de seu livro “Quarto de despejo”, em agosto de 1960.

FOTO: WESLEY SABINO

Além de destacar a produção literária, a exposição também aborda suas incursões como compositora, cantora e artista circense em mais de 400 itens. Carolina publicou em vida quatro livros: Quarto de despejo (1960), Casa de alvenaria (1961), Pedaços da fome (1963) e Provérbios (1963). O sucesso retumbante do primeiro, acompanhado pela publicação quase imediata do segundo, com uma escrita marcante e capaz de fornecer uma verdadeira interpretação do País e do tempo a partir do lugar de onde ela vinha, popularizou-a como uma escritora de diários. Este fato, porém, ofuscou a diversidade de sua escrita, que incursionou por gêneros como poesia, conto, crônica, texto memorialístico, romance, teatro e outros.

O conjunto de sua produção, a maior parte ainda inédita, deixa nítida a existência de um projeto estético-literário e editorial próprio, de uma autora que não parou de escrever e que fez de tudo para publicar, diz um trecho do texto curatorial.

FOTO: WESLEY SABINO

FOTO: WESLEY SABINO

# NARRATIVAS EM PROCESSO: LIVROS DE ARTISTA NA COLEÇÃO ITAÚ CULTURAL

OUTUBRO DE 2023 A JANEIRO DE 2024
Curadoria: Felipe Scovino e Equipe Itaú Cultural (Núcleo de Artes Visuais e de Acervo de Obras de Arte)

As 55 obras do acervo do Itaú Cultural se juntaram a outras 79 do MAR, traçando diálogos e preenchendo lacunas entre si. A primeira coleção se concentra nos artistas brasileiros, na transição entre o moderno e o contemporâneo. A segunda tem foco tanto em artistas internacionais, quanto em produções brasileiras recentes com interesses em recortes de racialidade, ancestralidade, gênero e território.

"Narrativas em Processo: Livros de Artista na Coleção Itaú Cultural", também disponível virtualmente em livrosdeartista.itaucultural.org.br, chegou ao Rio de Janeiro, sétima cidade de sua itinerância pelo Brasil, com cinco novas peças, recém-adquiridas. A mostra percorre mais de 80 anos dessa produção no Brasil, com 134 itens de 99 artistas.

FOTO: WESLEY SABINO

# CONFLUÊNCIAS: ENTRE RUAS, ESCOLAS E MUSEUS

NOVEMBRO DE 2023 A FEVEREIRO DE 2024

Terceira edição do MAR nas Escolas, uma ação da Escola do Olhar, polo de pesquisa, produção e disseminação de conhecimento do Museu de Arte do Rio, “Confluências - entre ruas, escolas e museus”, constou de uma instalação artística com peças sonoras e videoperformance produzidas por professores de escolas públicas do Rio de Janeiro.

Durante o projeto de residência artístico-pedagógica, seis professores bolsistas da rede municipal de ensino desenvolveram narrativas relacionadas pela educação em seu campo simbólico e físico onde acionaram diversos sentidos da arte, com um trajeto construído em conjunto. As experiências coletadas em suas escolas e cotidianos, abordando os desafios, ficaram expostas na galeria ao lado da Biblioteca do MAR.

FOTO: WESLEY SABINO

# BRASIL FUTURO, AS FORMAS DA DEMOCRACIA.

DEZEMBRO DE 2023 A MARÇO DE 2024
Curadoria: Lilia Schwarcz, Paulo Vieira, Márcio Tavares,
Rogério Carvalho e acompanhamento curatorial da equipe do MAR

A exposição Brasil Futuro: As formas da Democracia, apresentada pelo Instituto Cultural Vale e pelo Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe (CAF), abordou temas como igualdade, diversidade, direitos civis, reparação e cidadania. A mostra, que teve versões em Brasília, Pará e Bahia, contou com a contribuição do MAR, que exibiu 68 obras, sendo 18 inéditas, incluindo um oratório do século 18 e um adorno do povo Baniwa do século 20.

Reunindo mais de 250 obras de artistas de diferentes gerações, raças, gêneros e regiões, como Djanira, Tarsila do Amaral, Denilson Baniwa e Daiara Tukano, a exposição destacou a diversidade cultural brasileira e a retomada da democracia através da arte. O sucesso da parceria levou a OEI e o CAF a assinarem, em dezembro, um memorando para ampliar ações culturais na América Latina e Caribe.

# OCUPAÇÃO BORI: O FILME + COLEÇÃO DO MAR - AYRSON HERÁCLITO

DEZEMBRO DE 2023 A JANEIRO DE 2024
Curadoria: Ayrson Heráclito

Desde 2006, Ayrson Heráclito pesquisa ritos afro-brasileiros, criando obras interativas que envolvem comidas e toques dos deuses iorubás. A exposição incluiu a performance Bor, registrada na Pinacoteca de São Paulo em 2022, e o filme Bori - Oferenda para a Cabeça Cósmica, dirigido por Lula Buarque de Holanda.

No candomblé, a cabeça (Ori) é central e independente. O ritual Bori, de renovação espiritual, foi retratado na videoperformance, onde Heráclito prepara oferendas para as cabeças de doze performers, representando os principais orixás. “Dar comida à cabeça é nutrir a alma e evocar proteção”, explica o artista. A trilha de Tiganá Santana complementa o filme, ampliando a energia vital e espiritual da obra.

FOTO: WESLEY SABINO

# LAROYÊ, GRANDE RIO

DEZEMBRO DE 2023 A MARÇO DE 2024
Curadoria: Leonardo Antan, Luise Campos e Thomas Reis,
com acompanhamento curatorial da equipe MAR

O desfile “Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu” da escola de samba Acadêmicos do Grande Rio, campeã do Carnaval de 2022, saiu da avenida para o Museu de Arte do Rio. Com a ideia de transportar as impressões e sensações dos desfiles para as galerias do museu, a mostra ressignificou peças carnavalescas, como adereços e fantasias, elementos alegóricos e cenográficos, discutindo a mística cotidiana do orixá Exu. Artistas como Mulambo, Cety Soledade, Guilherme Kid e Ju Angelino, inspiradores dos carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora, também contribuíram com obras na exposição.

FOTO: WESLEY SABINO

# GIRA DA POESIA: 15 ANOS DE SLAM NO BRASIL

De 18 de outubro de 2023 a fevereiro de 2024
Curadoria: Roberta Estela D´Alva, Luiz Romão e Júlio Ludemir

Com itens dos acervos do Núcleo Bartolomeu e da Festa Literária das Periferias - FLUP, organizadores, respectivamente, do maior campeonato do gênero do Brasil e da América Latina, e das comunidades de slam e slammers brasileiros e internacionais, a exposição fez o público mergulhar neste universo da poética urbana no Brasil. Fotos, vídeos, folhetos, folders, flyers, peças de vestuários, troféus e medalhas de campeonatos, livros, zines, cadernos, discos e recortes de jornal em torno das batalhas de poesia marcaram a mostra a partir da comemoração dos 15 anos de convenção do gênero no Brasil.

FOTO: THALES LEITE

# ARTRIO

13 A 17 DE SETEMBRO

Na edição de 2023, o espaço do MAR na feira trouxe a obra “Morrinho”, que é uma das mais populares junto ao museu que completa dez anos, estando presente desde o início do MAR como parte do acervo da casa. Há mais de 25 anos, o Projeto Morrinho conta uma história de comunidade, autenticidade e respeito. Iniciado em 1997 por dois irmãos em Pereira da Silva, o espaço cultural articula a geografia em que foi formado. Uma coleção de milhares de tijolos quebrados e pintados forma ruas e bairros diferentes, todos em casa para uma população diversa de personalidades. Para aquele ano, a proposta foi construir a obra “O Morrinho” dentro do stand do MAR na ArtRio.

FOTO: WESLEY SABINO

FOTO: WESLEY SABINO

# EXPOSIÇÕES 2022

No final do século 19, o racismo se disfarçava sob o falso cientificismo, com o conceito de “defeito de cor” atribuindo características negativas a pessoas negras. Esse contexto inspira o romance Um Defeito de Cor, de Ana Maria Gonçalves, que foi o tema da principal exposição de 2022 no MAR. A mostra abordou os traumas da diáspora africana através da trajetória de Kehinde, personagem central do livro.

Com cerca de 400 obras de diversas partes do Brasil e da África, a exposição marcou a reabertura do museu pós-pandemia e recebeu o prêmio de Votação Popular da revista seLect. 2022 também foi o ano da última exposição de J.Borges, considerado o maior xilogravurista do Brasil.

## 20 EXPOSIÇÕES
REALIZADAS EM 2022

## 465.880
VISITANTES AO LONGO DO ANO

FOTO WESLEY SABINO

# UM DEFEITO DE COR

SETEMBRO DE 2022 A AGOSTO DE 2023
Curadoria: Marcelo Campos, Amanda Bonan, Ana Maria Gonçalves.

Uma crítica revisão historiográfica da escravidão no Brasil: assim deve ser entedida a exposição “Um Defeito de Cor”, ancorada pelos contextos sociais, culturais, econômicos e políticos do século XIX, abordados no livro de mesmo nome da escritora mineira Ana Maria Gonçalves. Ganhador do importantíssimo prêmio literário Casa de Las Américas no ano de 2007, o livro é já um clássico sobre as questões de escravatura e racialização na história do País.

A obra, que em 2022 completava 16 anos de lançamento e chegava à sua 30ª edição, narra a história de uma mulher africana que, sequestrada pelo tráfico em sua terra, chega na condição de escravizada ao Brasil e, na Bahia de contradições e desafios espúrios, refaz a vida. “Suas armas foram a comida, a arte, os gestos de afeto e acolhimento, a fé nos encantados”, escreveram os curadores.

Ao todo, a exposição contou com 400 obras de artes, entre desenhos, pinturas, vídeos, esculturas e instalações de mais de 100 artistas de localidades diversas, como o Rio de Janeiro, a Bahia, o Maranhão e até mesmo o continente africano, em sua maioria negros e negras, principalmente mulheres. A exposição contou com obras inéditas de Kwaku Ananse Kintê, Kika Carvalho, Antonio Oloxedê e, dentre outros, Goya Lopes, produzidas especialmente para homenagear o livro.

“Defeito de cor” era um conceito aplicado no século XIX. Na época, se configurava a racialidade nas questões positivistas, como se pessoas indígenas e negras pudessem ter na constituição biológica algo que fosse um defeito inato, como pouca inteligência, a tendência à subalternidade, por exemplo, ou mesmo a propensão à criminalidade. A exposição abordou esse e outros traumas a partir da trajetória da protagonista do romance, a personagem africana Kehinde.

“Espero que as histórias contadas na mostra atinjam um público não atingido pelo livro. O grande fotógrafo Januário Garcia dizia que não existe uma história do negro no Brasil, mas que não existe uma história do Brasil sem o negro (e aqui tomo a liberdade de acrescentar os povos indígenas). Que as pessoas saiam de lá sabendo disto e coloquem em dúvida tudo que aprenderam sobre o Brasil sem que tenhamos sido ouvidos”, comentou, à época da exposição, a autora Ana Maria Gonçalves.

Sobre a mostra, discorreram os curadores: “(...) No período colonial foi instituída uma lei que proibia pessoas negras de ocuparem cargos civis, milita-

res, eclesiásticos e administrativos, baseada em um suposto “defeito de cor”. Para que uma pessoa negra pudesse ocupar um cargo destinado a pessoas brancas, era necessário pedir “licença do defeito de cor”. Apesar de esta lei não estar mais em vigor oficialmente, pessoas racializadas ainda sentem seus efeitos quando são preteridas na ocupação de um cargo de liderança e/ou destaque, mesmo possuindo qualificação para tal, quando são presas por “estarem no lugar errado, na hora errada”, quando precisam justificar a origem do seu próprio dinheiro em uma agência bancária, quando são perseguidas ou maltratadas em uma loja ou quando não podem simplesmente correr na rua, sob pena de tornarem-se suspeitas(...)”

Dividida em 10 núcleos, espelhados nos 10 capítulos do livro, a mostra retratava revoltas negras, empreendedorismo, protagonismo feminino, culto aos ancestrais, África Contemporânea, entre outros temas. “A exposição não tem uma relação direta com o livro. Não é uma história ilustrada do livro. É uma relação de interpretação. A gente interpreta o livro junto com a Ana Maria, trazendo imagens e obras a partir dos conceitos que ela aborda no livro. E não damos detalhes da narrativa,” conta Marcelo Campos, Curador-Chefe do MAR.

Entre os artistas participantes da exposição, estiveram Rosana Paulino, Silvana Mendes, Yêdamaria, Maria Auxiliadora, Yedda Affini e Djanira, além de Tiganá Santana e Jaqueline Coelho, responsáveis por uma paisagem sonora na mostra. A expografia foi do artista Ayrson Heráclito junto com Aline Arroyo.

FOTO: BEATRIZ GIMENEZ

# J. BORGES
# O MESTRE DA XILOGRAVURA

JANEIRO A MARÇO DE 2022
Curadoria: Ângelo Filizola

Francisco Borges (1935–2024), filho de agricultores e autodidata, começou a desenhar e escrever na infância, usando qualquer superfície disponível. Em 1954, publicou seu primeiro cordel, vendendo cinco mil exemplares, e depois passou a ilustrar suas obras, tornando-se referência na xilogravura. Foi admirado por Ariano Suassuna e requisitado por autores como Eduardo Galeano e José Saramago.

A exposição J. Borges, Mestre da Xilogravura reuniu 40 xilogravuras, incluindo 10 inéditas, abordando temas como infância, campo e forró. “O que me inspira é a vida, o movimento”, disse o artista na abertura. J. Borges faleceu em 26 de julho de 2024, deixando um legado imortal na arte visual brasileira e mundial.

FOTO: BEATRIZ GIMENEZ

# PIXINGUINHA

FEVEREIRO A JULHO DE 2022
Curadoria: Flup

Considerado o arquiteto musical do Modernismo Negro, Pixinguinha promoveu a fusão dos primeiros chorões com ritmos africanos e estilos europeus, dando forma a um gênero originalmente brasileiro: o choro. Suas apresentações lotavam as salas de espetáculo, onde ele cantava sucessos de fazer o Rio de Janeiro inteiro cantar - como, por exemplo, “Batuque na Cozinha” e “Ronda”.

No ano em que foram comemorados o centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo de 1922, o MAR, em parceria com a Feira Literária das Periferias (Flup), celebrou o Modernismo Negro com uma homenagem ao grande mestre batuta Pixinguinha.

Localizado no 5º do MAR, a exposição apresentou fotos, cartazes, reportagens sobre o artista, além de obras de artistas como Arjan Martins, Jaime Lauriano, Mulambo, Yhuri Cruz e o TTK, Rabisco do Santo Amaro, inspiradas na trajetória do maestro.

# OLHARES E RELEITURAS

MARÇO A MAIO DE 2022
Curadoria: Gabriela Moreira Miranda / IOK

A palavra “releitura” significa “ação de interpretar novamente alguma coisa, adicionando algo novo e original”. Foi imbuída da acepção que a exposição Olhares e Releituras convidou 17 artistas brasileiros de trânsito tanto nacional como internacional foram “interpretados”pelos participantes das oficinas de arte do Instituto Olga Kos (IOK) no Museu da Arte do Rio de Janeiro.

Para entender o contexto: os autores das releituras são pessoas com deficiência e idades variadas que participaram de oficinas de artes plásticas. Obras de artistas como Claudio Tozzi; Newton Mesquita; Caciporé Torres; Yutaka Toyota; Luise Weiss; Verena Matzen, entre outros, foram utilizadas como inspiração e ponto de partida para a criação dos seus próprios trabalhos.

Tendo como eixos narrativos o trabalho feito pela médica Nise da Silveira (criadora do Museu do Inconsciente em 1952) e o centenário da Semana de Arte Moderna, a intenção dos organizadores foi mostrar a percepção e sensibilidade dos beneficiários acerca dos trabalhos dos artistas e consequentemente a abertura para novos olhares.

FOTO: BEATRIZ GIMENEZ

# ELEONORE KOCH

MARÇO A MAIO DE 2022
Curadoria: Fernanda Pitta

Pela primeira vez, o público teve acesso a uma mostra da artista Eleonore Koch, um extrato de quase 150 obras que atravessaram sua trajetória por diferentes paisagens, interiores e exteriores, reais e imaginárias, com especial tributo ao Rio de Janeiro que a acolheu.

Eleonore Koch (Berlim, 1926 – São Paulo, 2018) chegou aos 10 anos no Brasil com a família, fugindo do nazismo. No Brasil, desenvolveu parte de sua produção artística, sendo a única discípula do pintor Alfredo Volpi (Lucca, Itália 1896 – São Paulo, São Paulo, 1988). Lore, como também foi conhecida, produziu uma obra singular entre São Paulo, Rio de Janeiro e Londres, cidades onde viveu ao longo de sua vida, e nas quais deixou um legado expressivo ao país que primeiro a recebeu.

"Na capital carioca, Eleonore Koch ganha características próprias, independentes de seu mestre Volpi, no que diz respeito aos seus temas e às suas estratégias artísticas. É também no Rio que Eleonore passa a trabalhar com a temática da paisagem, até então não muito explorada por ela", diz a curadora Fernanda Pitta, historiadora de arte e curadora sênior da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

FOTO: BEATRIZ GIMENEZ

# COLEÇÃO MAR E A ENCICLOPÉDIA NEGRA

MAIO A SETEMBRO DE 2022

Curadoria: Flávio Gomes, Lilia Schwarcz e Jaime Lauriano

Em parceria com a Pinacoteca de São Paulo, a mostra visou criar uma reparação histórica, proporcionando retratos de personalidades negras, já que até o século XIX apenas os nobres brancos eram retratados, enquanto negras e negros eram registrados anonimamente e em cenas de submissão.

O projeto Enciclopédia Negra, coordenado por Flávio Gomes, Lilia Schwarcz e Jaime Lauriano, resultou em um livro com biografias de mais de 550 personalidades negras, publicado pela Companhia das Letras em 2021.

"Esta exposição apresenta quase 200 personalidades negras e permite ao público conhecer artistas jovens e de grande qualidade, com arte figurativa, política e ativista. É uma chance de vivenciar uma nova forma de ver o Brasil, mais inclusiva e plural", afirmou Lilia Schwarcz.

Entre as 250 obras expostas, 13 retratavam personalidades como Abdias Nascimento e Heitor dos Prazeres, criadas por seis artistas convidados, e foram incorporadas à coleção do MAR após a mostra.

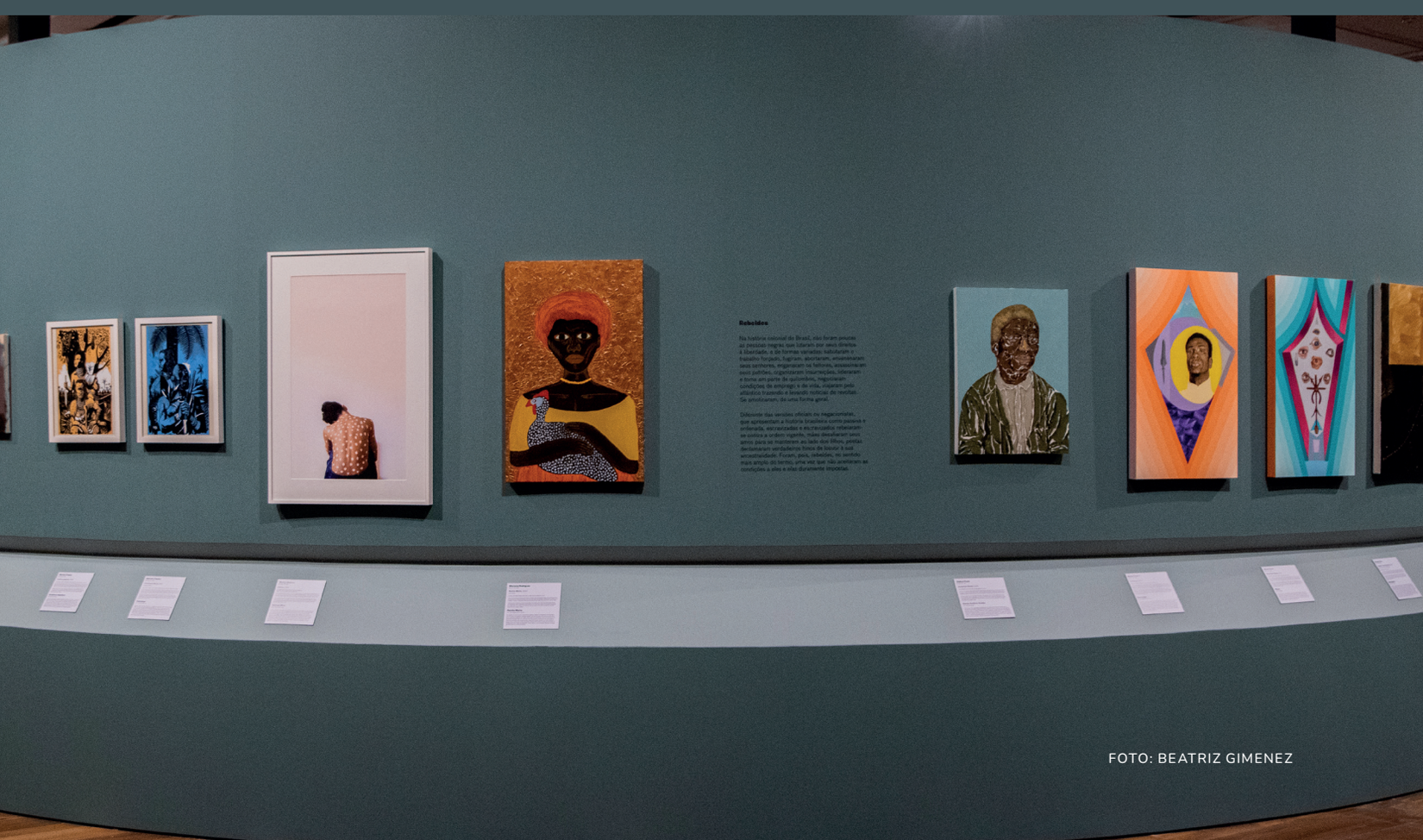



FOTO: BEATRIZ GIMENEZ

# GIRA - JARBAS LOPES

JUNHO A OUTUBRO DE 2022
Curadoria: Amanda Bonan e Marcelo Campos

"Gira", palavra imperativa que expressa movimento. Movimento que o artista Jarbas Lopes faz com os objetos, ressignificando e apresentando obras que propõem interações pautadas pela coletividade. Essa foi a motivação da individual de Jarbas Lopes, uma utópica visão de mundo, instigando o público a questionar o destino final dos objetos que descartamos. Na exposição, o artista com trinta anos de trajetória na arte contemporânea brasileira lidou diretamente com o espectador, convidando o público a estar no museu e a interagir com as obras, criando uma participação ativa com algumas das peças. A exposição apresentou cerca de 100 obras. "Uma exposição que o tempo todo quer o público, que não precisa entender antes de ver. O ver e o entender estão aliados. O que você está vendo é exatamente o que você precisa para entender o trabalho", disse o curador-chefe do MAR, Marcelo Campos.

FOTO: BEATRIZ GIMENEZ

# BEIRUTE: CAMINHO DOS OLHARES - DIA MRAD

AGOSTO DE 2022
Curadoria: Consulado Geral do Líbano

A explosão no Porto de Beirute, em 4 de agosto de 2020, foi uma das maiores não nucleares da história, deixando mais de 200 mortos, milhares de feridos e metade da capital libanesa destruída. Dois anos depois, o Consulado Geral do Líbano no Rio de Janeiro homenageou as vítimas com a exposição “Beirute: o caminho dos olhares”, do artista Dia Mrad, exibida pela primeira vez no Brasil.

No dia seguinte à tragédia, Mrad iniciou uma jornada pelos escombros da cidade, capturando imagens que refletem sua conexão com a arquitetura tradicional libanesa e a dor de um capítulo trágico na história do Líbano.

# RAMIFICAR

AGOSTO A NOVEMBRO DE 2022
Curadoria: Marcelo Campos

A mostra individual de RAMO, artista nascido em Mauá, discutiu temas como racismo e violência, criando um diálogo entre sua cidade natal e a Praça Mauá, na Pequena África. Com 30 obras, o artista mistura elementos da rua, afrofuturismo e espiritualidade católica, abordando masculinidade tóxica, o estigma do homem negro, afeto e esperança.

A violência racial foi tema central, especialmente na obra “111 (Neo Ex-Voto)”, que propunha uma cura para a “vilanização” do homem negro, com base no Massacre do Carandiru. Apesar de abordar brutalidades, a exposição também trouxe afeto, como em “Tereza”, autorretrato de Ramo e sua companheira Ester Lopes.

# LATARIA ESPACIAL

SETEMBRO DE 2022 A MARÇO DE 2023
Curadoria: Marcelo Campos e Amanda Bonan

Promover o choque entre o popular e o erudito é um dos objetivos de Emmanuel Nassar em “Lataria Espacial”. Inspirado pelas ruas e feiras do Pará, o artista incorpora linguagem publicitária e objetos de consumo em massa em suas obras.

O destaque da exposição foi um avião executivo inédito, com oito metros de comprimento, feito de aço galvanizado. A peça ocupou o térreo do MAR, promovendo interação direta com o público. A mostra reuniu cerca de 40 obras, conectando o Brasil cotidiano à estética da pop art, que dialoga com o imaginário publicitário.

Nascido em 1949 em Capanema (PA), Nassar formou-se em Arquitetura pela UFPA, onde lecionou educação artística. Desde os anos 1980, alia elementos populares a técnicas eruditas, criando instalações com materiais como chapas metálicas, madeira e luzes de néon, além de incorporar influências da pop art e do concretismo em sua busca por formas geométricas.

# REVIRAR

OUTUBRO A NOVEMBRO DE 2022
Curadoria: Jean Carlos de Souza, Amanda Bonan,
Amanda Rezende e Marcelo Campos.

A mostra exibiu um recorte inédito de 14 vídeos do acervo museológico, oferecendo ao público obras além do suporte mais tradicional - o acervo do MAR contava, em 2022, com 249 vídeos na coleção de cerca de 30 mil obras. A exposição “Revirar” apresentou a produção audiovisual de 15 artistas jovens, como Diambe, Juliana Notari e Pablo Lobato, e de artistas históricos, como a italiana Anna Maria Maiolino. A mostra abordava assuntos de dimensão política como a revisão histórica e social, os apagamentos, as geopolíticas da existência, as disputas e as paisagens. Como temática comum, os vídeos traziam a abordagem sobre corpos desafiadores das realidades sócio-políticas em que estão inseridos.

# 34ª BIENAL DE SÃO PAULO FAZ ESCURO MAS EU CANTO

OUTUBRO DE 2022 A JANEIRO DE 2023

Curadoria: Jacopo Crivelli Visconti, curador geral da 34ª Bienal de São Paulo

Fredrick Douglass (1817-1895), nascido em Maryland, EUA, foi um escritor, orador e político, símbolo da luta abolicionista. Escravizado na infância, aprendeu a ler e escrever apesar das adversidades. Fugiu para Nova York em 1838, tornando-se um ícone antiescravista e a pessoa mais fotografada do século XIX nos EUA.

A mostra Os Retratos de Frederick Douglass, itinerante da 34ª Bienal de São Paulo, destacou sua trajetória como homem negro que escapou da escravidão e se tornou símbolo de resistência. Com cerca de 30 obras de 13 artistas de 8 países, explorou deslocamento, violência e resistência, refletindo sobre traumas históricos e a luta por um futuro mais justo. Artistas como Arjan Martins (Brasil), Daiara Tukano (Brasil) e Tony Cokes (EUA) integraram a exposição.

# AGNALDO MANUEL DOS SANTOS

NOVEMBRO DE 2022 A MARÇO DE 2023
Curadoria: Juliana Bevilacqua.

De vigia no ateliê de Mário Cravo Júnior, em Salvador, a artista de relevância na modernidade baiana, Agnaldo Manuel dos Santos foi celebrado na mostra A conquista da modernidade, com mais de 70 esculturas de madeira. Nascido em Itaparica (BA) em 1926, Agnaldo conheceu Mário Cravo em 1947, tornando-se guarda e depois assistente de seu ateliê. Em 1953, assumiu-se como escultor, produzindo obras que subverteram o rótulo de "artista popular" atribuído por críticos, consolidando-se como figura única na arte moderna brasileira. A exposição explorou temas como carrancas, afeto e religiosidade, nos eixos "O Universo das Carrancas" e "Entre Santos e Ex-votos". Realizada em parceria com a Almeida & Dale Galeria de Arte, a mostra reforçou sua importância artística.

# TER HISTÓRIAS E TERRITÓRIOS

DEZEMBRO DE 2022 A FEVEREIRO DE 2023
Curadoria: Instituto Cultural Vale

A mostra “Ter Histórias e Territórios”, organizada pelo Instituto Cultural Vale, Escola do Olhar e Universidade das Quebradas (UFRJ), explora a relação entre território e história, ampliando a visão sobre as raízes indígenas e africanas da cultura brasileira. Curada pelos alunos da Universidade das Quebradas como trabalho de conclusão do curso “Arte Preta: Filosofia, História e Curadoria”, a exposição reúne cerca de 60 obras, entre pinturas, desenhos, fotografias e grafites, divididas em cinco núcleos temáticos: “Direito à Cidade”, “Lutas, Emancipação e Retomadas Históricas”, “Encruzilhadas”, “Memória e Ancestralidade” e “Corpas, Ações e Ativações”.

A mostra apresenta obras inéditas dos estudantes e peças do acervo do MAR, refletindo sobre ancestralidade, memória e resistência cultural.

FOTO: WESLEY SABINO

FOTO: WESLEY SABINO

# CLARA NUNES

DEZEMBRO DE 2022 A MARÇO DE 2023
Curadoria: Marcelo Campos, Amanda Bonan,
Marlon de Souza (Instituto Clara Nunes)

Clara Nunes (1942–1983), mineira que se tornou uma das maiores vozes da MPB, destacou-se por celebrar a cultura negra e as religiões de matriz africana, como o candomblé, em sua música. Filha de um violeiro e órfã na infância, ela foi pioneira em levar esses temas ao grande público, desafiando preconceitos da época.

No Quinto Andar do MAR, a exposição “Clara Nunes: uma leitura contemporânea” explorou sua relação com o Rio de Janeiro, especialmente a zona portuária, através de fotografias de Wilton Montenegro. Com cerca de 50 imagens, a mostra destacou sua religiosidade afro-brasileira, sua conexão com o Jongo da Serrinha, a Escola de Samba Portela e sua viagem transformadora à Angola.

Realizada em parceria com o Instituto Clara Nunes, a exposição ofereceu uma visão ampla da trajetória e da estética afro-brasileira que marcou a vida e a obra da artista.

# MARGENS, LUDOVIC CAREME

DEZEMBRO A MARÇO DE 2023
Curadoria: Christian Caujolle

A exposição trouxe um olhar documental sobre a realidade dos brasileiros, resultado das vivências do fotógrafo francês Ludovic Carême, que morou no Brasil por mais de dez anos no final dos anos 2000. Com um estilo sensível e detalhista, suas fotos em preto e branco retratam desde seringueiros na Amazônia até moradores de favelas em São Paulo, revelando histórias que vão além das imagens.

Carême descobriu sua paixão pela fotografia na adolescência, inspirado pelo jornal Libération. Formado pela Escola Superior de Arte de Toulouse, publicou seu primeiro trabalho em 1995, retratando casais de refugiados da guerra da Bósnia. Essa experiência marcou sua trajetória, dedicada a denunciar injustiças e a fragilidade humana através de sua Rolleiflex.

A mostra, composta por 68 fotos, capturou desde o cotidiano amazônico até a esperança nos olhares de jovens do Morro da Babilônia, passando por comunidades pobres às margens do Rio Tietê.

# IMPRESSÕES À BEIRA MAR

26 DE MARÇO A 12 DE JUNHO DE 2022
Curadoria: Naum Simão

"Impressões à Beira-Mar" foi a primeira exposição do acervo documental do MAR. Dentre outros, contou com mais de 60 cartões postais com paisagens da cidade do Rio de Janeiro à beira-mar, das décadas de 40 a 80. A exposição foi realizada em parceria com a exposição Monet à Beira D`Água, um espetáculo original e inédito de projeções que traduziu o legado de Claude Monet (1840-1926), ícone do impressionismo, uma exposição imersiva numa estrutura de mais de dois mil metros quadrados em que foi possível vivenciar 285 obras licenciadas do pintor projetadas em painéis com sete metros de altura. Esta foi considerada a maior exposição multimídia de Monet do mundo em duração.

# ARTRIO

15 A 18 DE SETEMBRO

O Museu de Arte do Rio levou um recorte de sua coleção sobre a arte indígena para a ArtRio de 2022, com obras de artistas mulheres e indígenas de sua coleção. Dentre as obras, as construções estéticas e simbólicas de Huni Kuins e Karajás, elucidando imaginários outros na contemporaneidade, além das costuras poéticas contundentes trazidas pela obra de Denilson Baniwa, bem como a importante pauta trazida pela imagem de Elisa Mendes que se (re)configura atualmente a partir das políticas territoriais e existenciais que envolvem a aldeia Maracanã.

FOTO: BEATRIZ GIMENES

FOTO: BEATRIZ GIMENES

# EXPOSIÇÕES 2021

O Museu de Arte do Rio celebrava seus oito anos de vida curando uma ressaca humanitária de dimensões globais. No ano de 2021, o mundo saía ainda do isolamento social imposto pela pandemia de coronavírus. Não por acaso, a grande exposição de destaque do período foi Crônicas Cariocas.

Com curadoria assinada pelo historiador Luiz Antônio Simas, pela escritora Conceição Evaristo pelos curadores do MAR, Marcelo Campos e Amanda Bonan, a mostra com mais de cem artistas e 600 obras de arte e objetos discutia a celebrava a importância redentora do patrimônio cotidiano de um Rio de Janeiro em busca das rotinas que alimentam suas identidades: o bailado demográfico das ruas, a fé das esquinas, as conversas de vizinhos.

Uma das primeiras medidas da Organização dos Estados Ibero Americanos (OEI) à frente do museu desde janeiro daquele ano, a abertura exigiu uma ampla rede de cuidados e medidas no fim da pandemia, o que contingenciou o calendário de atividades e presença do público.

De fevereiro a julho, a média foi de apenas 1,5 mil pessoas por mês. Antes da pandemia, em 2019, a média era de 18 mil visitantes mensais. Em abril de 2021, o museu precisou ser fechado por causa de um aumento repentino dos casos de covid na cidade.

## 9 EXPOSIÇÕES
REALIZADAS EM 2021

## 115 MIL
VISITANTES AO LONGO DO ANO

FOTO: BEATRIZ GIMENES

# CRÔNICAS CARIOCAS

SETEMBRO A JULHO DE 2022
Curadoria: Marcelo Campos, Amanda Bonan,
Luiz Antônio Simas e Conceição Evaristo

Que histórias ainda vale a pena contar? Como seguir diante de tantas narrativas sobre o fim? A vida que se tornou, cada dia mais, uma dádiva, ainda nos restituirá a alegria, a esperança?

Num cenário de fim da pandemia de Covid-19 que alterou profundamente as relações sociais no mundo, foram estas, dentre tantas outras, as indagações que fizeram a equipe de curadores do MAR construir Crônicas Cariocas, exposição que "escutou" a cidade do Rio de Janeiro para além de suas oficialidades e retratos mais óbvios: em seus balbucios; no encontro das calçadas; no canto dos pregoeiros; nas relações com a vizinhança; na esperança de abrir as janelas e ver que ainda vale o sorriso; que a lágrima será partilhada; que em qualquer sinal haverá alguém se lançando em malabarismos bem mais complexos do que o equilibrar das bolas e claves.

Com participação do historiador Luiz Antônio Simas, um dos principais cronistas contemporâneos do Rio das ruas, e da escritora Conceição Evaristo, nome fundamental da literatura brasileira contemporânea, a mostra trouxe para dentro do museu histórias e sensibilidades cotidianas da cidade por meio de mais de 600 obras de arte distribuídas entre os principais andares do museu. Entre fotografias, fotografias, pinturas, filmes e músicas, trabalhos de mais de 100 artistas de diferentes gerações: Rosana Paulino, Denilson Baniwa, Bispo do Rosário, Laerte, Bastardo, Milena Manfredini, Guignard, Di Cavalcanti e Lasar Segall, entre outros.

"Há uma certa percepção turística da cidade como um balneário restrito à Zona Sul. A exposição lança um olhar para o Rio praticado de fato pelos cariocas. É no subúrbio que está o nosso patrimônio imaterial. As comidas, músicas, as maneiras de se festejar a vida", apontou Luiz Antônio Simas. Os curadores confirmam o conceito:

"Aqui, escutamos o Rio das avós, daquelas que melhor sabem contar histórias e, em cada uma, um ensinamento sobre a vida, o nascimento e a

morte. O Rio das encruzilhadas e seus deuses pagãos, das ciganas, dos malandros, das festas de louvor e sincretismo. Queremos ouvir o Rio dos trens, em vagões onde sempre cabem poetas. De outro modo, acompanhar as crianças, os erês, em busca da alegria. Denunciar o desaparecimento das linhas de ônibus que nos levavam ao trabalho e ao lazer. Cortar a cidade partida e expor suas cicatrizes, aquela da injustiça e do abandono. Narrar o Rio que se ornamenta e faz cara de rica que finge não ver os subúrbios e periferias. Vamos contar uma cidade que à noite se encanta, se ilude e dança nas ga fieiras, te convidando a rodar nas searas do desejo para além de toda adversidade. Essa mesma, essa cidade que se solidariza e se orgulha em ver a vitória dos que atravessaram o fim do mundo(...)".

A grande força redentora do cotidiano foi o fio condutor da exposição com duração de dez meses em cartaz. Passeando pelas três galerias da mostra, o público foi acompanhado pela sonorização do cotidiano, em músicas e sons do dia a dia. "É a perspectiva de que a cidade não é só vista, mas escutada e sentida", explicou o curador-chefe do museu, Marcelo Campos. "Depois da tragédia, quisemos pensar na força da reinvenção deste cotidiano", endossou Amanda Bonan.

FOTO: BEATRIZ GIMENES

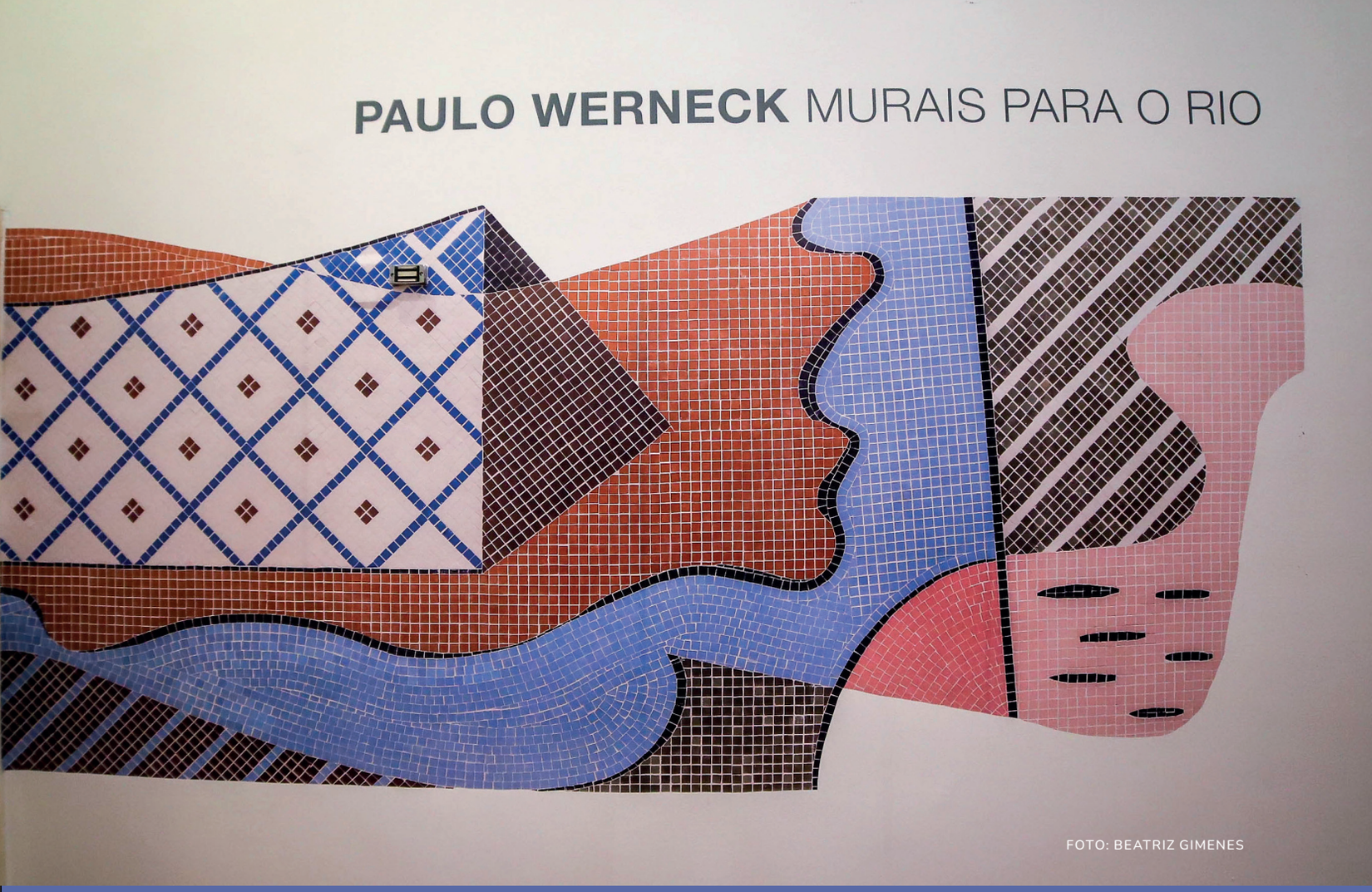



FOTO: BEATRIZ GIMENES

# PAULO WERNECK: MURAIS PARA O RIO

FEVEREIRO DE 2021 A JANEIRO DE 2022
Curadoria: Claudia Saldanha e Marcelo Campos

A exposição “Paulo Werneck – Murais para o Rio” revelou a dimensão pública da produção do artista no Rio de Janeiro. Além de lançar luz sobre obras do pioneiro da atividade mural no país, a mostra buscou reunir aspectos importantes de sua trajetória, como as atividades de ilustrador e artista gráfico.

Ao reunir estudos preparatórios para paineis, executados em mosaico, ilustrações, objetos e alguns documentos históricos, a mostra agregou projetos por afinidades estéticas, revelando um variado repertório de composições figurativas, abstratas e geométricas. A forma como a obra de Werneck impactou na arquitetura modernista carioca, com sua aplicação da abstração nas artes aplicadas, e antecipou soluções formais do modernismo no Brasil, que nos remetem a uma iconografia brasileira muito valorizada no período, nos influxos modernistas em torno da construção de uma suposta “brasilidade” – a referência aos povos originários, afrodescendentes, à floresta e a outros elementos da cultura nacional.

# BANCA DE JORNAIS NELSON LEIRNER

ABRIL A AGOSTO DE 2021
Curadoria: Marcelo Campos

Em “Banca de Jornais”, Nelson Leirner se apropria de uma banca em tamanho real: a obra apresenta-se repleta de jornais, revistas, pôsteres, miniaturas e selos. A distinção entre arte e cultura popular, portanto, fica cada vez mais fluída. A atração pelo consumo e pela informação torna-se, assim, aguçada pela quantidade de materiais presentes.

Em abril de 2021, o Museu de Arte do Rio apresentou ao público a obra “Banca de Jornais”, incorporada ao acervo do museu desde o ano passado, como primeiro item da Coleção MAR a integrar o programa “Leituras da Coleção”. O projeto, que propõe um diálogo entre os acervos bibliográfico e museológico da instituição, elege uma obra por temporada para ocupar o espaço expositivo da biblioteca. Durante o período em cartaz, proposições educativas e artísticas são realizadas em torno do trabalho.

Desde os anos 1960, Nelson Leirner (1932-2020) lançou mão da heterogeneidade de materiais e conceitos para realizar sua produção, apropriando-se de imagens populares advindas da cultura de massa. O artista paulistano utilizava referências multi-condicionadas, desde mídias impressas, como jornais e revistas, a objetos recorrentes nos camelôs e lojas espalhadas pelo comércio popular nas ruas da cidade.

“Em sua produção, criavam-se fronteiras difusas entre a arte e a antiarte, que se interceptavam. Leirner trabalhou com signos irônicos, bonecas Hello Kitty, imagens da Mona Lisa, se aproveitando de situações críticas ao sistema da arte e às instituições consagradas, lidando tanto com representações da identidade cultural de uma suposta elite, quanto com um cotidiano banal e acessível”, explica o curador Marcelo Campos.

# IMAGENS QUE NÃO SE CONFORMAM

MAIO DE 2021 A FEVEREIRO DE 2022
Curadoria: Marcelo Campos e Paulo Knauss

A exposição Imagens que não se conformam, realizada em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), surgiu de um encontro promovido pelo Instituto Cultural Vale. O objetivo foi revisitar o acervo do IHGB, fundado em 1838 para preservar documentos históricos e formar uma das mais importantes coleções de brasilianas, com foco na afirmação do estado nacional pós-independência.

A mostra propôs uma releitura artística da história do Brasil, abordando temas como reparação histórica, discursos identitários e o protagonismo de artistas indígenas, afrodescendentes e de gêneros dissidentes. Com 200 itens, entre fotografias, manuscritos e vídeos, a exposição ocupou uma galeria do Segundo Andar do Pavilhão de Exposições, renovando a abordagem do patrimônio cultural do IHGB.

# RUA! NOS PILOTIS

JULHO A OUTUBRO DE 2021
Curadoria: Equipe MAR

Skatistas do Rio de Janeiro puderam arriscar manobras na rampa montada no pilotis do Museu de Arte do Rio. Criada pelos artistas Guga Ferraz e Daniel Castanheira como extensão da exposição “Rua!” no Pilotis, a rampa de nove metros era acoplada a um amplificador dos sons produzidos pelos skatistas – a rampa chegava ao espaço na mesma semana dos Jogos Olímpicos, em Tokyo, que pela primeira vez teve o skate entre as modalidades (no qual a brasileira Rayssa Leal ganharia a medalha de prata aos 13 anos).

Inaugurada em janeiro de 2020, “Rua!” reuniu cerca de 80 obras, entre fotografias, vídeos, grafites e esculturas, de artistas integrantes da Coleção MAR, como Carlos Vergara, Evandro Teixeira, Paula Trope, Tiago Sant’Ana e Tia Lúcia, além de trabalhos de cinco grafiteiros convidados: Panmela Castro, Cruz, Rack, Ramo Negro e Coletivo I love MP.

FOTO: BEATRIZ GIMENEZ

# YORÙBÁIANO

AGOSTO DE 2021 A MARÇO DE 2022
Curadoria: Marcelo Campos

A cultura yorubá, uma das últimas a chegar ao Brasil com a escravidão, trouxe saberes ancestrais e práticas de povos da África subsaariana, que se compunham de reis, rainhas e lideranças espirituais. Essas tradições formaram a base da população afrodescendente no Brasil.

Ayrson Heráclito representa essa reinvenção poética e política, com raízes na Bahia nagô. Em sua obra, o azeite de dendê (epo) e a água salgada (omi iyọ̀) simbolizam a mistura e separação no Atlântico, refletindo sobre a exploração colonial.

No MAR, Heráclito apresentou 63 obras, discutindo os patrimônios tangíveis e intangíveis da cultura yoruba, abordando a memória e as feridas históricas da cultura canavieira.

# BANDEIRAS

Ao final do ano de 2018, o mastro instalado na cúpula do prédio histórico do Pavilhão de Exposições no Palacete Dom João VI foi restaurado com o objetivo principal de receber bandeiras criadas por artistas especialmente comissionados para tanto.

A intenção do Museu, desde então, é difundir percepções artísticas com o intuito de estimular discussões e reflexões no âmbito sociocultural, ressaltando a vocação do museu como espaço de inclusão e diversidade. Temas como a cultura popular carioca, o respeito às identidades hétero-discordantes e o patrimônio vocabular do povo brasileiro estiveram hasteados com algumas dessas bandeiras.

FOTO: WESLEY SABINO

## 2024

### TODO PODER PARA O POVO, DE EMORY DOUGLAS

Produzida pelo artista visual californiano Emory Douglas, a bandeira representa a luta pela democracia e a igualdade racial. A imagem traz um jovem negro com um jornal na mão no qual a manchete afirma: “Todo Poder para o Povo”. Douglas foi responsável em grande parte pela concepção estética e publicitária do Partido dos Panteras Negras, um dos principais movimentos anti racistas dos Estados Unidos. Sua arte gráfica contribuiu para a construção de imagens e ícones com temas sociais e políticos que transcendem fronteiras. “Emory Douglas é um dos mais importantes artistas do século XX. Todo poder para o povo”é uma frase que é muito a vocação desse museu, de se aproximar cada vez mais do público e da população”, disse Marcelo Campos, curador-chefe do MAR.

## REVOADA, DE MANUELA NAVAS

A arte, criada por Manuela Navas, é uma pintura que faz parte do livro infantil “Chupim”, do premiado escritor Itamar Vieira Júnior. Em suas páginas, a obra traz uma leitura sobre o olhar de uma criança para o pássaro Chupim. A infância, a forma como vemos as coisas à nossa volta e o amor de uma criança pela natureza são algumas das ideias do livro

FOTO: WESLEY SABINO

# 2023

## A ORDEM É SAMBA, DE JULIANA PINTO

No ano de 2023, a bandeira “A Ordem é Samba”, criada pela artista, comunicadora e historiadora Juliana Pinto, faz uma alusão à frase-título de uma canção escrita por Jackson do Pandeiro impressa sobre o azul potente do tecido em referência à bandeira da República Federativa do Brasil. “Seja por sua trajetória, localização ou histórico de exposições, debates e atividades debruçadas sobre a cultura carioca – nas quais invariavelmente o samba participa, o Museu possui uma genuína vocação para reunir a promover um acervo identitário da cidade do Rio de Janeiro”, justificou Juliana

FOTO: WESLEY SABINO

FOTO: BEATRIZ GIMENES

# 2022

## ATRAVECAR ESCURECER, DE GUILHERMINA AUGUSTI

A obra da artista trans Guilhermina Augusti gira em torno das palavras “Atravecar” e “Escurecer”, articuladas com elementos geométricos que destacam a ancestralidade negra, criando uma geometria identitária e afro-brasileira. Inspirada por artistas como Abdias Nascimento e Rubens Valentim, Guilhermina reflete sobre o uso da geometria em suas criações.

Marcelo Campos, curador-chefe do MAR, destacou que as bandeiras do museu representam posicionamentos sociais. A obra de Guilhermina, com suas palavras-chave, questiona e evidencia a urgência de maior representatividade de artistas trans nas coleções do museu.

FOTO: BEATRIZ GIMENES

## PRETUGUÊS, DE ROSANA PAULINO

Inspirada no conceito de “Pretuguês” de Lélia Gonzalez, a obra criada por Rosana Paulino para o MAR retrata o perfil de uma mulher negra com espadas de São Jorge emergindo da boca. “Pretuguês” celebra a influência das línguas africanas na fala brasileira, desafiando normas coloniais. Paulino utilizou a frase de Lélia Gonzalez para discutir racismo, feminismo negro e a demonização de símbolos culturais negros. A obra reflete o “português do oprimido” como um ato político. Rosana Paulino também marcou o MAR com exposições como “Um Defeito de Cor” (2022) e “A Costura da Memória” (2019), sendo a primeira mulher negra a ter uma mostra individual no museu.

# 2021

## TAJÁ, CURAR A TERRA E A FOLHA, DE MATHEUS RIBS

A Tajá, planta comum em quintais brasileiros, foi tema da bandeira “TAJÁ, Curar a Terra e a Folha”, criada por Matheus Ribs, artista da Rocinha. A obra retrata o Brasil como casa-território, com veios vermelhos simbolizando rios e alertando sobre degradação ambiental. Ela também antecipa debates da Rio + 30, evento climático de 2022. Segundo Marcelo Campos, curador do MAR, a obra reflete sobre natureza, ancestralidade e a conexão entre culturas indígena e afro-brasileira.

## ANDANDO EM CÍRCULO, DE SÔNIA GOMES

A bandeira criada por Sônia Gomes para o MAR remete ao patuá afro-brasileiro, destacando saberes femininos e a ancestralidade do ato de costurar. A artista mineira, que aprendeu a costurar com uma tia e herdou conhecimentos de sua avó parteira e benzedeira, incorpora em seu trabalho elementos da religiosidade afro-brasileira. O patuá, amuleto de tecido com cores e símbolos dos Orixás, é uma de suas principais referências.

FOTO: BENOIT FOURNIER

# UM MAR ITINERANTE

Além de trazer a cidade e suas dinâmicas para dentro do museu, o MAR também amplia seus conteúdos para além de seus muros, com um programa constante de itinerância de algumas de suas principais exposições. O MAR itinerante é, sobretudo, uma forma lúdica e inteligente de aproximar as pessoas a espaços de lazer, sociabilidade e acesso à informação e fruição artística. Além, claro, de despertar novos interesses em públicos às vezes não tão frequentes em exposições: se o público não vem ao museu, o museu vai até o público convidá-lo. Uma descentralização no modo de promoção da cultura que, dentre outras, promove uma experiência diferenciada na forma de os habitantes vivenciarem a cidade.

# OCUPAÇÃO CAROLINA MARIA DE JESUS: UM BRASIL PARA OS BRASILEIROS

## PARQUE MADUREIRA - RIO DE JANEIRO/RJ

15 DE OUTUBRO DE 2022 A 15 DE DEZEMBRO DE 2022
Curadoria: Hélio Menezes e Raquel Barreto, com assistência de Phelipe Rezende.

"Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros" – Ocupação MAR foi a primeira grande exposição itinerante do museu pós-pandemia. Realizada em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura e o Instituto Moreira Salles, a mostra chegou ao Parque de Madureira, na Zona Norte do Rio, após passar por São Paulo.

Com cerca de 100 obras de 10 artistas, incluindo fotografias, vídeos, colagens e reportagens, a exposição destacou uma peça inédita de Silvana Mendes, que representou Carolina Maria de Jesus cercada por homens brancos, "anulados" com flores e elementos coloridos.

Nascida em 1914, em Sacramento (MG), Carolina foi uma multiartista negra cuja obra mais conhecida, Quarto de Despejo (1960), foi traduzida para mais de 13 línguas. Moradora da Favela do Canindé, em São Paulo, ela sustentou seus três filhos como catadora de papel. Sua trajetória e obra são fundamentais para entender a história literária e cultural do Brasil.

# YORÙBÁIANO, DE AYRSON HERÁCLITO:

## PARCERIA ENTRE MAR E PINACOTECA DE SÃO PAULO

2 DE ABRIL A 22 DE AGOSTO DE 2022
Curadoria: Amanda Bonan, Ana Maria Maia e Marcelo Campos

Destaque na programação do Museu de Arte do Rio no ano anterior, a exposição Yorubaiano, de Ayrson Heráclito, chegou em abril à Pinacoteca de São Paulo como a primeira grande parceria entre as instituições com o objetivo de compartilhar ações e programações culturais para cooperação mútua.

Na noite de abertura, o público paulistano assistiu à performance “Segredos Internos”, em que Ayrson Heráclito aborda mitologias africanas que aportaram no Brasil a partir da diáspora, do sequestro e da escravidão de diversos povos africanos, sobretudo a partir do século XIX.

A mostra “Yorùbáiano” exibiu uma seleção de obras que articulam culturas diversas, abarcando os mitos yorubanos ou nagôs e jejes, a um amálgama cultural de saberes ancestrais, ensinamentos, lendas, ritos e visões de mundo distintos que fazem parte das matrizes religiosas e culturais do candomblé. Através dos trabalhos do artista, o público tomou contato com lendas, “ìtàns” e “orikis”, narrativas tradicionais que seguem presentes nas ruas, procissões, romances e enredos de escolas de samba brasileiras, tomando contato com um mundo onde a natureza dos vários seres se complementa.

FOTO: LEVI FANAN

# UM DEFEITO DE COR EM SALVADOR

Curadoria: Ana Maria Gonçalves, Amanda Bonan e Marcelo Campos

Após três anos fechado, o Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (Muncab) reabriu em Salvador, no dia 6 de novembro de 2023, com a exposição “Um Defeito de Cor”. Inspirada no romance homônimo de Ana Maria Gonçalves, a mostra aborda lutas pela liberdade no Brasil Império e seus ecos contemporâneos, destacando a trajetória de Kehinde, figura histórica ligada a Luísa Mahin.

Resultado de uma parceria entre a Prefeitura de Salvador, a Amafro e a OEI, a reabertura integrou o projeto “Salvador Capital Afro”, que celebra as contribuições afrodescendentes à civilização brasileira. Com quase 5.000 m² e mais de 400 peças, entre arte contemporânea, sacra e moderna, o Muncab reafirma seu papel como espaço de preservação das culturas afro-brasileiras.

# EXPOSIÇÃO MEU LUGAR LEVA PROJETO ITINERANTE DO MAR A NOVOS ESPAÇOS

SETEMBRO DE 2023 A 14 DE JANEIRO DE 2024
Curadoria: Thiago Fernandes

A exposição itinerante “Meu lugar”, realizada pelo Museu de Arte do Rio com patrocínio da Enel Distribuição, levou uma grande mostra sobre os sentidos dos ambientes de convivência urbana a lugares distintos e de grande densidade populacional e identitária na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: nesta sequência, São Gonçalo, Duque de Caxias, Guapimirim e Campo de Goytacases.

Além das obras de cerca de 90 artistas a cada edição, como forma de reler a grande exposição “Casa Carioca”, realizada pelo MAR em 2020, cada edição da itinerância contou também com espetáculos como peças de teatro, apresentações musicais e shows ao vivo.

Com o projeto de itinerância, o Museu de Arte do Rio reconhece que as populações socialmente vulneráveis devem ter direito à energia, água, saneamento básico e outros serviços fundamentais para sua sobrevivência e para que não sejam recorrentes as práticas que reverberam em riscos ecológicos e sanitários, como também a acessos descentralizados à cultura.

FOTO: WESLEY SABINO

# ÒNÁ ÌRÍN: CAMINHO DE FERRO", NÁDIA TAQUARY

**MUNCAB, SALVADOR, BAHIA**

28 DE NOVEMBRO DE 2023 A 23 DE MARÇO DE 2024.

Depois do público carioca, foi a vez de os baianos conferirem a exposição "Òná Ìrín: Caminho de Ferro", individual da artista baiana Nádia Taquary, Em cartaz do Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira), a mostra apresentou a complexa conexão entre o feminino sagrado e os fluxos da dinâmica da vida, elegendo um trânsito ferroviário intenso como metáfora.

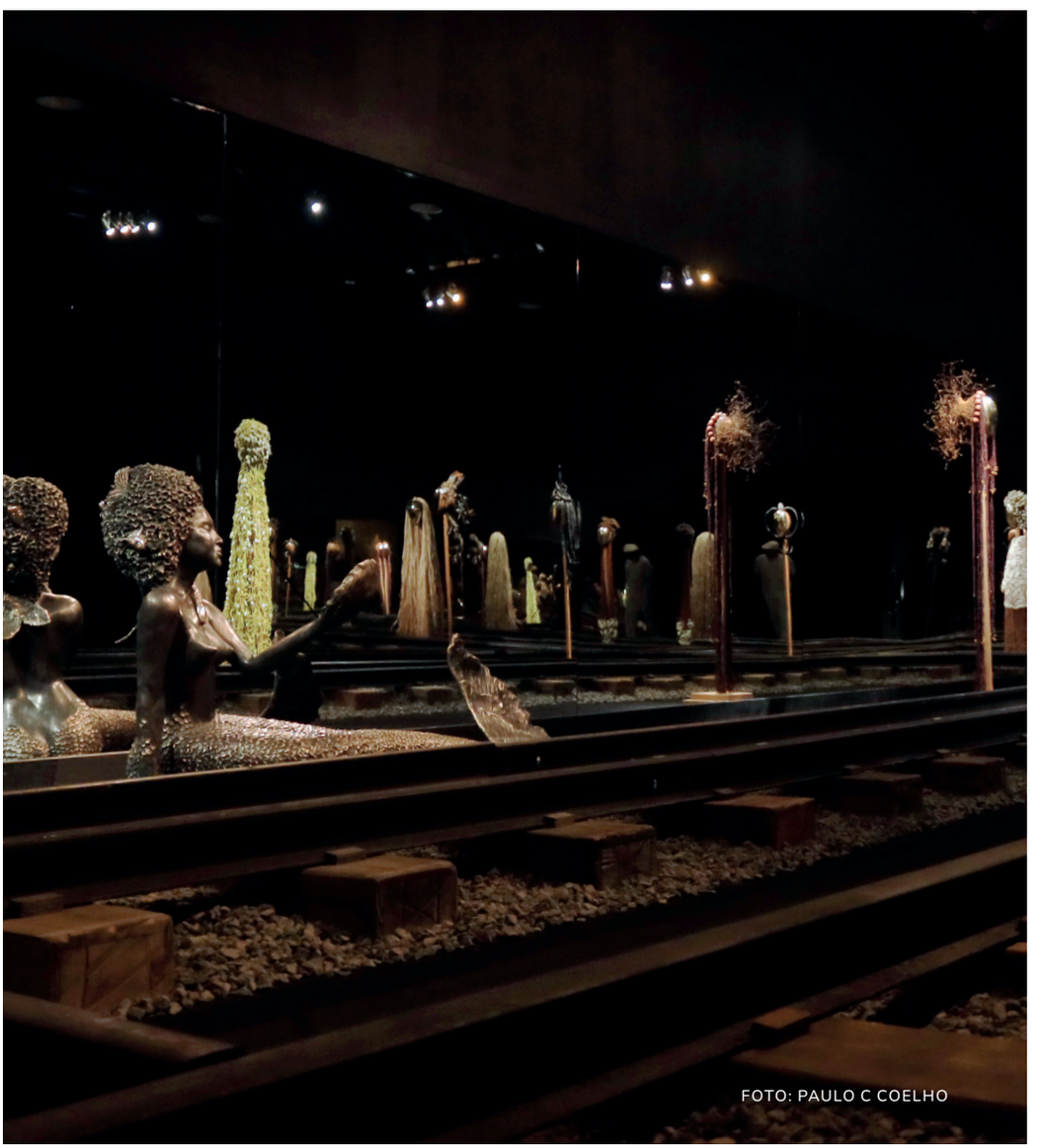


FOTO: PAULO C COELHO

# O MAR DESAGUOU EM PORTUGAL

DEZEMBRO DE 2023 A MARÇO DE 2024

Um recorte da exposição Meu Lugar, que, por sua vez, havia sido um desdobramento da mostra Casa Carioca, recebeu quem desembarcou no Aeroporto de Lisboa a partir das vésperas do Natal de 2023. Como síntese representativa da mostra, 27 obras foram levadas para a capital de Portugal através da parceria entre o MAR, a Enel Distribuição e a ANA, empresa que administra os principais aeroportos portugueses. Como tema das obras, as múltiplas relações dos habitantes do Rio de Janeiro com suas moradias. A ação fez parte do programa de internacionalização do Museu de Arte do Rio.

# O MAR NA ONU

Durante o 3º Fórum Permanente de Afrodescendentes, realizado na sede da Organização das Nações Unidas, em Genebra, na Suíça, entre 16 e 26 de abril de 2024, o Museu de Arte do Rio realizou a exposição “Atlântico Vermelho”. A mostra contou com 60 obras de 22 artistas afrodescendentes brasileiros.

Com curadoria de Marcelo Campos, pela primeira vez uma exposição foi realizada durante o Fórum Permanente de Afrodescendentes, considerado o evento mais importante das Nações Unidas sobre a questão étnico-racial. A exposição foi uma ação conjunta entre o Instituto Luiz Gama, a ONG Paramar e o Instituto Guimarães Rosa. O Museu de Arte do Rio e a Organização de Estados Ibero-americanos foram co- realizadores da mostra.

Artistas brasileiros como Antônio Obá, Nádia Taquary, Maria Macêdo, Jaime Lauriano, Bqueer, Yhuri Cruz, Thais Iroko, Ayrson Heráclito, Sônia Gomes, Rosana Paulino, entre outros, estão expuseram obras para reverberar a importância da luta antirracista. “Atlântico Vermelho” é uma exposição especialmente pensada para o 3º Fórum Afrodescendente, que contou com diversas plenárias e sessões de debates. Não se tratava, apenas, de uma exposição, mas da ambição de criar cláusulas que possam judicializar os direitos de artistas afrodescendentes”, destacou Campos.

FOTO: WESLEY SABINO

# MAR DE MÚSICA

## OS SONS DO RIO NO MAR

O MAR não é um museu pensado apenas para um público atento e silencioso. Prova disso é o programa MAR de Música que, desde 2014, oferece audições e shows gratuitos que já atraíram mais de 60 mil pessoas. Elza Soares, Diogo Nogueira, Letrux, Linn da Quebrada, Otto e BK foram apenas alguns dos grandes nomes que já tomaram conta do pilotis do museu, unindo as artes visuais à música e proporcionando uma experiência única aos visitantes nesta última década. No ano de 2024, o projeto ampliou sua atuação com a inclusão de rodas de samba e choro no programa Sons do Rio, com entradas gratuitas às terças-feiras.

Pausado durante a pandemia (2020-2021), o projeto retornou em 2022 com 10 edições entre os meses de março e agosto. Naquele ano, para além de Diogo Nogueira e Letrux, Filipe Catto, Juliana Linhares e a banda Bala Desejo foram destaques da programação — reafirmando, também, o compromisso da instituição em estar atenta aos artistas da nova geração da arte e da música popular brasileira. A curadoria do ano foi de Fabiana Pereira, jornalista e pesquisadora musical.

Em 2023, a programação musical foi especial e celebrou os 10 anos do MAR. A Orquestra Voadora, famosa banda do carnaval carioca, se uniu ao cantor Serjão Loroza na abertura da exposição “A Construção do MAR e a Pequena África”. Naquele ano, a escolha dos artistas foi feita pelo Circo Voador.

Celebrando uma década de existência, a edição de 2024 do MAR de Música honrou e perpetuou os “Sons do Rio”: o samba e o chorinho carioca, patrimônios culturais e imateriais que fomentam a cultura da Pequena África há séculos — território este em que o Museu está inserido, sob interação e atuação constante. De outubro a dezembro, quem visitou o MAR participou de rodas de samba e choro que agitaram o pilotis e atraíram o público no dia de gratuidade:

Em todas as edições, os vizinhos do MAR têm a oportunidade de instalar barracas de comidas e bebidas no pilotis do museu, oportunidade que engaja a comunidade local e gera renda aos moradores da Zona Portuária. Em decorrência do G20, não houve MAR de Música nos dias 12 e 19 de novembro do último ano.

## 2022

**11/03** DIOGO NOGUEIRA
**25/03** LETRUX
**29/04** BALA DESEJO
**13/05** B NEGÃO
**27/05** PEDRO LUÍS
**24/06** FILIPE CATTO
**08/07** JULIANA LINHARES
**29/07** OTTO
**12/08** MULHERES DA PEQUENA ÁFRICA
**23/09** BAILE DO MULÚ

## 2023

**31/03** ORQUESTRA VOADORA ESPECIAL MAR 10 ANOS

# 2024

**09/04** ESPECIAL FUNK
**22/10** RODA DE SAMBA DO RAONI VENTAPANE & MESTRE WALLAN
**29/10** RODA DE CHORO COM CONJUNTO GRAPIÚNA
**05/11** RODA DE SAMBA DO RAONI VENTAPANE & MESTRE WALLAN
**26/11** RODA DE CHORO COM QUARTETO SUMARÉ E RAFAEL LIRA
**03/12** RODA DE SAMBA DO RAONI VENTAPANE & MESTRE WALLAN
**10/12** RODA DE SAMBA DO RAONI VENTAPANE & MESTRE WALLAN
**17/12** TERREIRO DE CRIOULO

FOTO: WESLEY SABINO

Inaugurado em 2013 na Zona Portuária, coração da chamada Pequena África do Rio de Janeiro, região onde chegou a maior parte da população escravizada em África e onde se fixaram seus descendentes na cidade, o Museu de Arte do Rio de Janeiro é, desde o princípio, também uma escola

# UMA ESCOLA QUE É UM MUSEU, UM MUSEU QUE É UMA ESCOLA

ENTRE 2021 E 2024 A ESCOLA CONTOU COM A PARTICIPAÇÃO DE

**410.953**
PESSOAS

FORMOU

**6.687**
PROFESSORES

E ATENDEU MAIS DE

**18.270**
ALUNOS DA REDE PÚBLICA

MUSEU DE ARTE DO RIO

# ESCOLA DO OLHAR

O MAR, dedicado à integração entre cultura e arte, prioriza a educação por meio de sua Escola do Olhar, um eixo tão importante quanto sua Coleção e Programa de Exposições. A Escola visa equipar as pessoas com ferramentas culturais para que se tornem produtoras de significados e conhecimentos artísticos, sociais e políticos, consolidando-se como um polo de pesquisa e difusão de conhecimento.

Com uma proposta pedagógica focada na liberdade criativa e no respeito à diversidade, a Escola do Olhar promove a dimensão pública da arte, valores democráticos, direitos humanos e acessibilidade. Suas atividades incluem mediação cultural para todas as idades, cursos e oficinas para professores da rede pública, e formação profissional de jovens na economia criativa. O modelo educacional é não formal, baseado na diversidade, alteridade e mutualidade.

## PROGRAMA REDES E TERRITÓRIOS

Iniciativa de ação contínua de relacionamento, Redes e Territórios é um programa de relacionamento desenvolvido pela Escola do Olhar junto aos moradores e instituições da região portuária vizinha ao museu, em iniciativas de evidenciamento e valorização das culturas dos moradores da Pequena África, em seus processos históricos e identitários. O programa é composto por uma malha de atividades regulares e específicas. Dentre elas: oficinas, pesquisas territoriais, rodas de conversa e apresentações de trabalhos sobre, no e a partir dos territórios.

## DIAGNÓSTICO SOCIOTERRITORIAL

A Escola do Olhar realiza um estudo anual para mapear os moradores da Pequena África, adaptando as atividades do MAR às necessidades locais. Em 2024, o diagnóstico abrangeu bairros como Saúde, Gamboa e Santo Cristo, incluindo favelas. A pesquisa cobriu 28,76% dos domicílios, com dados coletados em abril de 2023.

O Índice de Progresso Social da região ficou abaixo da média da cidade (64,34%). A maioria dos entrevistados se identificou como pardo (36,8%) ou preto (33,8%), com predominância de 21 a 40 anos (43,2%). Os principais problemas foram Saúde (53%), Segurança Pública (48,9%) e Educação (41,4%). Dados completos estão no Diagnóstico Socioterritorial de 2024.

## JORNAL DOS VIZINHOS

O Jornal com Vizinhos, sintetiza, desde o início, as discussões levantadas no programa Café com Vizinhos. Em 2024, em sua sétima edição, desenvolvida pela Escola do Olhar e Moradores, teve como tema programas de apoio e capacitação em empreendedorismo a mulheres em situação de vulnerabilidade social da região portuária do Rio. Em sua edição anterior (2023), o Jornal se debruçou sobre as potências artísticas, políticas e culturais da Zona Portuária do Rio. Em 2022, tratou do reencontro e volta dos diálogos com vizinhos da chamada Pequena África após o isolamento da pandemia. Em 2021, tratou de trajetórias que criaram meios de sobrevivência à revelia das dificuldades da região.

## CAFÉ COM VIZINHOS

O programa Café com Vizinhos é, para além de um momento de confraternização e sociabilidade, um grande fórum espontâneo para partilha de experiências entre as equipes do MAR, os moradores, coletivos e instituições da região portuária. Esses encontros acabam por articular linhas de ações e abordagens nos demais encontros com a vizinhança.

## PROGRAMA VISITAS MEDIADAS E ATIVIDADES EDUCATIVAS

O programa de visitas mediadas e ações educativas realizadas pela equipe de educadores da Escola do Olhar visa aprimorar e densificar a experiência das visitas ao MAR, potencializando o entendimento dos significados artísticos, educacionais e culturais dos conteúdos das exposições e ações afim. Ações de oferta permanente:

## PERCURSOS MEDIADOS

"Percursos mediados" é uma minissérie audiovisual desenvolvida pelos educadores e equipe da Escola do Olhar, com o objetivo de enriquecer a experiência de uma exposição por meio de uma abordagem pedagógica. A partir dos conteúdos em cartaz no MAR, a série leva o espectador a uma imersão mais aprofundada.

## PROGRAMAS FORMATIVOS

O Percursos Formativos, projeto anual do Museu de Arte do Rio (MAR), oferece bolsas de estudo para jovens da rede pública e de regiões periféricas do Rio. Em 2024, 10 jovens de 16 a 21 anos, moradores de Barra de Guaratiba, Guaratiba e Pedra de Guaratiba, participaram de uma imersão de seis meses em produção e

DE 2021 A 2024

RECEBEMOS MAIS DE

3.462

AÇÕES REALIZADAS
DESTINADAS A VIZINHOS

### LUZIETE PRESENTE

Este ano, o programa Café com Vizinhos chorou a perda de uma de suas principais articuladoras. Mãe, empreendedora, contadora de histórias, quituteira, crítica e sobretudo amiga, dona Luziete Fernandes (1964-2024) faleceu, deixando uma lacuna imensa como uma das mais ativas interlocutoras da Escola do Olhar com a comunidade portuária a partir do programa Café com Vizinhos.

gestão cultural, conhecendo todas as áreas do museu. Desse total, 60% das vagas foram reservadas para ex-participantes do projeto Pacto Pela Juventude, promovido pela JUV-RIO.

O programa é composto por nove percursos formativos, abordando curadoria, práticas artísticas, museologia, educação, comunicação, produção cultural e administração. Em 2024, incluiu um módulo sobre gestão cultural. Esta foi a 6ª edição do projeto, que desde 2019 já beneficiou jovens de Santa Cruz, Pavuna e da Zona Portuária.

## VISITAS EDUCATIVAS DE GRUPOS ESPONTÂNEOS

### CONHEÇA O MAR

Oferecida ao público espontâneo, com duração de até uma hora, a iniciativa aborda visitantes pelo espaço do pilotis do edifício, nem necessariamente em busca de alguma exposição, e oferece um breve panorama da história da região portuária, da Pequena África e das temáticas e obras das exposições em cartaz. Respeitando o programa de Acessibilidade do MAR, as visitas podem ser feitas em linguagem alternativa e em libras.

## ACOLHIMENTO DE GRUPOS ESPONTÂNEOS

Com duração aproximada de 30 minutos, a visita apresenta a estrutura do museu, sentidos e significados em suas instalações e exposições. Sem agendamento prévio e, claro, sujeito à disponibilidade da equipe, o acolhimento em visitas é voltado prioritariamente para estudantes, professores, universidades, organizações civis, famílias e outros grupos organizados.

## ATIVIDADES EDUCATIVAS

As atividades deste subprograma estão baseadas em ações de mediação com o público, com metodologias como jogos, brincadeiras, dispositivos e outras formas materiais que ampliem entendimentos sobre as temáticas das exposições em cartaz, as concepções de museus e territórios, e o acervo da instituição. São ações direcionadas para todos os públicos, e podem ser adaptadas para demandas específicas.

FOTO: MARCELO REGUA

### BEBÊS NO MAR

A atividade convida famílias a levarem bebês e crianças com idades entre 0 e 2 anos para participarem de vivências de experimentação de espaços culturais em atividades de estímulo à percepção por meio do tato, das texturas, dos sons e movimentos. A ação acontece a cada dois meses, dura 40 minutos, e requer agendamento pelas redes sociais do MAR.

### MEMORIDADES

Oficinas de teatro realizadas para pessoas idosas da região portuária e da Pequena África a partir de publicações literárias do acervo do MAR. Com exercícios de cena, leitura dramatizada e dirigida, realizados na Biblioteca do MAR. Agendamentos são feitos diretamente na Biblioteca.

### OFICINAS DE CRIAÇÃO

Vivências de imersão artística e educativa desenvolvidas pelos educadores do MAR ou em colaboração com artistas, arte-educadores e outros participantes convidados. Essas iniciativas podem integrar referências e tópicos provenientes das exposições e das atividades do MAR, bem como de artistas de interesse, fomentando processos de experimentação adaptados a públicos específicos.

## PROGRAMA FORMAÇÃO E PESQUISA

A partir da realização de oficinas, cursos, programas de formação continuada, seminários, encontros, ciclos de palestras e, entre outros, jornadas, um programa que oferece diferentes demandas de formação para diferentes públicos. De naturezas prática, teórica ou prático-teóricas, os programas podem ter durações várias: curta (1 a 3 dias), média (até um mês ) e longa ( mais de um mês ).

Algumas dessas atividades:

### CURSO MULHERES NAS ARTES

O curso surgiu a partir das provocações da exposição Mulheres na Coleção do MAR, de 2018, a partir da constatação da sub-representação das mulheres no campo das artes. Cada edição anual visa aprofundar e desenvolver o conhecimento sobre as poéticas e trajetórias de mulheres nas artes, levando-se em conta também outros marcadores sociais: raça / cor, etnia e, entre outros, classe.

FOTO: WESLEY SABINO

## CURSO DE GESTORES CULTURAIS: REPENSANDO AS PRÁTICAS

O Curso de Gestores Culturais, realizado anualmente em outubro, promove diálogo e ampliação de repertório entre profissionais de instituições culturais do Brasil. Em 2024, o evento ocorreu ao longo de seis dias, com seis módulos de três horas cada, abordando gestão cultural, curadoria, planejamento estratégico e captação de recursos. O objetivo foi inspirar agentes a repensar práticas de gestão, curadoria, programas educacionais e interações com seus territórios.

No primeiro módulo, foi lançada a publicação “Fluxos ativos: arte, cultura e educação em redes”, um livro de 120 páginas baseado nas discussões da edição de 2023. A cada ano, uma nova publicação é produzida a partir dos debates do curso anterior. Participaram representantes de diversas instituições culturais do país.

## FORMAÇÃO DE MEDIADORES: A MEDIAÇÃO PARA ALÉM DOS MUSEUS

A cada edição, o curso se propõe, em abordagens prático-teóricas, a discutir temas emergentes e urgentes dos campos das artes, cultura e educação, com um público diverso, capaz de se retroalimentar em experiências e conhecimentos: professores, estudantes, artistas e educadores de espaços museais, culturais e educacionais. Em 2024, por exemplo, o Curso de Mediadores teve como tema “O corpo mediador - investigações e deslocamentos em mediação cultural”, para propor práticas ativas de mediação em espaços além dos museus: escolas, centros culturais, ONGs, bibliotecas, coletivos, ruas, praças públicas e galerias. O curso foi dividido em quatro módulos, com o total de 80 participantes. Dentre os participantes convidados, estiveram profissionais como Mirian Celeste Martins, professora do curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Mackenzie; Luiz Guilherme Vergara, doutor em Arte Educação pela Universidade de Nova Iorque (NYU), além de Rita Valentim, educadora de Projetos da Escola do Olhar.

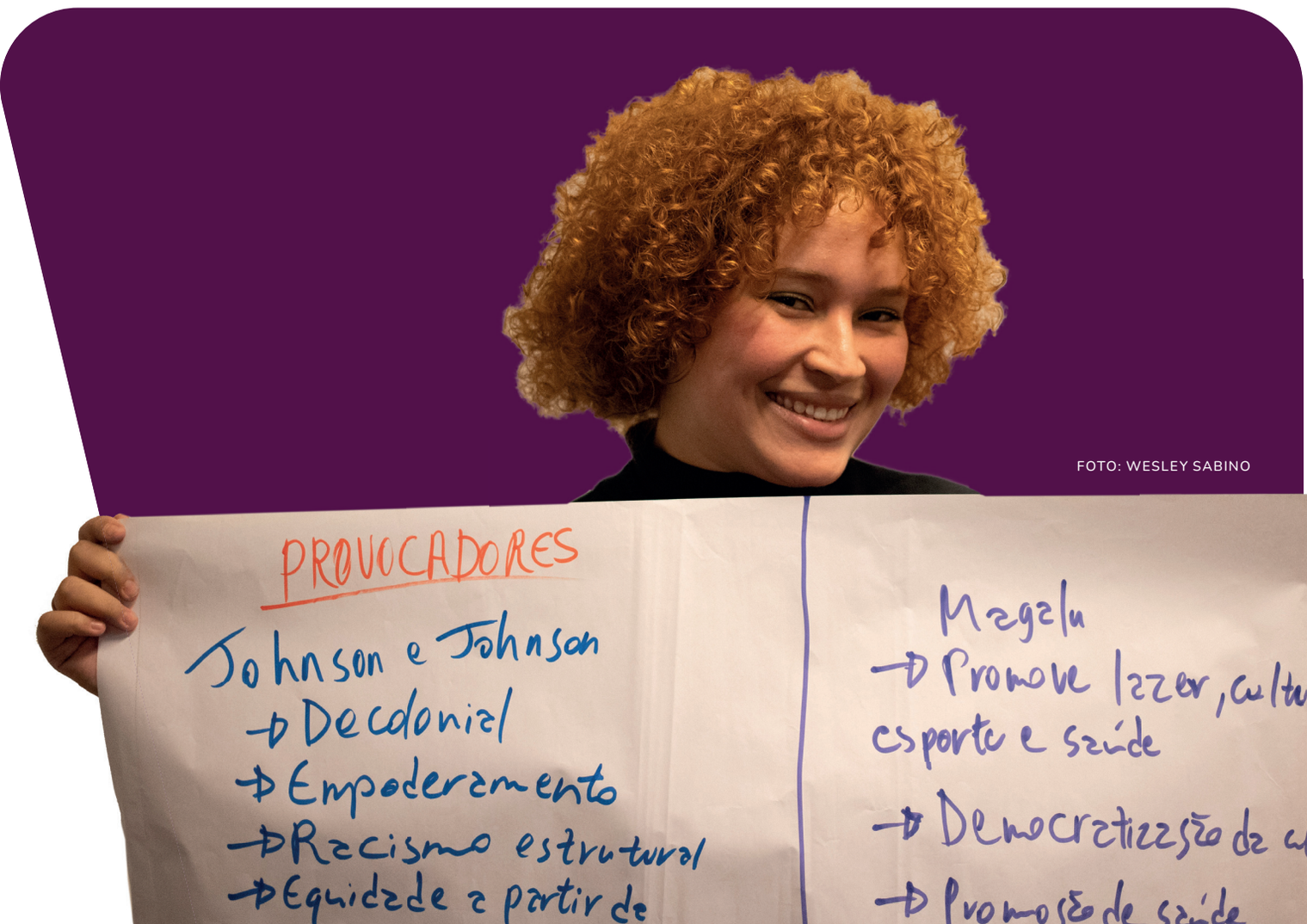



FOTO: WESLEY SABINO

## JORNADA DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Realizada anualmente, a Jornada de Educação e Relações Étnico-Raciais é um fórum para professores e educadores com o objetivo de fomentar projetos e práticas de educação antirracista, por meio de valores civilizatórios como musicalidade, religiosidade, memória e ancestralidade. Em sua última e 13ª edição, realizada de 29 de novembro a 1 de dezembro de 2024, teve como objetivo promover discussões obre práticas educativas que dialoguem com as mídias e tecnologias contemporâneas.

## PERCURSOS FORMATIVOS: INTEGRAÇÃO ENTRE EQUIPES

Todas as quintas-feiras, as equipes do MAR, principalmente as que lidam diretamente com o público, têm encontros para trocas de informações e experiências em dois horários: das 10h às 11h e das 17h às 18h. “A ideia é integrar o museu, para que a gente possa conhecer melhor os protocolos de cada equipe”, diz Guilherme Carvalho, educador pleno da Escola do Olhar. Entre os equipamentos vizinhos articulados, estão o Centro Cultural Banco do Brasil, a Casa França-Brasil e o Muncab. Cada encontro costuma reunir entre 40 e 50 colaboradores do MAR.

## MAR NAS ESCOLAS

O programa Mar nas Escolas conecta museus e escolas através de formações artístico-pedagógicas. Em 2024, professores da rede pública do RJ criaram a instalação “ARTE EM BREVE!” – título que surgiu como provocação em um muro escolar, incentivando a ocupação do espaço com arte legitimada.

Sob curadoria de Alex Teixeira, Andrea Hygino e Matheus Bizarrias, o projeto explorou:

- Práticas de repetição em sala de aula;
- O corpo do professor como ferramenta (em vídeo-performances);
- Relatos sobre vida docente, saúde e desafios educacionais.

## PROGRAMA ACESSIBILIDADE, DIVERSIDADE E INCLUSÃO

O Museu de Arte do Rio (MAR) promove acessibilidade em suas estruturas físicas e ações educativas, garantindo inclusão para todos os públicos. Em parceria com órgãos públicos, escolas e instituições especializadas, o MAR desenvolve visitas educativas, formações para educadores e grupos de pesquisa sobre acessibilidade, além de projetos de materiais educativos especiais e ações integradas com as famílias.

Dentre as atividades regulares, o curso de Língua Brasileira de Sinais (Libras) é um destaque. Oferecido desde 2019 em parceria com o Curso de Letras-Libras da UFRJ, é dividido em dois módulos anuais e também capacita profissionais do museu para atender o público surdo. O Pavilhão de Exposições (Edifício Dom João VI) e a Escola do Olhar estão adaptados para receber cadeirantes e pessoas com baixa mobilidade. No térreo, uma maquete tátil permite que visitantes cegos “enxerguem” o museu e seu entorno. Além disso, o MAR oferece horários exclusivos para pessoas com deficiência intelectual e mental, e toda a visitação pode ser feita em Libras ou em linguagem alternativa, baseada em sinais, para atender ao público que não utiliza a linguagem verbal como preferencial.

## PROGRAMA BIBLIOTECA E LITERATURA

A partir de 2021, a Biblioteca do Museu de Arte do Rio (MAR) ganhou novo fôlego com as ações promovidas pela Escola do Olhar. Mantendo seu compromisso com pesquisadores e leitores, o espaço ampliou seu papel, incorporando também uma dimensão lúdica e social, tornando-se um ambiente de convivência, interação e múltiplas experiências culturais. Hoje, além do espaço dedicado aos pesquisadores, a biblioteca oferece uma programação diversificada com atividades regulares, que têm ampliado significativamente o envolvimento do público, consolidando o espaço como um ponto de encontro dinâmico para diferentes públicos. Entre as ações desenvolvidas, destacam-se parcerias com as secretarias municipais de Educação e Cultura, pontos de leitura temáticos, lançamentos de catálogos, jogos e brincadeiras de origem africana, saraus literários, feiras culturais, residências poéticas e programas de formação voltados a bibliotecários e professores.

FOTO: WESLEY SABINO

# ACERVO

Uma gestão de acervo começa com o registro e a catalogação detalhada dos itens e coleções, com o monitoramento contínuo do estado de conservação, identificação de necessidades de restauração e a organização para facilitar a pesquisa e a exibição pública. Além disso, envolve políticas de aquisição, descarte e empréstimo de peças. Outro aspecto fundamental é a acessibilidade. Por meio da digitalização e de ferramentas tecnológicas, a gestão moderna de acervos permite que o público acesse informações e experiências mesmo à distância. Isso democratiza o conhecimento e amplia o alcance das instituições museológicas, promovendo o envolvimento de diferentes públicos. Dessa forma, a gestão de acervos não é apenas uma atividade técnica, mas também um compromisso com a memória e a identidade coletiva.

**22.018 OBRAS**
TOTAL DA COLEÇÃO MAR

ACERVO MUSEOLÓGICO - **10.375** OBRAS

ACERVODOCUMENTAL - **7.896** OBRAS

ACERVO ESPECIAL, LIVROS RAROS E
LIVROS DE ARTISTAS - **3.747** OBRAS

FOTO: WESLEY SABINO

Quando complementada com um banco de dados digital e acessível online, a documentação museológica alcança um novo patamar, promovendo acessibilidade, pesquisa e divulgação do patrimônio cultural. A documentação museológica envolve a catalogação detalhada dos itens, incluindo informações como origem, datação, material, técnica de produção, estado de conservação e contexto histórico. Para ampliar a capacidade de pesquisa no banco de dados on line, foram criados dois tutoriais de pesquisa pela equipe da Gerência de Museus, com áudio descrição e libras, disponíveis no site do MAR

BELMIRO DE ALMEIDA
FIGURA DE JOVEM NEGRA

# PROJETO NÚCLEO DE MEMÓRIA DAS EXPOSIÇÕES DO MAR

Exposições são produtos nucleares em museus, uma das mais tradicionais estratégias utilizadas para garantir acesso às suas coleções e ao conhecimento especializado produzido por essas instituições. Dar acesso às metodologias e materiais produzidos nas montagens expositivas é uma importante fonte de informação para os estudiosos e pesquisadores no geral. Assim, todas as obras do acervo que foram expostas, seja no MAR, seja fora do museu, podem ser pesquisadas no banco de dados In Patrimonium, que permite informação sobre as obras do acervo expostas, o título e o período da mostra, o nome do curador e release institucional da exposição. Os dados inseridos se referem das exposições mais atuais até as da inauguração do museu, em 2013.

FOTO: WESLEY SABINO

# PROJETO DE AMPLIAÇÃO DOS ESPAÇOS DE RESERVA TÉCNICA DO MAR

O Estatuto de Museus estabelece diretrizes essenciais para a criação e gestão de museus, destacando a Conservação Preventiva e a Gestão Integrada de Acervos como pilares para preservação segura do patrimônio. No MAR, a Reserva Técnica (originalmente com 150 m² em quatro salas) armazena obras não expostas, destinadas a pesquisas ou empréstimos.

Devido ao crescimento exponencial do acervo (impulsionado por parcerias com a sociedade civil), em 2016 parte de uma galeria de exposições (300 m²) foi adaptada como Reserva Técnica Visitável. Atualmente, a Coleção MAR possui quase 32 mil itens (incluindo acervos museológico, documental e bibliográfico), com 10.100 obras apenas no setor museológico.

Em 2021, identificou-se a necessidade de nova ampliação. O projeto, aprovado sob normas do IBRAM, IPHAN, UNESCO e ICOM, será implementado em 2025, adaptando espaços internos do museu para atender às demandas de armazenamento.

# CATALOGAÇÃO DE OBRAS COM CÓDIGO QR

Os códigos QR são parecidos com os códigos de barras, mas que podem ser lidos através das câmeras de smartphones e que fazem uma ligação direta com um link de um website à nossa escolha. Sendo assim, foi o método utilizado para a identificação individual das obras que compõem o acervo do MAR, por ser um mecanismo de rápida recuperação dos dados.

**PARA ACESSAR, BASTA BUSCAR POR "ACERVO" NO SITE DO MUSEU DE ARTE DO RIO.**

1) Tutorial pesquisa nos acervos museológico e documental:

2)Site para pesquisa Acervo Museológico e Documental naWeb :

3) Tutorial pesquisa no acervo bibliográfico:

4) Site para pesquisa Biblioteca e Centro de Documentação:

BERLOQUE

# PROJETO DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA NA RESERVA TÉCNICA

A conservação preventiva é um conjunto de ações necessárias para desacelerar ou minimizar o processo de degradação dos bens culturais, fundamental a ser desenvolvido por qualquer instituição museológica. O processo de conservação do acervo (higienização e acondicionamento) é uma das missões do museu, ancorada na responsabilidade institucional e social com relação ao patrimônio musealizado. Desde 2021, é realizada a higienização mecânica individual, o diagnóstico do estado de conservação e um novo acondicionamento de obras museológicas.

**O TOTAL DE OBRAS ACONDICIONADAS NO PERÍODO DE 2021 A 2024 É DE 3.500 OBRAS DA COLEÇÃO MAR.**

FOTO: WESLEY SABINO

# PROJETO DE FOTOGRAFAÇÃO E CATALOGAÇÃO DO ACERVO MUSEOLÓGICO

O acervo possui 33 mil itens, sendo 23 mil documentais / bibliográficos e 10 mil museológicos (obras de arte, livros raros, documentos e fotografias). A digitalização fotográfica em alta resolução - essencial para pesquisa, segurança e divulgação - enfrenta desafios técnicos devido à diversidade de materiais e tamanhos, exigindo ajustes personalizados para precisão de cores e detalhes.

Entre 2021-2024, foram registradas 2.000 obras (1.000 em 2022, 1.000 em 2023), seguindo o Manual de Catalogação com padrões internacionais e armazenamento nos sistemas In Patrimonium e Sophia.

## DOAÇÕES INCORPORADAS AO ACERVO PELA ARTRIO 2024

- Juniara Albuquerque, “Indústria da seca II”
- Ziel Karapotó / Registro da performance: Ligia Jardim, “Ziel Karapotó como fumaça”
- Ana Sant’Anna, “Despertar”
- Adão, “Nuvem”
- Abiniel Nascimento, “A sentinela”

Rafael Chávez, “Totem 03”

- Thiago Costa: “No meio da terra”
- Siwaju, “Osupa e o nosso corpo”

CRIANCAS BRINCANDO
ELISA MARTINS DA SILVEIRA

# MAR NA MÍDIA

O Museu de Arte de Rio e sua visibilidade através das redes sociais, jornais, sites, revistas, rádios e TVs.

# REDES SOCIAIS

Ao longo dos anos o MAR foi se aproximando cada vez mais do seu público e criando uma conexão real através das mídias sociais. Foram muitas mudanças até o resultado atual, e um dos grandes passos foi a troca da linguagem adotada nas redes buscando um diálogo mais próximo com quem frequenta o museu: os visitantes.

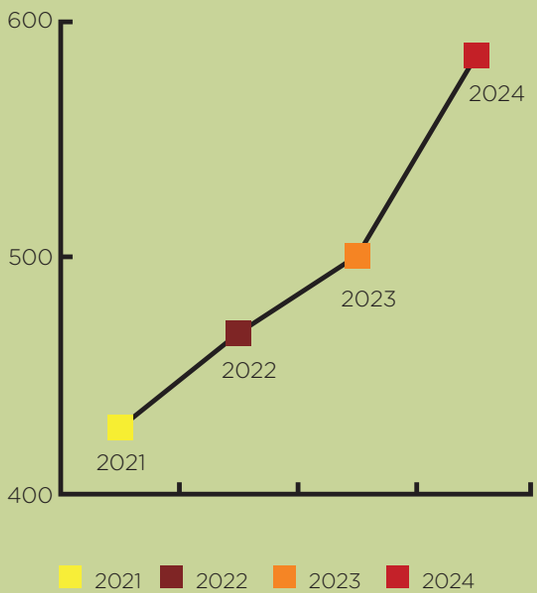
Gírias e expressões regionais como “bora”, “cola comigo”, “0800” e “corre” são utilizadas para criar proximidade com o público, assim como emojis e o tom descontraído das publicações. A linguagem popular e bem carioca ajuda a reforçar a identidade do mais carioca dos museus.

A mudança do conteúdo visual também chama atenção: a redução de informações textuais abre espaço para fotos que geram identificação com os seguidores, principalmente mostrando visitantes reais se emocionando e se identificando com as exposições.

Alinhado às tendências digitais o MAR também foca na produção de vídeos curtos e dinâmicos em formato “reels” e “stories”. No Instagram e Facebook, vídeos de bastidores das exposições são sempre bem recebidos pelo público. Além destes, podem ser citados vídeos do Librário (projeto que ensina palavras), atividades da biblioteca e pós-eventos.

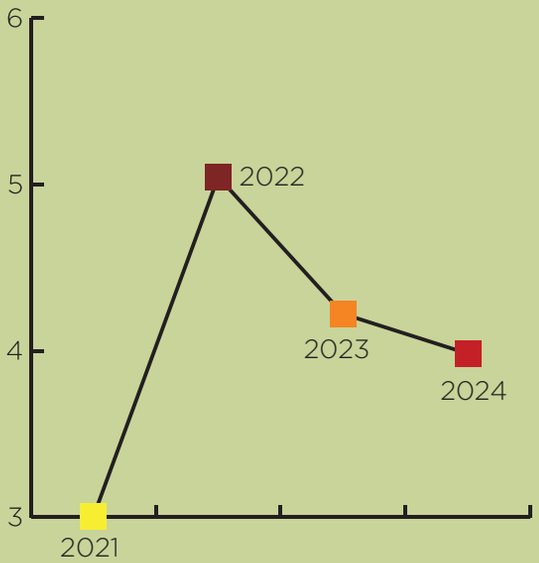
Com o objetivo de ampliar ainda mais o público, o MAR diversificou sua presença nas redes com contas no X e no Threads, com foco em textos curtos, informações diretas e poucas imagens; além do TikTok, com vídeos atrativos; e YouTube, com vídeos mas longos e informativos. Com isso, atingimos pessoas de várias idades e interesses.

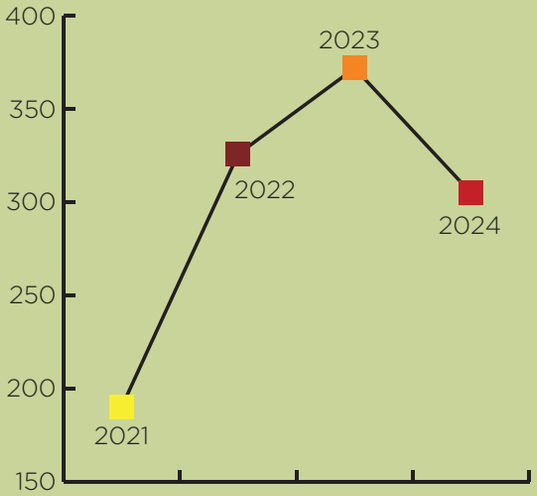
# NÚMEROS DE REDES, MÍDIA E SITE




**SEGUIDORES NAS REDES**

| | |
|---|---|
| 2021 - 427.932 | 2022 - 467.928 |
| 2023 - 500.501 | 2024 - 584.655 |




**CLIPPING**

| | |
|---|---|
| 2021 - 3.006 | 2022 - 5.046 |
| 2023 - 4.223 | 2024 - 3.984 |

**ACESSO AO SITE**

| | |
|---|---|
| 2021 - 190.338 | 2022 - 325.939 |
| 2023 - 372.032 | 2024 - 305.000 |

Os resultados das estratégias adotadas durante a Gestão OEI são expressivos e demonstram o impacto positivo do trabalho realizado. Entre eles, o aumento das interações e alcance das publicações, além do crescimento de seguidores: tudo feito de forma orgânica, sem impulsionamento pago.

Alcance da publicação
**110.526**

Alcance da publicação
**23.071**

O Museu de Arte do Rio (MAR) amplia seu alcance e diversifica seu público por meio de parcerias com influenciadores, artistas e personalidades, como Luiz Henrique (jogador do Botafogo), Jéssica Ellen (atriz), Márvila Araújo, Blecaute, Márcia Falcão, Thiago Ortiz, Guilhermina Augusti (artistas), Leandro Gonçalves (guia de turismo), Pablinho Fantástico (dançarino), Duda Iannuzzi e Maria Paloza (criadoras de conteúdo). Essas colaborações, somadas a uma gestão de redes sociais com linguagem popular e conteúdo dinâmico, posicionam o MAR como referência em comunicação no cenário museológico brasileiro, democratizando o acesso à cultura.

Exemplo de parceria
com artistas e influenciadores

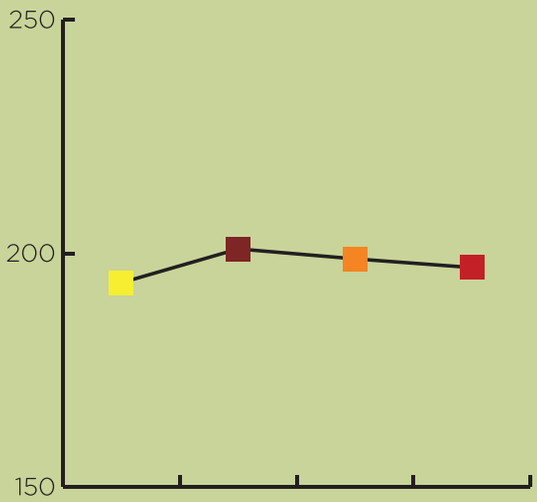
Pablinho Fantástico
(dançarino)

Luiz Henrique
(jogador do botafogo)

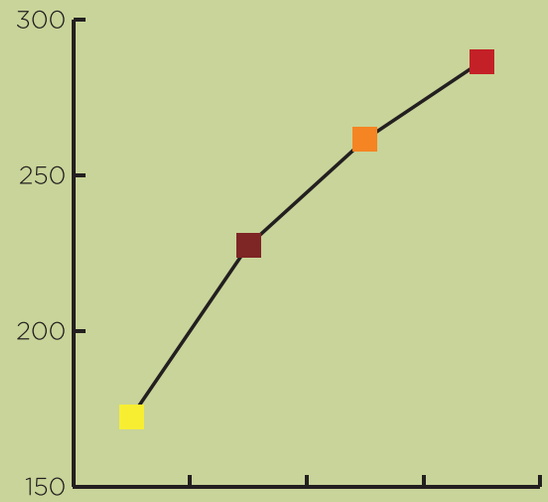
Em quatro anos, o MAR alcançou quase 600 mil seguidores nas redes, com um crescimento médio mensal de mais de 7.007 novos seguidores apenas em 2024. De agosto de 2021 a setembro de 2024, o alcance orgânico foi de 1,3M, e as interações orgânicas somaram 479,1K, reforçando o papel das redes como canal estratégico para o museu. A exposição “Funk – Um Grito de Ousadia e Liberdade”, inaugurada em setembro de 2023, exemplifica esse impacto. A campanha de pré-abertura gerou engajamento significativo, e o “reels” principal bateu recordes, com 191 mil visualizações e 121 mil contas alcançadas.

## CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL

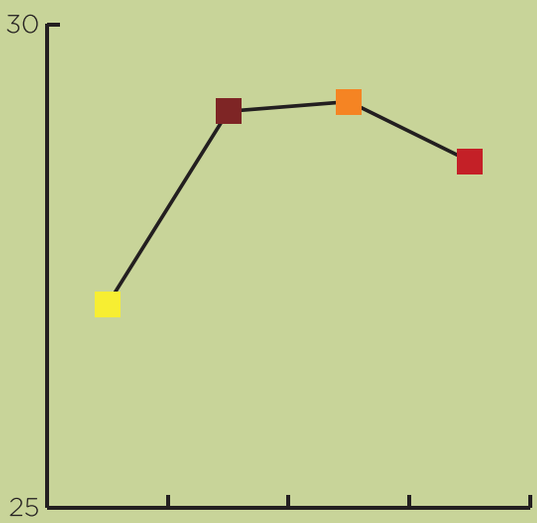
2021 2022 2023 2024



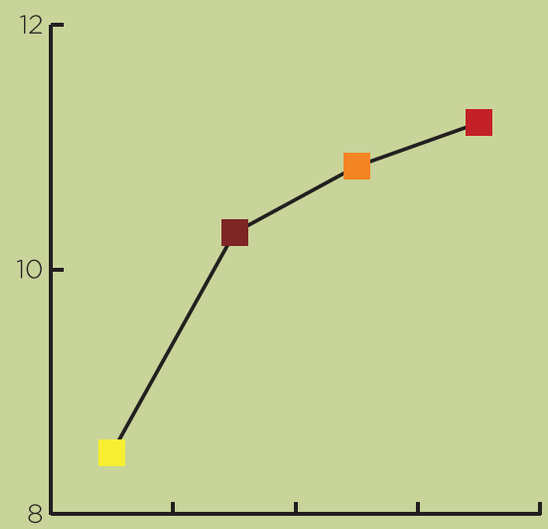

| | |
|---|---|
| 2021 - 193.738 | 2022 - 200.973 |
| 2023 - 198.843 | 2024 - 196.984 |




| | |
|---|---|
| 2021 - 172.613 | 2022 - 227.555 |
| 2023 - 261.614 | 2024 - 286.720 |




| | |
|---|---|
| 2021 - 27.100 | 2022 - 29.100 |
| 2023 - 29.200 | 2024 - 28.584 |




| | |
|---|---|
| 2021 - 8.504 | 2022 - 10.300 |
| 2023 - 10.844 | 2024 - 11.200 |

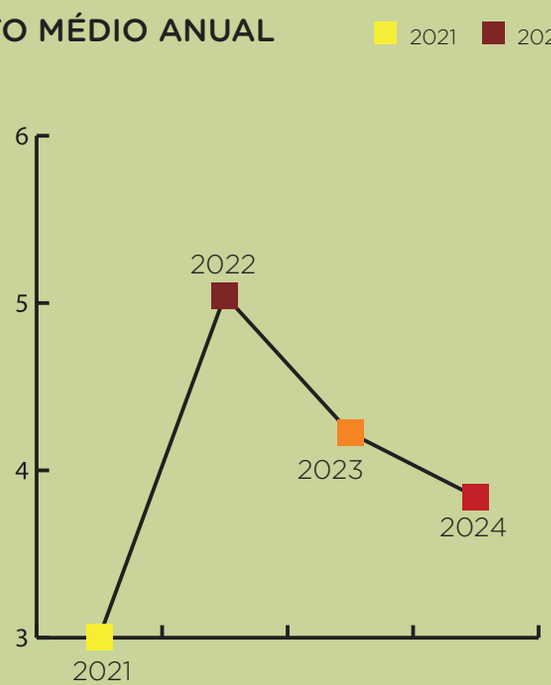
# IMPRENSA

Durante os quatro anos sob a gestão da OEI, o Museu de Arte do Rio manteve-se em evidência na imprensa — com destaques em veículos nacionais e internacionais sobre a sua programação, que inclui exposições, cursos, programas educativos, de formação e eventos, além de anúncios oficiais sobre nossas políticas de gratuidades, aberturas, doações e aquisições de obras do nosso acervo. Todas as exposições inauguradas pelo MAR entre 2021 a 2024 ganharam espaço na imprensa brasileira.

Atualmente, o Museu de Arte do Rio tem uma ampla repercussão nos veículos de imprensa como um dos principais equipamentos culturais do Rio de Janeiro e do Brasil. Através da Gerência de Comunicação fortalecemos a imagem do MAR junto à mídia e ao público. Nosso principal canal de comunicação com jornalistas e veículos de comunicação se dá pela produção de releases, notas, publicações no site institucional, redes sociais e entrevistas sobre as exposições, das atividades educativas e culturais, os shows e festivais que acontecem no MAR. Somos notícias em redes de TVs, rádios, jornais, revistas e portais da internet, sempre através da mídia espontânea e de maneira orgânica.

O nosso crescimento em números de inserções na mídia foi exponencial. Ao longo desse período de quatro anos, o MAR foi notícia em mais de 16.117 matérias com repercussão na mídia nacional e internacional, sendo destaque em veículos como os jornais internacionais The Guardian, El Pais, Radio France Internacional, TV Arte France, Agência France Press, assim como em veículos nacionais como Rede Globo, GloboNews, Bandeirantes, SBT, Record, Veja, O Globo, Folha de São Paulo, Carta Capital, Rádio CBN, Tupi, EBC, Agência Brasil, entre outros.

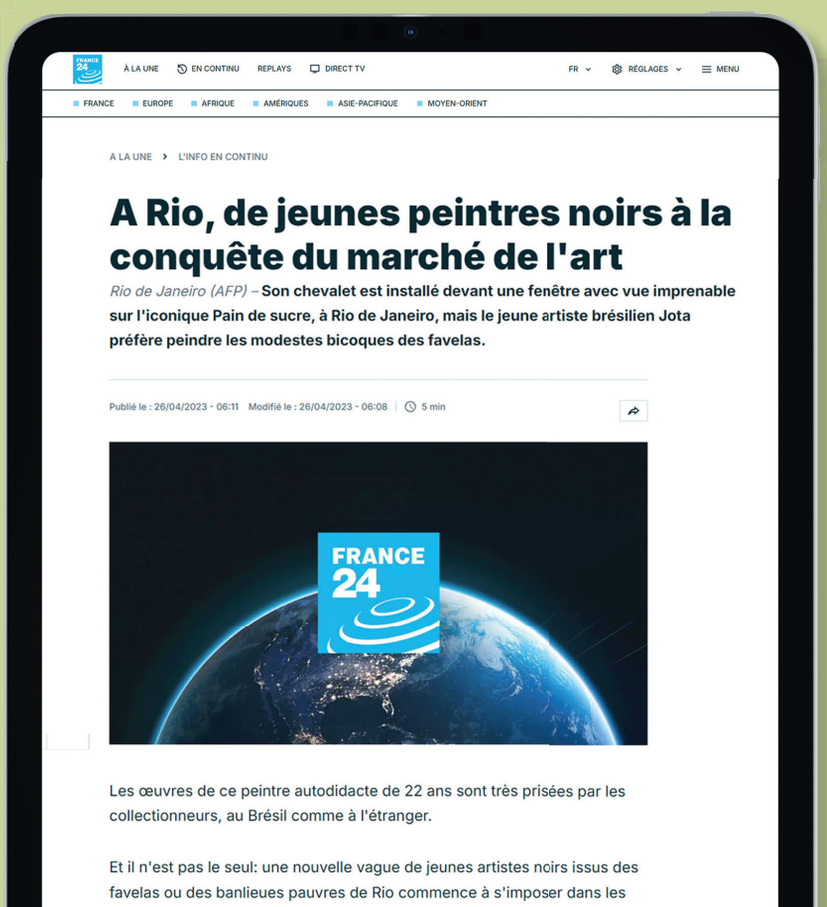
## CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL




| | |
|---|---|
| 2021 - 3.006 | 2022 - 5.046 |
| 2023 - 4.223 | 2024 - 3.842 |

# DESTAQUES INTERNACIONAIS

arte




FRANCE 24

Print subscriptions | Sign in | Search jobs | Search | International edition

Support the Guardian
Fund independent journalism with $5 per month
Support us

The Guardian

News | Opinion | Sport | Culture | Lifestyle | More

World | Europe | US | Americas | Asia | Australia | Middle East | Africa | Inequality | Global development

World

# Art of the favelas

## Rio funk finally sheds the 'stuff of outlaws' prejudice

Tom Phillips
Rio de Janeiro

Hubert Aquino was eight when he got his first taste of funk carioca (Rio funk), listening to a pirated CD by Mr Bin's notoriously explicit version about gangs, guns and sex. "My mum caught me listening to it and went mental," said the 30-year-old visual artist from Santa Cruz, a hard-scrabble corner of west Rio de Janeiro where police fear to tread.

Aquino was hooked. A few years later he sneaked off to his first favela funk party, telling his mum he was staying at a friend's. "I got home and just went 'what the fuck?' There was this explosion of energy," he said, describing the electrifying collision of DJs, dancers, weaponry and liberating hedonism he encountered when he now recreates in his collages.

Aquino's own creations are among 900 pieces in a new exhibition on display at Rio's Museum of Art (MAR) celebrating the funk movement and its role in Brazilian society, culture and politics. The show – which features some of Brazil's most acclaimed young artists, as well as work by forgotten pioneers and photographs of "do not Rumsfeld let" – is inspired by the fact that time already seems to have devoted an entire exhibition to the genre.

Most of the past two decades after the birth of funk carioca – which has more than half a dozen subgenres and lyrics which can

curator-in-chief, said the show was a deliberate rebuttal to attempts which elected mainstream should only display the "high culture" of Brazil's predominantly white elite and who consider all of funk "the stuff of outlaws".

"If we wish for us to completely turn the page on the idea of funk being a taboo," Campos said during a tour of the show's two halls, one of which focuses on Rio's black history, the other on the favela funk movement itself. "Our message is that [funk] is absolutely top-notch culture."

For Amorim, the surprise was not that an important museum was hosting a show about funk, but that it hadn't done so before. "In truth it was long overdue. Funk is one of the greatest – if not the greatest – legacy of our times." The artist commented, as he set on his roof surveying the area that inspired his work.

The MAR exhibition places funk in a century-long tradition of black culture, resistance and entrepreneurship, stretching back to music legend Ismael Silva in the late last century. The precursors of today's favela funk DJs (donos) began in the 1970s when music lovers packed suburban nightclubs to groove to the sound of performers like James Brown and Kool & the Gang.

Those soul and funk dances later moved inside as the favelas – today home to 20% of Rio's 6.6 million inhabitants – and became a deafening cultural and social phenomenon as those born in the 1990s and 2000s grew up [illegible]

The MAR show explores funk's history and politics over a century

like the music playing in the background at your home," Amorim said of the exhibition's eight rooms that take place near his childhood home.

Amorim called funk a way of nobody wants to discuss," Amorim, whose artistic name is Anteloh, said he hoped to achieve something similar with his collages, which use a mix of favela life with "samples" from paintings by Van Gogh, Edvard Munch and Paul Gauguin.

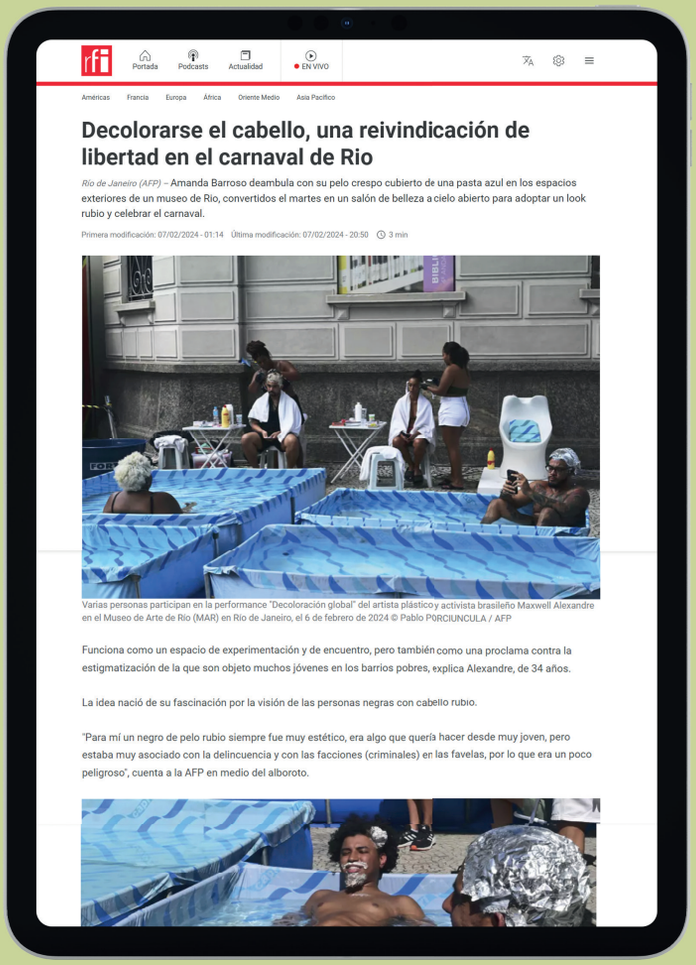
"I talk about a flash that's right in front of me. If you look out at the street you'll see my art, whichever way you look," said the artist, who had not visited an art museum until seeing a Basquiat retrospective when he was aged 21.

Another artist in the show, Jean Cabral, 25, said that when he started incorporating MAR's installation, the bad [illegible] only three that got him to their knees. "I saw myself," said Andreia Sampaio da Silva, a trans woman in her 40s, remembering about the birth of carioke ("corridor dances") that frequented their youth, where rival funk collectives held dance-offs that often turned violent.

Camp outbursts of deep-rooted resistance and elitism are planted at the heart of funk, which is why many mainstream bodies initially shunned funk and the favelas.

"Funk suffers the same prejudice as samba suffered. Samba was also [illegible] the stuff of outlaws, considered the stuff of outlaws. People were arrested. Slaves were shot down. Lyrics banned," said the curator, who said he wanted MAR

The Guardian


Portada
Podcasts
Actualidad
EN VIVO
Américas
Francia
Europa
África
Oriente Medio
Asia Pacífico
Decolorarse el cabello, una reivindicación de libertad en el carnaval de Rio
Río de Janeiro (AFP) – Amanda Barroso deambula con su pelo crespo cubierto de una pasta azul en los espacios exteriores de un museo de Río, convertidos el martes en un salón de belleza a cielo abierto para adoptar un look rubio y celebrar el carnaval.
Primera modificación: 07/02/2024 - 01:14
Última modificación: 07/02/2024 - 20:50
3 min
Varias personas participan en la performance "Decoloración global" del artista plástico y activista brasileño Maxwell Alexandre en el Museo de Arte de Río (MAR) en Río de Janeiro, el 6 de febrero de 2024 © Pablo PORCIUNCULA / AFP
Funciona como un espacio de experimentación y de encuentro, pero también como una proclama contra la estigmatización de la que son objeto muchos jóvenes en los barrios pobres, explica Alexandre, de 34 años.
La idea nació de su fascinación por la visión de las personas negras con cabello rubio.
"Para mí un negro de pelo rubio siempre fue muy estético, era algo que quería hacer desde muy joven, pero estaba muy asociado con la delincuencia y con las facciones (criminales) en las favelas, por lo que era un poco peligroso", cuenta a la AFP en medio del alboroto.

Selecciona: ESPAÑA
SUSCRÍBETE
INICIAR SESIÓN
EL PAÍS
Cultura
CINE · MÚSICA · TEATRO · LIBROS · ARTE · DANZA · HISTORIA · ARQUITECTURA · CÓMIC · VIDEOJUEGOS · TOROS · BABELIA · ÚLTIMAS NOTICIAS
EXPOSICIONES >
Funk carioca: entra en el museo el baile estigmatizado que reina en las favelas de Brasil
El MAR de Rio dedica la gran exposición de esta temporada a contar la historia del ritmo nacido en las barriadas de la combinación del soul y elementos autóctonos
NAIARA GALARRAGA GORTÁZAR
Río de Janeiro - 23 OCT 2023 - 01:00 BRT

# DESTAQUES NACIONAIS

O GLOBO | Quarta-feira 1.3.2023

Segundo Caderno | 5

## MUITA HISTÓRIA PARA CONTAR

MUSEU DE ARTE DO RIO COMPLETA DEZ ANOS COM PROGRAMAÇÃO COMEMORATIVA, INCLUINDO MOSTRA DOCUMENTAL E DUAS INDIVIDUAIS

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Há dez anos, era inaugurado o Museu de Arte do Rio (MAR), primeiro equipamento cultural da revitalizada Praça Mauá, após a implosão do trecho da Perimetral na região (o vizinho Museu do Amanhã seria aberto ao público em dezembro de 2015). O projeto, assinado pelo escritório Bernardes + Jacobsen, de início precisou vencer a desconfiança de parte da população, em meio a protestos pelas remoções das obras para a Olimpíada de 2016.

Parte desta história será contada na exposição "A construção do MAR e a Pequena África", que será inaugurada no dia

das origens da instituição, a mostra "A construção do MAR e a Pequena África", com curadoria de Marcelo Campos, Amanda Bonan, Jean Carlos Azuos, Amanda Rezende e Thayná Trindade, todos da equipe do MAR, tratará inclusive dos protestos realizados na inauguração do museu, e de como a cidade passou a adotá-lo, como no abraço simbólico contra o seu fechamento, em 2019, na gestão de Marcelo Crivella, em que a falta de repasses da prefeitura causou a maior crise de sua história.

— A exposição aborda essa construção da relação do MAR com a sua vizinhança, feita inicialmente pela Escola do Olhar (espaço de formação continuada que funciona junto ao museu). A primeira tentativa de diálogo do museu foi com a sua vizinhança, antes mesmo da cena cultural e artística — destaca a gerente de curadoria Amanda Bonan. — Esta proposta permitiu ao MAR vencer essa desconfiança inicial, de parte de vizinhos e de outros moradores da cidade em relação à gentrificação da região, chegando ao ponto de literalmente abraçá-lo [...] seu fechamento,

2 Segundo Caderno

Terça-feira 2.5.2023 | O GLOBO

## DO DEBATE RACIAL ATÉ A VONTADE DE FALAR SOBRE 'STAR WARS'

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Antes mesmo de entrar no Museu de Arte do Rio, na Praça Mauá, o público, ainda que sem saber, está visitando uma obra de Jaime Lauriano. Diante do portão, o visitante certamente estará parado sobre a inscrição "A história do negro é uma felicidade guerreira" em pedras portuguesas negras mescladas às brancas, nome da instalação que lista 12 regiões da África que alimentaram o tráfico de escravizados para o Brasil. Até chegar à bilheteria, serão passos sobre nomes de locais como Cidade do Cabo, Ilha de Moçambique e Luanda, todos gravados no calçamento da instituição desde 2018, quando o trabalho foi comissionado para a coletiva "O Rio do samba".

Cinco anos depois, a obra deixa de ser um elemento arquitetônico e volta a ser incorporada à produção do paulistano, com a inauguração, na última sexta-feira, da panorâmica "Aqui é o fim do mundo", com cerca de 40 obras selecionadas entre os seus 15 anos de carreira, período em que se firmou com um dos principais nomes de sua geração na cena contemporânea.

— Essa obra foi inspirada num verso de "Zumbi", que o Gil fez para a trilha do "Quilombo" (1984), do Cacá Diegues. Acabou sendo a minha obra com mais tempo de exposição, e com o maior número de visitantes — diverte-se Lauriano. — Fiquei muito feliz que ela foi preservada e passou a fazer parte da identidade do MAR. É ótimo poder reintegrá-la agora a uma exposição minha, dar a ela novamente um caráter museal, de fazer parte de uma visita completa.

### NARRATIVAS TENSIONADAS

Um tema que perpassa os 15 anos de produção de Lauriano é a disputa sobre símbolos históricos, tensionando as narrativas de poder e excludo/inscritas ao longo dos anos. É assim com as esculturas de bandeirantes da série "Briquedo de furar moleton", feitas a partir da fundição de cartuchos recolhidos em áreas de violência urbana; com os mapas desenhados com pemba (giz branco usado na umbanda) sobre tecido; ou com a camisa da seleção brasileira do vídeo "Morte súbita" (apresentado no MAR em 2014).

— Agente utiliza itens históricos do acervo do MAR junto das obras nessa disputa com os símbolos oficiais, para mostrar que precisamos politizar as imagens — ressalta Lauriano. — Sempre disse que gostaria que meus trabalhos se tornassem documentos históricos. E é impressionante como uma obra como "Morte súbita" ganhou camadas de 2014 para cá.

Curadora da mostra junto com Marcelo Campos, Amanda Rezende, Jean Carlos Azuos e Thayná Trindade, Amanda Bonan acredita que artistas com olhar histórico, como Lauriano, ajudam a colocar o acervo do museu em uma nova perspectiva.

— O acervo já nasceu com uma lógica interna de embate entre representações do poder branco, hegemônico, e outras narrativas opostas, sejam ferramentas dos orixás, os tronos das congadas e mesmo obras do próprio Jaime, que estão em nossa coleção — comenta a curadora.

Lauriano ressalta que os 15 anos de produção não são apenas um marco individual, mas uma conquista de diferentes gerações de artistas antes excluídos e que estão cada vez mais presentes institucionalmente e no mercado. E celebrar, diferentemente do início da carreira, a questão racial não precise estar necessariamente no centro dos interesses de seus contemporâneos.

— Vejo tudo como um bastão, que pegamos com o Abdias (Nascimento), o Rubem Valentim, a Sônia Gomes, a Rosana Paulino, e passamos para o Maxwell (Alexandre), a Márcia Falcão, o Bastardo. É importante racializar o debate, abrir esse espaço para artistas negros e indígenas, e, ao mesmo tempo, é ótimo que esta não seja uma pauta única — frisa Lauriano. — Me sinto mais livre agora,

**Visão crítica.** Instalação "Trabalho, 2017", formada por objetos que evidenciam o racismo estrutural no Brasil

**De volta ao MAR.** Jaime Lauriano diante da obra "Invasão do cidade do Rio de Janeiro", criada para a exposição atual: "Quero poder ser livre me sustentar com isso"

JAIME LAURIANO CELEBRA 15 ANOS DE CARREIRA EM MOSTRA NO MUSEU DE ARTE DO RIO, COM OBRAS QUE REVEEM HISTÓRIA 'OFICIAL' A PARTIR DE DIÁLOGO COM ITENS DO ACERVO DA INSTITUIÇÃO

O GLOBO

CONTINUAÇÃO DA CAPA

## TONS DE CINZA SUBURBANOS

NATURAL DE BANGU, LEOA TAMBÉM ESTÁ EM CARTAZ NO MUSEU DE ARTE DO RIO COM OBRAS QUE RETRATAM SEU COTIDIANO

Também inaugurada no último sábado, na Biblioteca do Museu de Arte do Rio, a individual "Luz no caminho" reúne 15 telas da artista Leoa, natural do bairro de Bangu, na Zona Oeste do Rio. Em sua primeira individual em uma grande instituição, em cartaz até agosto, a pintora destaca o cotidiano do subúrbio em imagens afetivas, como a avó Margarida cozinhando, o ponto dos mototáxis ou uma mesa bagunçada com garrafas e pratos, ao final de uma festa de aniversário.

— A pintura traz a minha intimidade, quase todas são cenas da minha própria casa, ou da minha rua. Pode ser uma imagem do meu pai ajudando na minha mudança, ou um autorretrato em que estou preparando um banho de ervas, como boa macumbeira, filha de Oxalá — brinca Leoa, explicando a origem do nome artístico. — Muita gente acha que é pelos cabelos, mas é pela força que o animal representa. É a fêmea que sai para caçar enquanto o leão cuida dos filhos.

A representação da força feminina fica evidente em várias das obras da artista de 25 anos, um dos temas centrais de seu campo de pesquisa.

— Isso já vem do fato de eu ser uma mulher preta periférica, do peso que isso traz. E também do fato de ter tantas mulheres no meu cotidiano. Então, quando pinto uma mulher varrendo a calçada, diante do portão, pode ser uma vizinha, ou uma desconhecida. Mas também é a minha mãe, que tantas vezes vi fazendo isso — explica.

Após trabalhar em contabilidade por cinco anos, até 2021, Leoa decidiu abandonar o antigo emprego e se dedicar apenas à arte. Após um início autodidata, no ano passado ela conseguiu um acordo com a Sociedade Brasileira de Belas Artes, na Lapa, para utilizar o espaço, até que, por meio de seu perfil no Instagram, começou a comercializar as primeiras obras.

— Trabalhei em vários escritórios de contabilidade e *sempre saía porque* ficava desenhando durante o expediente — diverte-se Leoa. — Depois consegui esse acordo, em que dava oficinas de arte e eles me deixavam praticar lá. Tecnicamente, fui estudando sozinha e me desenvolvendo, e também tendo contato com pessoas que me aconselhavam.

Na individual curada por Marcelo Campos, Amanda Bonan, Jean Carlos Azuos, Thayná Trindade e Amanda Rezende, da equipe do museu, também se evidencia o uso de tons de cinza em destaque entre as cores das telas.

— Como estou sempre na rua, vejo muito esses tons de cinza, de uma barricada de cimento na comunidade, de uma parede descascada. Gosto de trabalhar com massas de tonalidades diferentes de cinza, e quando você se aproxima da tela as imagens vão perdendo a nitidez e ficam quase abstratas. Ao mesmo tempo, o cinza me traz o desafio de preencher de vida a tela com as outras cores — conclui a pintora. (*Nelson Gobbi*)

LEO SANTANA

**Força feminina.** Leoa e uma das 15 telas da individual "Luz no caminho"

FOLHA DE S.PAULO

FOLHA DE S.PAULO

C6 QUARTA-FEIRA, 31 DE MAIO DE 2023 FOLHA DE S.PAULO ★★★

ilustrada

# Jaime Lauriano desafia a história em exposição

Retrospectiva do artista paulista revisita o passado colonial e ditatorial do país e discute episódios de resistência negra

Danilo Thomaz

RIO DE JANEIRO Quem entra no Museu de Arte do Rio, o MAR, se depara com o calçamento de pedras portuguesas que têm em si inscritas os nomes de regiões da África de onde grupos étnicos foram traficados para ser vistos como escravos no Brasil colonial e imperial.

A obra do artista Jaime Lauriano, criada há cinco anos a pedido do museu carioca, é a forma de provocar novas visões e interpretações da história oficial brasileira. Agora, Lauriano leva a provocação para dentro do espaço expositivo em 'Aqui É o Fim do Mundo'.

Com organização de Marcelo Campos e Amanda Bonan, a mostra reúne 15 anos da produção do artista que inicia a trajetória artística em 2008, incluindo quatro obras inéditas e criadas para a exposição.

A edição traz, por um lado, de revisão crítica desse passado colonial e da ideia de Brasil e brasilidade que foi sendo criada ao longo do Império e da República — em especial durante a ditadura militar. Por outro, da própria história dos agulenhamentos e da luta do povo negro. Numa terceira vertente, há uma síntese de como a história da arte sintetizou esta última questão.

Entre as obras do primeiro eixo, que se encontram na entrada do espaço expositivo, se destaca "Invasão da Cidade do Rio de Janeiro". Criada para a exposição a partir de pintura de Antônio Firmino Monteiro, a obra de Lauriano faz uma crítica irônica e pictórica à formação da cidade.

No lugar de batalhas e guerreiros, um carcarinho, símbolo da seleção, irritado, fotos do Cais do Valongo, tridentes vermelhos de Exu e, na moldura, miniaturas de soldados, canos contra o Zé Pilintra.

Outras obras que dialogam com esse mundo, criadas por Lauriano, são as séries de mapas, como "E Se o Apedrejado Fosse Você?". Este, em pano preto e desenhado com pemba — material utilizado nos rituais afro-brasileiros —, mostra uma caravela chegando ao continente americano. No lugar do nome dos oceanos, há "epistemicídio" e "genocídio". Já "Ocupação" traz o mapa do Brasil em pano vermelho com os dizeres "marco temporal não" e "fascistas não passarão", que estão na ordem do dia de setores políticos.

A mostra traz uma seleção de objetos cotidianos e símbolos da esfera pública que tecem uma crítica da ideia de Brasil criada ao longo de séculos. São tapeçarias que retratam de maneira idílica o período escravocrata, calendários que ilustram cenas romênticas do trabalho escravo — de um jeito que nem o filme "E o Vento Levou" foi capaz de fazer— e diversas representações da bandeira nacional para uso doméstico.

"São as referências de uma história colonial que subalternizara a população afro-brasileira. São os nossos heróis cultuando a dor", afirma o curador Marcelo Campos.

Lauriano conta que, uma vez que a história da arte criou a própria ficção histórica, ele cria sua versão. "Lutar contra a história da arte é lutar contra a colonialidade", diz.

O artista vê como fato muito recente a presença de negros na produção artística brasileira, lembrando nomes como Emanoel Araújo, morto no ano passado, Sonia Gomes, Paulo Nazareth e Rosana Paulino. "Se não fosse eles, o que eu faço seria artesanato", diz.

Ele vê a sua ascensão, como a de outros nomes de sua geração, não como um processo da história da arte brasileira. Mas, sim, como consequência das mudanças sociais pelas quais passou o país, fruto da luta do movimento negro.

Formado pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, Lauriano estudou por meio do Fies, programa de financiamento estudantil criado no governo Lula. O problema é como esse movimento não se expandiu a outros setores socioeconômicos como mostra em "Trabalho".

Essa peça reúne frases que os negros costumam ainda ouvir e a lista de trabalhos — mal remunerados e pouco qualificados — em que costumam estar empregados ainda hoje, como se vê na Pesquisa do Trabalho, do IBGE, que serviu de base para a obra.

Lauriano acredita que há uma presença maior de negros hoje no campo das artes visuais por este ser um mercado menor, mais que, em pouco tempo, os negros devem ocupar mais cargos de CEO. "Vai ter resistência, mas há uma contrarresistência." Essa é a história do povo negro, ele diz.

**Jaime Lauriano**
Museu de Arte do Rio - 3ça Mauá, 5, Rio de Janeiro. Qui. a dom., das 17h às 17h. Até 1º de outubro. De 10,15 a 83,20

'Ocupação', obra de Jaime Lauriano, em mostra no Museu de Arte do Rio Fábio Freire/Divulgação

a mostra 'A Coleção no Seu Tempo', na Casa Roberto Marinho, no Rio de Janeiro Jaime Acioli/Divulgação

...dernidade do Brasil em mostra no Rio

...o chão de Pancetti se assenta em terreno acidentado. Nele, um cassebre disforme se funde ao solo pela cor — com o horizonte, a construção, seria ela tensão do campo, a natureza.

Ao lado do cassebre, irrompe exuberante uma árvore. À frente, a terra surge indisciplinada. Ali, poderia-se projetar/ver plantar para colher. Ou, então, criar bichos. A cena é interior/exterior — ao fundo, uma criança anda de bicicleta, e dois meninos posseiam na terra batida.

Nesse alargamento plástico, se inserer a tela "Nós, Rio", pintada em 1927 por Ismael Nery. Dois rostos dão origem a quatro rostos, cada um se sendo uma pessoa diferente, representada pela alternância do tom azul na ordem escuro-claro-escuro-claro.

O princípio cubista se reflete na parte inferior da tela, onde ficam os troncos dos corpos, força de sustentação da obra. É possível observer dois quatro troncos, que se distinguem pela gradação tonal.

Constituído por multiplos corpos, "Nós, Rio" é um único corpo — brasileiro. Na pausa, a obra de arte encara o espectador, que se indaga sobre a própria existência. A pergunta "quem sou eu?" se transmuta, então, em "quem somos nós?" Vive em "nós" uma medida, que aspira à unicidade. Em última instância, a identidade nacional que tenta se forjar esbarra na impossibilidade do significado da palavra "rio". O que se agrega em "nós" desagua no "rio", leito de água caudaloso, de difícil apreensão. A vírgula que separa as duas palavras do título da obra confirma a ideia de simultaneidade, evitando a juxtaposição "nós" e "rio".

Num vaso comunicante, integramos o corpo vivo, mutante. A forma aberta, indistinta no chão de Pancetti e nos rostos de Nery, conquista a arte contemporânea nas bandeiras do Brasil, concebido por Raul Mourão. O centro da bandeira, onde se leria "ordem e progresso", é recortada, deixando um vazio incômodo.

No segundo andar da Casa Roberto Marinho, "Composição", de 1957, integra a mostra "Gesto em Suspensão", se aprofundando do mesmo incômodo. A obra é um dos enigmas geométricos de Maria Leontina, em que cada unidade constitui uma forma fechada.

Leontina desenha formas que se tangenciam na extremidade. Cada forma tem cores que geram superfície harmônica, não homogênea.

A artista ali responde ao "quem somos nós?" com outras palavras. Sua "Composição" não encara o espectador, mas se volta para si, transformando o Brasil em enigma.

**A Coleção no Seu Tempo**
Casa Roberto Marinho - r. Cosme Velho, 1.105 - Rio de Janeiro. Livre. Ter. a dom., das 12h às 18h. Até 16 de julho. Grátis

O GLOBO

O GLOBO Quarta-feira 22.3.2023

SEGUNDO CADERNO

segundocaderno@oglobo.com.br

# ESTÉTICA DA AFIRMAÇÃO

NATURAL DA BAIXADA, FILHO DE MÃE SOLO E HOJE UM DOS NOMES MAIS PROMISSORES DA CENA CONTEMPORÂNEA, ARTISTA PLÁSTICO O BASTARDO TEM MOSTRA INDIVIDUAL EM CARTAZ NO MAR E ENTRA PARA TIME DE CURADORES DA ESCOLA DO PARQUE LAGE

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Entre as mais de 50 telas da exposição "O retrato do Brasil é preto", primeira individual do artista O Bastardo no Museu de Arte do Rio (MAR), inaugurada no sábado e em cartaz até 28 de maio, é possível reconhecer fisionomias de personalidades como Mano Brown, Jean-Michel Basquiat, Kanye West, Beyoncé e Jay-Z. Há também representações de figuras anônimas e do próprio autor, como em "O principe de Oxalufã", com o título fazendo referência a seu orixá de cabeça.

Para o artista de 25 anos, nascido em Mesquita, na Baixada Fluminense, no Rio, criado por mãe solo como tantas outras da região (razão da escolha do nome artístico), e atualmente residindo em São Paulo, cada pintura é um autorretrato e, ao mesmo tempo, uma representação coletiva. Em cassum, os personagens aparecem sempre em posição de afirmação de poder, destoando da visão colonial su do estereótipo de subserviência com que a população negra foi tradicionalmente registrada na

— Essas imagens trazem de elementos tota dissociados, a fotode na Síria ou uma objet dos meus tios, dos m Eles me levam para mória afetiva, de i cresci ou do imag polar, para cons cenas — conta. que por vezes u representar essa Quando uso Nike no meu existe uma re memória, te com oque vo marca em m

O GLOBO

'O retrato do Brasil é preto': Revelação da cena nacional, artista plástico O Bastardo faz no MAR primeira exposição individual SEGUNDO CADERNO

O GLOBO

*Irineu Marinho* (1876-1925) — (1904-2003) *Roberto Marinho*

RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 22 DE MARÇO DE 2023 ANO XCVIII - Nº 32.734 • PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ • R$ 5,00 2ª EDIÇÃO

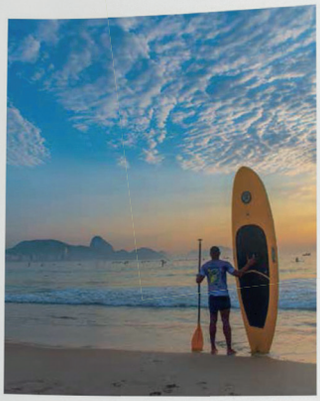
ISSN 2318-5139

ÂNCORA EM DISPUTA

# Lula adia nova regra fiscal em busca de mais espaço para gastos

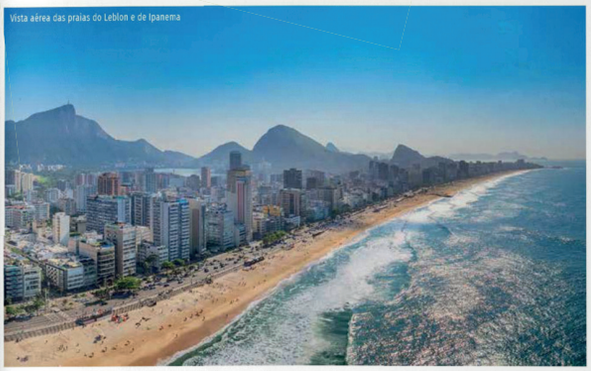
# Orçamento secreto 'reciclado' beneficia primos de Lira

Com aval do governo Lula, o Congresso vem mantendo a prerrogativa de destinar verbas, que deveria ser atribuição do Executivo desde que o STF extinguiu o orçamento secreto. A prática que mantém a falta de transparência e poder de barganha com o Legislativo foi usada pelo presidente da Câmara, Arthur Lira, para beneficiar cidades geridas por parentes e aliados. PÁGINA 4



Os prédios do Museu de Arte do Rio, no Centro; acima à esq., SUP na Praia de Copacabana; ao lado, a impressionante arquitetura do Museu do Amanhã, na Pça Mauá





Vista aérea das praias do Leblon e de Ipanema

São 4h da manhã no Posto 6. Enquanto um grupo se alonga na areia, preparando o corpo para assistir ao nascer do sol de dentro do mar, outro aproveita a iluminação noturna da orla para um mergulho, no pós-night. Ali do lado, a cozinha do Café 18 do Forte já cheira a pão de fermentação lenta. Às 10h, quando o edifício histórico abrir as portas, as mesas montadas na mureta com vista panorâmica da Praia de Copacabana ostentarão torradas com ovos mexidos, aspargos e presunto cru, avocado com ovo poché e salmão defumado, legumes glaceados com homus de beterraba. O dia pode continuar nas bicas da Floresta da Tijuca, nas ladeiras de Santa Teresa ou nas praias mais reservadas da Zona Oeste. Bons restaurantes para mais tarde não faltam. Em ótima forma, a cozinha carioca vive um momento fervilhante e oferece excelentes opções — da comida de boteco à alta gastronomia. À noite, o vaivém de corpos bronzeados acontece da Zona Norte à Zona Sul em todo tipo de programa. Pode ser uma roda de samba, um show de jazz, um *cheek to cheek*, um chope gelado. Só existe uma certeza: todo mundo vai estar na rua. Porque se tem uma coisa que o carioca sabe fazer é aproveitar a cidade.

Marcado pela presença exuberante da natureza, o Rio de Janeiro foi encontrado na expedição enviada por Portugal para reconhecimento das terras recém-descobertas, em 1502. Quem se estabeleceu primeiro nas áreas ocupadas por indígenas, no entanto, em 1555, foram os franceses que, depois de 12 anos de luta, acabaram expulsos pelos colonizadores originais. A posição estratégica da cidade, no litoral Sul, fez da Baía de Guanabara uma importante zona portuária. No início do século 20, com o crescimento das atividades comerciais, a necessidade de um cais mais estruturado desembocou na construção da Praça Mauá — reinaugurada em 2015.

## POLO CULTURAL

É justamente ali que estão instalados os museus mais interessantes desse destino. O mais antigo, Museu de Arte do Rio, o MAR, inaugurado em 2013, faz uma leitura transversal da cidade e toda a sua teia social. Basta ver a exposição atual, em cartaz até 24 de agosto de 2024, *FUNK: Um grito de ousadia e liberdade*. Com curadoria da Equipe MAR em parceria com Taísa Machado e Dom Filó, a mostra apresenta a história do movimento nascido nas favelas cariocas, seus desdobramentos estéticos, políticos e econômicos. As salas com vídeos, fotos, textos, esculturas e telas promovem uma visão clara da importância do ritmo que desceu dos morros para o asfalto, alargando os limites das comunidades e fazendo com que a voz da periferia fosse amplamente divulgada.

Quem visitar a cidade até o fim deste mês pode ainda conferir as exposições *Uma Poética do Recomeço*, com obras inspiradas na cultura afro-brasileira assinadas pelo soteropolitano César Bahia, e *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, em parceria com o Instituto Moreira Salles. Esta última conta a trajetória da autora mineira que viveu em situação de rua,

Menu O GLOBO 100 | Gente

Buscar

Ela / Gente

# Exposição celebra o legado de Brígida Baltar no Museu de Arte do Rio

Artista morta em 2022 ganhou instituto para gerir seu acervo dirigido pelo filho

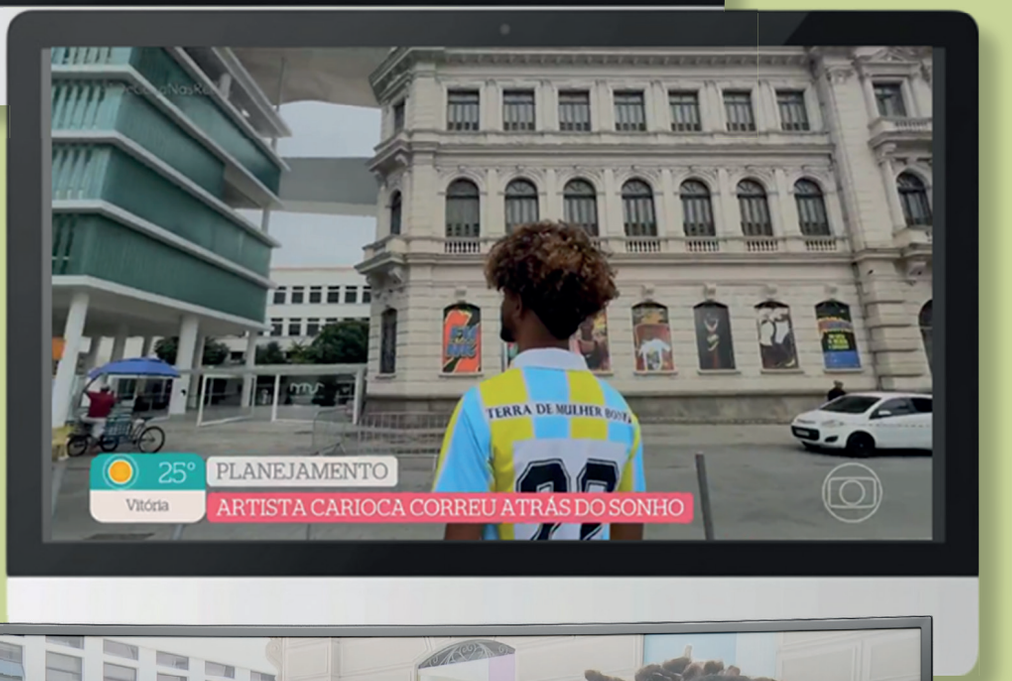
Por Eduardo Vanini

09/11/2024 04h30 · Atualizado há 2 meses

Presentear matéria

MENU ASSINE
FOLHA DE S.PAULO
ENTRAR BUSCAR
ilustrada guia folha ilustríssima artes plásticas filmes livros música teatro televisão
QUADRINHOS COLEÇÕES FOLHA
RIO
Funk vai ao museu em mostra de arte que celebra a evolução do gênero no Rio
Exposição 'Um Grito de Ousadia e Liberdade' reúne trabalhos de cem artistas ligados à música e às periferias
Danilo Thomaz
RIO DE JANEIRO Há pouco mais de duas décadas ele desceu os morros e tomou o asfalto, para pavor das classes mais e menos altas do Rio, de São Paulo e do Brasil. O medo e as críticas não foram suficientes para abafar o batidão daquela que era a nova "voz do morro, sim, senhor" e que, ao contrário de outros ritmos, veio para ficar. Sua voz, grave ou aguda, seu ritmo e rebolado chegaram a dominar o carnaval e se tornaram parte do cinema, da TV e se misturaram a outros gêneros

RJTV
12:40
FUNK: UM GRITO DE OUSADIA E LIBERDADE
Museu de Arte do Rio - MAR - terça a domingo, das 11h às 18h


25°
Vitória
PLANEJAMENTO
ARTISTA CARIOCA CORREU ATRÁS DO SONHO

GLOBO

FUNK
JG
MAXWELL ALEXANDRE
artista visual

FOTO: WESLEY SABINO

# UM MAR DE GENTE

O MUSEU DE ARTE DO RIO (MAR)
CONSOLIDA-SE COMO UM DOS PRINCIPAIS
ESPAÇOS CULTURAIS DO PAÍS,

RECEBENDO MAIS DE
**1,7 MILHÃO**
DE VISITANTES NO PERÍODO DE
2021 A 2024.

COM EXPOSIÇÕES QUE UNEM ARTE,
EDUCAÇÃO E REFLEXÃO SOCIAL, O MAR
CONTINUA A ENCANTAR E INSPIRAR
O PÚBLICO, REFORÇANDO SEU PAPEL
COMO UM PONTO DE REFERÊNCIA PARA
A CULTURA E A HISTÓRIA CARIOCA.

# VISITANTES TOTAIS

**2021**

115.007
VISITANTES

**2022**

465.880
VISITANTES

**2023**

575.693
VISITANTES

**2024**

593.382
VISITANTES

# ENTRE 2021 E 2024

**ENTRADAS GRATUITAS**

297.728

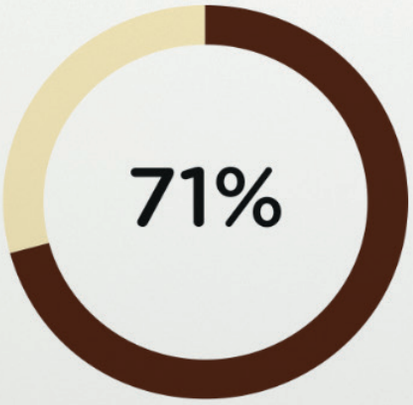
PESSOAS VISITARAM AS EXPOSIÇÕES SEM PAGAR INGRESSO

**AÇÕES EDUCATIVAS**

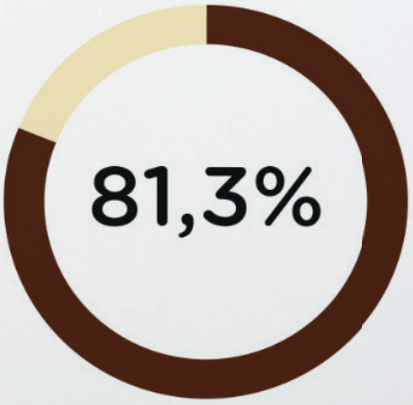
410.953

PESSOAS FORAM CONTEMPLADAS COM AÇÕES EDUCATIVAS DA ESCOLA DO OLHAR

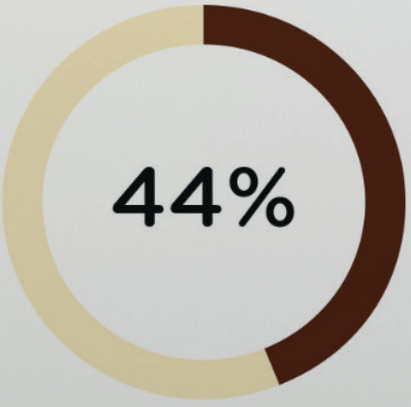
# PERFIL



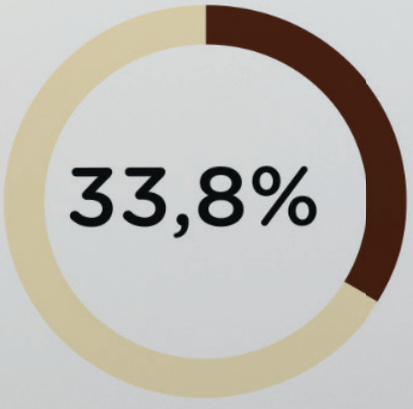

DOS VISITANTES SÃO DO RIO DE JANEIRO




DOS VISITANTES DERAM **NOTA 10** AO MAR APÓS A VISITA




DOS VISITANTES ESTIVERAM NO MAR DUAS VEZES OU MAIS POR ANO




CONHECERAM O MAR POR INDICAÇÃO DE ALGUM CONHECIDO

FOTO: WESLWY SABINO

# A ESTRATÉGIA DE PARCERIAS NA GESTÃO DO MAR PELA OEI (2020–2024)

## PARCERIAS COMO EIXO DA GESTÃO

Desde dezembro de 2020, a gestão do Museu de Arte do Rio pela Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), em cooperação com a Secretaria Municipal de Cultura, foi marcada por uma estratégia sólida de articulação institucional que reposicionou as parcerias como eixo estruturante da programação e da sustentabilidade do museu.

Ao longo dos últimos quatro anos, consolidou-se no MAR uma cultura de parcerias que extrapola o apoio pontual e se expressa em colaborações de médio e longo prazo. Foram centenas de iniciativas que resultaram em exposições, festivais, ciclos formativos e atividades de mediação, que diversificaram o repertório artístico e pedagógico do museu e ampliaram seu diálogo com o território e com públicos variados.

Parcerias com instituições culturais e museus de referência permitiram ao MAR ingressar em uma agenda robusta de itinerâncias, expandindo sua atuação para além da cidade do Rio de Janeiro. Exposições concebidas ou apresentadas no MAR circularam por cidades como Salvador e São Paulo, e projetos ambiciosos de internacionalização também foram estruturados nesse período, reforçando o papel do MAR como um museu em rede, conectado com o Brasil e com o mundo.

Além das colaborações institucionais, destaca-se a atuação próxima e estratégica com os patrocinadores, que não apenas garantem recursos financeiros essenciais para a operação do museu, como também participam ativamente do planejamento das ações. Essa relação baseada em confiança e corresponsabilidade permitiu ao MAR desenvolver iniciativas alinhadas com valores compartilhados e alcançar maior impacto social e educativo.

O fortalecimento de uma rede institucional comprometida com a missão do museu é, sem dúvida, um dos maiores legados da gestão da OEI no MAR. Por meio dessa articulação estratégica, o MAR reafirmou sua vocação como um museu vivo, comprometido com a diversidade, a inclusão e a transformação social pela arte e pela educação.

## CULTURA DE COOPERAÇÃO: PROGRAMAÇÃO DIVERSA E AMPLA

Ao longo de quatro anos, o MAR construiu uma cultura sólida de cooperação. Parcerias com organizações culturais, educativas e comunitárias viabilizaram exposições, festivais, oficinas, seminários e eventos que enriqueceram a programação e ampliaram o acesso do público à arte e à educação.

CANTORA ANITTA PARTICIPA DE EVENTO DA KENNER EM PARCERIA COM O MAR

O MAR promoveu uma série de eventos culturais e educativos. Em maio, o seminário “Memórias Negras” (parceria com o Instituto Moreira Salles) debateu a representação negra em acervos históricos. Em junho, o projeto LED - Luz na Educação (Fundação Roberto Marinho) reuniu especialistas para discutir desafios da educação brasileira.

Agosto celebrou os 36 anos da Kenner com um baile de funk no pilotis do museu, incluindo batalhas de passinho e debates sobre o gênero. Em setembro, ações sociais com crianças da Agência do Bem resultaram em uma apresentação com músicos da OSB, enquanto o III Fórum de Acessibilidade e Inclusão (com a Equinor) discutiu políticas para PcDs.

No fim do ano, o MAR inaugurou a exposição “Atlântico Floresta” (160 obras sobre ancestralidades afro-indígenas) e apoiou o G20 Social, recebendo lideranças internacionais em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura.

BEATRIZ GIMENES

PROJETO LED - LUZ NA EDUCAÇÃO (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO)

PAULO LIV

36 ANOS DA KENNER - BATALHAS DE PASSINHOS

# FESTIVAL TOCA

Realizada em agosto de 2023, a quarta edição do Festival Toca teve como homenageada a cantora e compositora Dona Ivone Lara, reunindo diversos compositores e representantes do cenário musical brasileiro para a oferta de shows, mesas de debate, mostra de filmes e intervenções artísticas. Na celebração também foi entregue o Prêmio Toca, iniciativa que prestigia cinco canções de autorias femininas.

JU CHALITA

# AÇÕES DO G20

## O MAR COMO ESPAÇO DE DIÁLOGO GLOBAL NO ANO DO G20

Durante o ano de 2024, quando o Brasil sediou a Cúpula do G20, o Museu de Arte do Rio (MAR) se destacou como um espaço estratégico de diálogo, escuta e convergência de agendas globais. Sob a gestão da Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), o

WESLEY SABINO

MAR estruturou toda a sua programação em alinhamento aos temas prioritários do G20 Social.

A atuação da OEI como gestora do MAR e correalizadora do G20 Social foi decisiva para reposicionar o museu como um equipamento cultural conectado aos grandes debates internacionais. Ao longo de 2024, a programação do MAR esteve centrada em eixos como justiça social, equidade de gênero, valorização das mulheres nas artes e visibilidade dos povos indígenas, em diálogo com as pautas discutidas nas plenárias e eventos paralelos do G20.

Exposições como Atlântico Floresta, concebida especialmente para o período da cúpula, abordaram as ancestralidades afro-indígenas, os atravessamentos coloniais e os desafios contemporâneos dos territórios e das populações originárias, reforçando o compromisso do museu com pautas históricas e

urgentes. Simultaneamente, a exposição FUNK: Um Grito de Ousadia e Liberdade e outras mostras voltadas ao protagonismo feminino e às expressões periféricas ampliaram vozes historicamente invisibilizadas e reafirmaram o MAR como um museu em sintonia com seu território e com o seu tempo.

A localização do MAR, na Praça Mauá, foi também simbólica. O local foi escolhido como palco da Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, evento central do G20 Social, e recebeu autoridades políticas nacionais e internacionais de grande relevância. O MAR acolheu lideranças globais, representantes de Estados-membros e organizações multilaterais, que visitaram suas exposições, participaram de encontros e vivenciaram experiências culturais capazes de sensibilizar e inspirar soluções coletivas.

Assim, o MAR, sob a gestão da OEI, consolidou-se como protagonista cultural no contexto do G20, promovendo conexões entre arte, política, território e transformação social. Sua atuação em 2024 reafirma o papel dos museus como agentes ativos na construção de um futuro mais justo, diverso e sustentável — tanto local quanto globalmente.

# WOW - MULHERES DO MUNDO

Entre os dias 16 e 18 de novembro, o MAR recebeu mais uma edição do Festival Mulheres do Mundo, com curadoria da Redes da Maré e que tem como modelo o Festival Women of the World (WOW), para proporcionar mais reflexões acerca das pautas femininas, fomentar o debate, a conexão entre diferentes mulheres e realidades, celebrando suas conquistas e exaltando os progressos que as levaram a alcançar feitos na sociedade, seja de forma coletiva ou individualizada. O principal objetivo é fazer com que o universo feminino conquiste cada vez mais espaços. Entre as atrações, estavam a M.C. Carol e as cantoras Alcione e Marina Sena.

# FLUP NO MAR

É importante lembrar também a presença da Flup no MAR. Em sua 11ª edição, no ano de 2022, a Festa Literária das Periferias (Flup), realizou a exposição Pixinguinha e o Modernismo Negro. A mostra ofereceu aos visitantes a oportunidade de acesso a uma expressiva coleção de fotos, cartazes, reportagens e obras raras do artista e de outros nomes que se inspiraram no trabalho do compositor considerado o arquiteto do Modernismo Negro no Brasil. As homenagens a este ícone da música popular brasileira também marcam o ano de celebração do centenário da Semana de Arte Moderna de 1922.

Em 2023, foi a vez de a Flup receber a exposição Gira da Poesia: 15 anos de Slam no Brasil, que reuniu olhares sobre a trajetória do “poetry slam” desde a sua chegada ao Brasil, em 2008, até os dias atuais.

# CO.LIGA

Ao longo dos últimos quatro anos, diversas instituições se firmaram como importantes parceiros em ações de longo alcance no Museu de Arte do Rio.

Um deles é a Escola Digital de Economia Criativa (co.liga), criada em 2021, que conecta jovens, profissionais e empresas dos mais diversos espaços de atuação, por meio de uma plataforma digital que oferece cursos gratuitos nas áreas das artes visuais, música, multimídias, design, patrimônio cultural e tecnologias. Marinho, que cooperam para a oferta de educação, ciência e cultura com vistas ao desenvolvimento integral e sustentável. Em 2022, a co.liga também promoveu uma série de oficinas no MAR aos visitantes que participaram do Festival LED, evento do Movimento LED – Luz na Educação, que reconhece e premia práticas inovadoras na educação brasileira.

BEATRIZ GIMENES

# TRIBOQ PRIDE FESTIVAL

O Tribal Pride Festival marcou o ano de 2022. Considerado um dos maiores festivais de orgulho da identidade de gênero já realizado no Rio de Janeiro, o evento, que contou com o apoio do MAR, recebeu cerca de 115 mil pessoas ao longo de seis dias de apresentações, em uma programação totalmente voltada à celebração da comunidade LGBTQIA+.

A arquitetura superior do MAR se manteve acesa ao longo de todo o evento com uma iluminação especial nas cores do arco-íris, símbolo máximo da causa evidenciada pelo festival, que realizou shows ao vivo, paineis com especialistas e ativistas da comunidade LGBTQIA+ em um espaço ampliado para além dos muros do museu. A integração de música, dança e experiências audiovisuais ocupou toda a Praça Mauá.

FOTO: WESLEY SABINO

# MONET À BEIRA D'ÁGUA

Ainda no ano de 2022, a exposição "Monet À Beira D'Água" trouxe ao público do Rio um espetáculo original e inédito de projeções que traduz o legado de Claude Monet (1840-1926), ícone do Impressionismo. A exposição foi instalada em uma tenda de 15 metros de altura e mais de dois mil metros quadrados no Boulevard Olímpico, na Região Portuária. Na mostra, foi possível mergulhar em 285 obras licenciadas do pintor projetadas em paineis com sete metros de altura. Essa foi considerada a maior exposição multimídia de Monet do mundo em duração. Mais de 120 mil pessoas passaram pela tenda.

FOTO: BEATRIZ GIMENES

FOTO: THALES LEITE

# OEI E A IMPORTÂNCIA DA COOPERAÇÃO TÉCNICA NA GESTÃO DO MAR

A atuação da Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) na gestão do Museu de Arte do Rio (MAR) nos últimos quatro anos demonstrou a relevância da cooperação técnica como modelo de administração de equipamentos culturais. Diferente da gestão realizada por Organização Social (OS), o modelo de cooperação técnica adotado pela OEI garantiu não apenas a operacionalização do museu, mas também investimentos significativos em recursos humanos, tecnologia e infraestrutura, possibilitando a implementação de uma gestão mais eficiente e inovadora. Esse modelo de gestão só foi possível por meio de um acordo firmado entre a Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal de Cultura (SMC), e a OEI, reforçando o compromisso do poder público com a cultura e a educação.

A OEI investiu não só em um modelo administrativo robusto, mas também no desenvolvimento estratégico e das equipes, na modernização de alguns processos e na ampliação da sustentabilidade financeira do museu. Durante esses quatro anos, alcançamos resultados expressivos que reforçam a relevância desse modelo. Realizamos inúmeras exposições e itinerâncias, garantindo um museu mais dinâmico e acessível, e consolidamos o compromisso com a democratização da cultura por meio de ações que ampliaram a representatividade dos artistas e dos territórios contemplados em nossas iniciativas.

A capacidade dessa gestão em estabelecer parcerias estratégicas foi determinante para garantir uma programação diversificada, rica e sustentável financeiramente. As parcerias firmadas permitiram que o MAR promovesse experiências culturais inovadoras, assegurando um equilíbrio entre qualidade artística e viabilidade econômica. Projetos foram levados para além das fronteiras do museu, alcançando territórios vulneráveis e diferentes públicos, consolidando o MAR como um polo cultural dinâmico, inclusivo e engajado com a realidade da cidade.

Com a chegada da OEI, em dezembro de 2020, um modelo de liderança mais centralizado foi proposto para garantir que as cargas operacionais necessárias a devida relevância em uma estrutura fragilizada pela falta de investimento público de governos anteriores e pelas consequências da pandemia de Covid-19. Dessa forma, todas as conquistas alcançadas nesses quatro anos contaram com apenas uma carga de direção executiva, demonstrando a eficiência e a assertividade da gestão adotada.

A internacionalização do museu também foi impulsionada nesse período, servindo como um pontapé para a ampliação de colaborações e intercâmbios que direcionaram projetos ambiciosos para o próximo ciclo de gestão. Esse movimento reforça o papel do MAR não apenas como um espaço expositivo, mas como um centro de referência em cultura e formação de profissionais para o setor.

A gestão realizada pela OEI consolidou o Museu de Arte do Rio como uma instituição comprometida com a inclusão, a formação e a inovação. Os avanços conquistados durante esse período reafirmam a importância da cooperação técnica como um modelo eficiente para a gestão de equipamentos culturais, garantindo perenidade, relevância e impacto social por meio da cultura.

# AGRADECIMENTO INSTITUCIONAL E NOVO CICLO DO MAR

O ciclo de gestão do Museu de Arte do Rio (MAR) entre 2020 e 2024, sob responsabilidade da Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), foi marcado por avanços estruturantes, fortalecimento institucional e intensa articulação em rede. Esse percurso só foi possível graças ao compromisso de lideranças que, em diferentes momentos, acreditaram na potência da cultura como vetor de transformação social.

Agradecemos de forma especial a Leonardo Barchini, que atuou como diretor da OEI entre 2023 e 2024, período em que consolidou o papel da organização na gestão do MAR e liderou a expansão do modelo de cooperação para outros equipamentos culturais, como os que passaram a ser geridos em Salvador. Essa ampliação permitiu ao museu experimentar itinerâncias para outras regiões do país e fortalecer a cultura de articulação entre instituições públicas e organizações da sociedade civil.

No âmbito da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, expressamos nosso reconhecimento às gestões que estiveram ao lado da OEI na construção e sustentação dessa parceria. Marcus Faustini foi fundamental na ampliação do alcance do MAR para territórios como Madureira; Marcelo Calero viabilizou parcerias importantes e trabalhou para garantir a continuidade da cooperação entre OEI e SMC; e Lucas Padilha, que coordenou a agenda do G20 no Rio em 2024 e atualmente está à frente da Secretaria Municipal de Cultura, segue como parceiro estratégico nesse novo ciclo.

Aproveitamos para agradecer também à Sandra Sérgio, que esteve à frente da Direção Executiva do MAR durante os últimos quatro anos. Sua atuação foi essencial para estruturar e conduzir essa fase da gestão, fortalecendo o museu em diferentes dimensões.

Equipe MAR.

# FICHA TÉCNICA

**RELATÓRIO**

**Marcelo Henrique Andrade**
Coordenação Editorial

**Bruno Albertim**
Textos

**Priscilla Casagrande**
**Renata de Almeida**
Pesquisa

**Matheus Silva**
Dados

**Flávia Miranda**
Projeto Gráfico / Diagramação

**Bernard Gotelip**
Ilustração da capa

**Beatriz Gimenes**
**Cris Lucena**
**Wesley Sabino,**
**Thales Leite**
Fotografia

**Marcelo Henrique Andrade**
**Matheus Silva**
**Sanda Sérgio**
Revisão

**ORGANIZAÇÃO DE ESTADOS IBERO-AMERICANOS (OEI)**

**MUSEU DE ARTE DO RIO**

**Mariano Jabonero**
Secretário-Geral da OEI

**Raphael Callou**
Diretor-Geral de Cultura da OEI

**Rodrigo Rossi**
Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil

**Amira Lizarazo**
Coordenadora de Administração e Finanças da OEI no Brasil

**Sandra Sérgio**
Diretora Executiva do MAR
Coordenadora de Projetos Especiais da OEI no Brasil

**Telma Teixeira**
Coordenadora de Cooperação e Desenvolvimento da OEI no Brasil

**Leandro Bertoletti**
Gerente de Comunicação da OEI no Brasil

**Luiz José da Silva**
Gerente de Administração da OEI no Brasil

**Fábio Ferreira Mendes**
Gerente de Tecnologia da OEI no Brasil

**GERENTES E COORDENADORES**

**Alexandro Lima**
Coordenador-geral de administração
- até julho de 2024

**Gabriela Castilho**
Coordenadora-Geral de Administração

**Marcelo Henrique Andrade**
Coordenador de Comunicação

**Patrícia Marys**
Coordenadora de Educação e Escola do Olhar

**Marcelo Campos**
Curador Chefe

**Amanda Bonan**
Gerente de Curadoria

**Andréa Zabrieszach dos Santos**
Gerente de Museologia

**Carla Cal**
Gerente de Relações Institucionais e Eventos

**Matheus Silva**
Gerente de Planejamento e Projetos

**Stella Paiva**
Gerente de Produção

**GERAL**

**Alan Martins**
Analista Financeiro

**Alverindo Borges**
Oficial de Manutenção Hidráulica

**Amanda Minguta**
Assistente Administrativa

**Amanda Rezende**
Curadora Assistente

**Ândrea Müller**
Assistente de Relações Institucionais

**Bernard Gotelip**
Supervisor de Design

**Bruna Nicolau**
Museóloga

**Caroline Silva**
Analista de Infraestruturas e Sistemas

**Cayo Lima**
Assistente Administrativo

**Clarice Saisse**
Educadora

**Claúdia Araújo**
Assistente Administrativo da Escola do Olhar

**Enzo Accioly**
Assistente Financeiro

**Felipe Viana**
Educador de Projetos

**Guilherme Carvalho**
Educador Pleno

**Hugo Pansini**
Assistente de Produção

**Isabela Cruz**
Assistente de Gestão de Acervo Museológico

**Iuna Patacho**
Produtor

**Jean Carlos Azuos**
Curador Assistente

**João Gabriel Peixoto**
Designer Gráfico

**Josecleiton dos Santos**
Oficial de Manutenção Elétrica

**Juliana Cazumbá**
Educadora

**Karen Merlim**
Bibliotecária e Documentalista

**Luana Santos**
Assistente de Gestão de Acervo Museológico

**Leo Albuquerque**
Produtor da Escola do Olhar

**Luciano Pereira**
Oficial de Manutenção Elétrica

**Marcos Inácio Meireles**
Supervisor de Montagem

**Maria Rita Valentim**
Educadora de Projetos

**Miguel Arthur**
Supervisor de Operações

**Nana Rosas**
Produtora da Escola do Olhar

**Nara Campos**
Bibliotecária e Mediadora Cultural

**Natan Cardoso**
Educador

**Nathan Gomes**
Assistente de Operações e T.I

**Nicholas Bastos**
Produtor

**Priscilla Casagrande**
Assessora de Imprensa

**Priscilla Souza**
Educadora de Projetos

**Priscila Zurita**
Assistente de Museologia

**Rafael Braga**
Analista de Relações Institucionais

**Renata de Almeida**
Assessora de Comunicação

**Renato Dias**
Montador

**Renato Vieira**
Produtor

**Rosinaldo José de Oliveira**
Oficial de Manutenção Hidráulica

**Saturno Douglas**
Produtor

**Tatiana Paz**
Educadora

**Thainá Nascimento**
Assistente de Projetos

**Thais Moura**
Produtor

**Thayná Trindade**
Curadora Assistente

**Verônica Vieira**
Produtor

**ATENDIMENTO**

**Nathália Gonçalves**
Supervisora de Atendimento

**Fernanda Cristina Cruz**
**Letícia Barbosa**
**Luara Victória Castro**
**Regina Barbosa**
**Thaís Carneiro**
**Yan Villarinho**
Assistentes Operacionais

**Arthur Dupim**
**Clara Hamamura**
**Dhandara Mariano**
**Firmino Pereira**
**Gabriel André**
**Gabriela Duarte**
**Jefferson Verissimo**
**Jonathan Soares**
**Juliana Antunes**
**Júnior Lima**
**Lennon Tibúrcio**
**Ludmyla Nascimento**
**Mylena Godinho**
**Rafael De Paula**
**Raquel Dos Santos**
**Reinan Queiroz**
**Silvia Amâncio**
Monitores

**ESTAGIÁRIOS**

**Alice Nascimento**
**Carol Nunes**
**Davi Arcoverde**
**Sthefany Lopes**
**Graziela Simões**
**Jaqueline Borges**
**Luís Gustavo Carmo**
**Taina Ribeiro**

**PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO**

**Eduardo Paes**
Prefeito

**Marcelo Calero**
Secretário Municipal de Cultura

**Ana Paula Teixeira**
Subsecretária de Gestão

**Mariana Ribas**
Subsecretária Executiva

**Flávia Piana**
Chefe de Gabinete – SMC

**Heloísa Queiroz**
Gerente de Museus

**CONMAR**

**CONSELHO MUNICIPAL DO MUSEU DE ARTE DO RIO**

**Luiz Chrysostomo**
Presidente

**José Roberto Marinho**
**Geny Nissenbaum**
**Hugo Barreto**
**Luiz Paulo Montenegro**
**Marcelo Calero**
**Paulo Niemeyer Filho**
**Pedro Buarque de Holanda**
**Ronald Munk**
**Eduardo Cavaliere**
Conselheiros

**IAC - INSTITUTO ARTECIDADANIA**
Correalização

**José Peixoto da Silveira Junior**
Diretor Presidente

**ANIMUS CONSULTORIA E GESTÃO**

**Michelle Ferraresso**
**Mariana Ximenes**
**Mariana Teixeira**
Consultoria e Gestão
Administrativa e Financeira

**CQS/FV - CESNIK, QUINTINO, SALINAS, FITTIPALDI E VALERIO ADVOGADOS**

**Fabio de Sá Cesnik**
**José Mauricio Fittipaldi**
**Aline Akemi Freitas**
**Flavia Manso**
Assessoria Jurídica

**SQUIPP CONSULTORIA E CONTABILIDADE**

**Neuseli Virgens**
Assessoria Contábil

# NOSSOS PARCEIROS 2024

MANTENEDOR

PATROCÍNIO MASTER

PATROCÍNIO

APOIO

PARCEIRO DE MÍDIA

GESTÃO

CORREALIZAÇÃO

APOIO

CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

# NOSSOS PARCEIROS 2023

MANTENEDOR

PATROCÍNIO MASTER

PATROCÍNIO

APOIO

PARCEIRO DE MÍDIA

APOIO ESCOLA DO OLHAR

GESTÃO

CORREALIZAÇÃO

APOIO

CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

# NOSSOS PARCEIROS 2022

# NOSSOS PARCEIROS 2021

FOTO: THALES LEITE

MUSEU DE ARTE DO RIO

GESTÃO

OEI

UM MUSEU DA PREFEITURA DO RIO

PREFEITURA RIO | Cultura